BOLETIM DA

SUPERINTENDÊNCIA DOS SERVIÇOS DO CAFÉ

SECRETARIA DA FAZENDA
SÃO PAULO • BRASIL

ANO XXVII • DEZEMBRO DE 1952 • N.º 310

COMMONWEALTH MYCOLOGICAL
2 APR 1953

AVISO

A partir do número de JANEIRO de 1953 será suspensa a remessa dêste Boletim a tôdos aquêles que até então não nos tenham comunicado o seu desejo de continuar a recebê-lo, e isso devido a ser muito antiga nossa lista de assinantes, muitos já possìvelmente inexistentes, ao passo que existem numerosos pedidos novos a serem atendidos.

A revistas e outras publicações congêneres, só será enviado o Boletim mediante permuta.

À

Superintendência dos Serviços do Café
(Secção de Estatística e Publicidade)
Largo da Misericórdia, 24, 3º andar
S. PAULO

Tomando conhecimento do aviso publicado na 2ª página de capa do vosso Boletim mensal, e sendo de nosso interêsse continuar a recebê-lo, vimos pedir a gentileza de suas providências no sentido de não nos ser sustada a remessa da aludida publicação.

Atenciosas saudações

a) .....

Enderêço:

.....

.....

Boletim da Superintendência dos Serviços do Café

(Publicado em continuação à "Revista do Instituto de Café")

Secretaria da Fazenda do Estado de São Paulo

Redator-Chefe: J. TESTA
Sede: Largo da Misericórdia, 24

Ano XXVII | DEZEMBRO DE 1952 | Número 310

Sumário

COLABORAÇÃO:
A mineração do "húmus" — J. Testa
Restauração das lavouras cafeeiras — William Wilson Coelho de Souza
A agricultura africana vista por um agrônomo brasileiro — O. T. Mendes Sobrinho
Contabilidade agrícola e pastoril — J. Bemelmans
RESUMOS E TRANSCRIÇÕES:
A África e o Brasil
Entusiasmado um correspondente norte-americano com o progresso do Paraná.
Mercado cafeeiro holandês
A colheita de café
Decreto n.º 21.866, de 19 de novembro de 1952
Criação de uma carteira contra o granizo na lavoura do café
Safra cafeeira paranaense
O café visto nos Estados Unidos (Cartas semanais do Escritório Pan-Americano do Café — Nova York)
Meios de recuperação da lavoura cafeeira
ESTATÍSTICAS:

NOSSA CAPA: — Vultos eminentes da Cafeicultura no Brasil:

JOÃO DA MAIA DA GAMA 1676-1731 — E' o primeiro nome da crônica nacional do café. À sua visão de estadista deve-se o Regimento passado ao então Sargento-Mor Francisco de Melo Palheta instruindo-o sôbre negócios com a Guiana Francesa e incumbindo-o de trazer, daquela possessão, sementes de café cuja exportação era alí proibida e que vieram a ser as primeiras plantadas no solo brasileiro.

F. DE MELO PALHETA 1670-1733 — Sargento-Mor e depois Capitão-Tetente-de-Guarda-Costa da Amazônia. Explorador do Rio-Mar, subiu até o Madeira e contribuiu para alargar os domínios portugueses na América. Chefe da expedição à Guiana Francesa em 1727, coube-lhe ter trazido daquela possesão as primeiras mudas e sementes de café para a Província do Grão-Pará. Francisco de Melo Palheta foi, também, um dos primeiros cafeicultores brasileiros.

FREI VELOSO 1741-1811 — Frei José Mariano da Conceição Veloso, autor da monumental "Flora Fluminensis" e fundador da botânica brasileira. Atribui-se-lhe papel precípuo como incentivador da cultura do café no Rio de Janeiro. Minas Gerais, sua terra natal, considera-o introdutor da "coffea" em seu território. Deve-se-lhe a publicação da primeira obra, em português, sôbre o café — "O Fazendeiro do Brasil".

Enxada Dragão

prova *na terra* o seu valor!

Experiências feitas no *trabalho da terra* provam que a Enxada DRAGÃO dura mais que qualquer outra! E rende também mais, porque resiste, aos choques e está sempre afiada, apresentando um equilíbrio que facilita o trabalho e evita o cansaço provocado pelas enxadas comuns. De polimento e acabamento perfeitos, mantém-se *nova* por muitas e muitas safras. Trabalhe melhor seu torrão com a Enxada DRAGÃO.

Enxada Dragão

Se notar qualquer defeito na Enxada DRAGÃO, ela será trocada por outra, inteiramente nova e perfeita!

Fabricada e garantida pela

Cia. Mechanica e Importadora de São Paulo

fabricantes há mais de meio século

RUA FLORÊNCIO DE ABREU, 210 - TEL. 32-7185 - SÃO PAULO

De acôrdo com uma praxe geralmente adotada, este Boletim não se responsabiliza pelos conceitos emitidos em artigos de colaboração, ou transcritos de outras publicações.

Colaboração

PEDIMOS AVISAR QUALQUER ALTERAÇÃO DE ENDEREÇO

PERSIANAS **SUNLIGHT** LTDA.

Rua Xavier de Toledo, 266 - 9.º andar - salas 95 e 96

Fone: 32-9579 - São Paulo

A MINERAÇÃO DO "HÚMUS"

J.TESTA

(Da Superintendência do Café)

Há quatrocentos e cinquenta anos que se vem fazendo, generalizadamente, no Brasil, a **mineração** do húmus. E, há uns dez, apenas, se vem praticando entre nós, muito reduzida e escassamente, uma agricultura científica que, ao envés de ir seguindo e consumindo o "filão" de húmus, o vá restaurando. Dir-se-ia que o húmus era demasiado e as florestas hostis, pela sua extensão e impenetrabilidade. Talvez o fossem, ao menos em certas áreas. Hoje, porém, o que vemos é o oposto. Não é necessário percorrer de avião nosso imenso **hinterland**, pois mesmo à margem das rodovias e ferrovias quem tem olhos de observador pode ver um quase deserto, constituido de campos sáfaros e cerrados ressequidos, solo erosado e infértil, sem sombras, sem chuvas, sem aves, onde outrora foi a terra de Canaan.

— A que se deve tudo isso? — Aos dois grandes instrumentos agrícolas do Brasil: o machado e a caixa de fósforos.

Falando há poucos dias, para as classes conservadoras do Rio de Janeiro, o Governador de S. Paulo teve uma expressão feliz para caracterizar a nossa agricultura: "garimpagem agrícola". É uma verdade. Nossa agricultura (não falando já da pecuária) é constituida de "garimpos". **Bateado** o húmus da região e cortadas as matas, passa-se adeante, em **rumo ao oeste.** Pràticamente, só um garimpo resistiu até hoje: o de Campos, cujo húmus, trazido pelas aluviões do Paraiba, parece eterno.

* * *

É bem verdade que a agricultura já se vai tornando científica, no Brasil, e especialmente em S. Paulo. O combate à erosão, a adubação racional, principalmente com matéria orgânica, produzida em quantidade "industrial", a seleção de sementes e de plantas, a mecanização, o combate às pragas e moléstias, a própria irrigação, já se vão tornando práticas correntes. Todavia, não é menos certo que sòmente uma elite de lavradores, os de mais cultura, mais arrojo e mais possibilidades, vêm pondo em uso êsses processos. A **mineração** do húmus prossegue, desenfreada, impiedosa, implacável. Tôdo o imenso centro-oeste (norte e oeste do Paraná, oeste de Santa Catarina, sul, centro e norte de Mato Grosso, sul e centro do Goiás, vale do Rio Doce, em Minas e Espírito Santo) é uma zona de derrubadas frenéticas, de plantio acelerado e rotineiro. Dá pena ver regiões abertas há menos de vinte anos á civilização: se não estão localizadas em manchas de terra profundas e planas, o progresso do cerrado e da "barba de bóde" é evidente...

Nessa marcha heroica mas predatória, muitos poemas de abnegação de arrojo, de sofrimento, de tenacidade têm sido escritos. Sem êsses

rudes desbravadores, os dois e meio bilhões de cafeeiros do Brasil não existiriam, nem a pecuária, as cidades, as ferrovias, tudo o que creou êsse pioneirismo. E compreende-se a necessidade de cortar as matas demasiado agressivas, a desnecessidade do adubo, na terra virgem, a impossibilidade de obter assistência têcnica perfeita. O que se não compreende, todavia, é que, **por la razon o por la fuerza,** não se imponham pelo menos duas cousas: o plantio em curvas de nível, com proteção do solo, e a manutenção de uma certa porcentagem de matas.

* * *

Sabe-se que, na classificação dos países pela prioridade das fontes de energia que utilizam, encabeçam a lista, usando mais porcentagem de força elétrica que outra qualquer, a Noruega, o Canadá, Suiça e a Itália. Vêm, depois, os que têm predominância de petróleo, de hulha, de lenha, e, finalmente, de energia manual... Entre êsses, ao lado da Índia e da China, figura o Brasil. Limpa, silenciosa, potente, barata, inextinguível, a eletricidade é, por certo, a melhor fórma de energia que o homem domou até agora. Mas a hulha e o petróleo, que são os pais da siderurgia, da aviação e do automobilismo, não se deixam vencer. Entre nós, todavia, o que escapa da energia muscular é constituido pela lenha. Nosso carvão não é dos melhores e é pouco. Quanto ao petróleo, êle é **nosso**... assim como as quedas do Iguaçú ou de Guaíra!

Graças a êsse primitivo sistema, onde, pràticamente, a única forma de energia não humana é a lenha, a destruição das matas é tremenda. Acontece, porém, que o gasto que se faz sem necessidade é maior ainda que o necessário. Fazem-se queimadas enormes para plantar meia dúzia de pés de milho, ou mesmo por descuido, por má exploração das madeiras, por má orientação. Nêsse ponto é que precisava intervir a ação dos poderes públicos, ao mesmo tempo educativa e coercitiva.

* * *

Os grandes troncos de peroba e de cabreúva, ipê e de jacarandá com que se construiram as rudes casas da S. Paulo quinhentista eram cortados às margens do Anhangabaú e do Tietê. Hoje, vêm das margens do Paranapanema e do Paraná, a 900 quilômetros de distância... Mas não é só isso: não obstante haver cientistas que discordem do papel das florestas em relação à pluviosidade, ninguém contesta o efeito retentor das matas sôbre a água provinda dessas mesmas chuvas. O interior de S. Paulo, de Minas e de outros Estados vizinhos já vem sentindo, cada vez mais, em sêcas cada vez mais intensas, o efeito do desmatamento de tôda a região. Porém, a mais concludente prova é a oferecida pela cidade de Londrina, no norte do Paraná, que teve seus mananciais reduzidos em cêrca de 80%, desde a época de sua fundação. Aliás, é evidente: se a água das chuvas não encontra um terreno "mata-borrão" que a retenha, ela se escoa em pequena fração de tempo. Uma água que levaria mêses a se infiltrar no solo e a se evaporar lentamente, mantendo húmido o ar, escoa-se

em poucas horas ou poucos minutos, lavando o solo e deixando-o tão sêco quanto antes da chuva.

* * *

Nossa "agricultura" (dir-se-ia, melhor, que é ela uma atividade **extrativa**) vem marchando de leste a oeste, há quatrocentos e cinquenta anos, deixando atrás de si o deserto, as "cidades mortas", de que nos fala o creador do "Jeca Tatú". São mais de dois mil quilômetros de **mineração** à superfície. São bilhões de árvores destruidas, bilhões de toneladas da nata de nossas terras que foram carreadas pelo Paraná e seus afluentes, para fertilizar a mesopotâmia argentina. As **cidades mortas** são hoje centenas: S. João Marcos, Angra dos Reis, Caixas, Estrela, Itaboraí, Bananal, Areias, Parnaiba, Itapecerica... É claro que se não deveria ficar eternamente a "arranhar o litoral, como caranguejos". A marcha para oeste, que reduziu as Missões e ampliou Tordesilhas, tinha que ser feita. E nem deve ser tolhida. Mas, deve ser disciplinada. E cumpre crear, paralelamente, um refluxo para leste. As terras **velhas,** mais perto do litoral, e onde se encontram as melhores cidades e fazendas, têm que revivescer. Aqui se encontram as melhores ferrovias e rodovias, os melhores climas, as melhores aguadas, muitas das melhores estradas, tôda uma rêde de escolas e de fàbricas, tôdo o progresso, emfim, que conseguimos crear, nêsses quatro e meio séculos. Tudo isso não póde perecer. A **marcha para leste** deve ser feita. E a **mineração do húmus** deve cessar.

MUDAS DE CAFÉ

bem assim como de plantas frutíferas e ornamentais V. S. encontrará na firma

DIERBERGER AGRÍCOLA LTDA.

Fazenda Citra

Caixa Postal, 48 — LIMEIRA — Estado de S. Paulo

LISTAS DE PREÇOS, FOLHETOS E ORÇAMENTOS SERÃO REMETIDOS GRATUITAMENTE A QUEM OS SOLICITAR

RESTAURAÇÃO DAS LAVOURAS CAFEEIRAS

William Wilson Coelho de Souza
pelo Eng. Agron.

O número de cafeeiros em todo o Brasil diminuiu de mais de dois terços e a produção de mais de metade. Daí não termos café e precisar plantá-lo.

A alta dos preços do café é o indício veemente da falta do produto nos mercados de exportação e de consumo. E ela tem animado o desejo de formação de novas lavouras em todos os Estados produtores e até estimulado aos lavradores de outras unidades da federação, que não eram produtoras.

Lastimável, nesse movimento renovador, é que se estejam iniciando lavouras cafeeiras por tôda parte, repetindo os erros seculares em tôrno desta cultura, a começar pela derribada das matas.

Na Secretaria da Agricultura do Estado do Rio de Janeiro, nos trabalhos executados pelo Plano de Restauração de Culturas Permanentes, tivemos ocasião de adotar novos métodos na cultura cafeeira.

Trouxemos para os lavradores fluminenses os resultados comprovados da experiência, como chefe do Fomento da Companhia Mogiana de Estradas de Ferro. Como se sabe, as linhas dessa via férrea cortam os territórios paulista e mineiro e ao longo de suas margens, foram restaurados cêrca de um milhão de cafeeiros. A recuperação do solo se fêz aplicando as práticas de conservação do solo, entre elas — a construção dos "cordões de contôrno", que representam curvas de nível, traçadas no solo das velhas lavouras e sôbre as quais abrem-se valas de 0,m60 de profundidade e 0,m50 de largura. Isso é o bastante para no fim de um ano as lavouras reagirem, porque as valas armazenam as águas de chuvas e a humidade dissolve os sais arrastados por lixiviação para os horizontes mais profundos do solo.

Nas lavouras formadas, a defesa do solo é seguida da sua rehumificação, plantando-se uma leguminosa anual, preferentemente o **Feijão de Porco ou a Crotálaria-júncea.**

Na formação das lavouras novas, dispensa-se a derribada das matas. São utilizadas as terras velhas, de invernadas, de culturas anuais ou de antigas lavouras cafeeiras. Naturalmente no estado de abandono em que se encontram tais terras, nem mesmo empregando o estrume de cocheira nas covas se conseguiria formar uma lavoura cafeeira.

Conseguimos formar cafèzais em terras velhas, pelo conjunto de medidas que adotamos, e que são: 1.º a marcação ou a construção das curvas de nível, cujo objetivo é defender o solo contra a erosão; 2.º) como as terras velhas tornaram-se ácidas, preconizamos como segundo ponto fundamental do sistema a neutralização da acidez, empregando-se a cal, e recomendamos de preferência a cal de mariscos, que é de ação

mais lenta e por isso mesmo melhor, e na proporção de cem gramas em cada cova; 3.º) outro ponto importante é representado pelas covas; nas plantações comuns dos colonos as sementes ou as mudas de café são colocadas em covas rasas, mas no método que adotamos são profundas, de 0,m50 por 0,m40 x 0,m40. Em tal superfície as mudas encontram a humidade das paredes, a luz coada pela arapuca do alto da cova e o calor, que completa o ambiente favorável à vida das plantas; 4.º) um mês depois da calagem adubam-se com esterco de curral as covas e colocam-se no fundo as sementes ou as mudas.

Por êsse processo foram plantados em Guaxupé-Minas Gerais, sessenta mil covas. No Estado do Rio, realizaram-se trabalhos semelhantes em duas fazendas do Govêrno, em Italva e em Conceição de Macabú, plantando-se cêrca de 9.000 covas em cada uma; com dois anos de plantados, êsses cafèzais deram a primeira colheita. Outras plantações realizaram-se em fazendas particulares. Citaremos duas em pontos extremos do Estado, de condições diferentes de solo e de clima: — uma na Fazenda Floresta, do Sr. José Garcia de Freitas, em Itaperuna e outra no sítio Jaguara em Petrópolis, Distrito de Águas Claras, do Dr. Roberto Pouchoucq, onde já se acham plantadas mais de 32.000 covas; a primeira parte plantada, a qual conta um ano, se acha em franca produção.

O sistema que adotamos tanto para restaurar as lavouras existentes, como para a formação de novas culturas, culmina pelo sombreamento, provisório e definitivo. No primeiro caso emprega-se a leguminosa colombiana denominada Dorancé, que tanto protege o cafeeiro, quanto o Ingàzeiro. Plantam-se ao mesmo tempo as três espécies. O Ingàzeiro faz o sombreamento definitivo, é de caráter permanente: deixa cair de 2 a 4 quilos de folhas por metro quadrado e por ano; a camada de folhiço apresenta 0,m25 a 0,m35 de espessura, e o sombreamento protege contra as intempéries, inclusive a erosão, e rehumifica o solo. Continuaremos nossa análise.

RESTAUREM SEUS CAFÈZAIS COM AS MISTURAS "POTAC"

FOSFATO BICÁLCICO
38/42% P205

ADUBOS POTAC

CIANAMIDA CÁLCICA
20/21% N.

Adiantem sua primeira colheita adubando a plantação com as misturas especiais "POTAC".

Enriqueçam seu composto com CIANAMIDA CÁLCICA, FOSFATOS E POTASSA.

POTASSA E ADUBOS QUÍMICOS DO BRASIL S. A.
Rua Florêncio de Abreu, 36 — 5.º andar — Telefone: 36-6163 — São Paulo

A AGRICULTURA AFRICANA VISTA POR UM AGRÔNOMO BRASILEIRO

O. T. MENDES SOBRINHO

Engenheiro-Agrônomo, Subdivisão de Estações Experimentais, Instituto Agronômico, Campinas.

(continuação)

3.5.2.2 — A CULTURA DO CAFÉ

3.5.2.2.1 — HISTÓRIA E ORIGEM DO CAFEEIRO

Datam de 1896 as notícias da introdução do cafeeiro em Quênia, mas a sua cultura começou a ter significação econômica pouco antes da guerra mundial de 1914/18. Até por volta de 1909, o cafeeiro só era cultivado pelos missionários católicos francêses e pelos indígenas, de quando em diante alguns britânicos começaram a se entregar às atividades de plantadores de café, confiantes no futuro da cultura e da colônia. A grande guerra provocou uma paralização na expansão cafeeira, mas cessada a luta na Europa, as plantações retomaram a sua marcha com revigorada energia, resultante da corrente de colonos inglêses que deixavam a sua pátria para se fixar nas terras altas de Quênia, como agricultores. O estabelecimento dos reinois naquela parte da África negra foi estimulado pelo govêrno imperial, através do "Soldier Settlement Scheme", plicado em 1919, para compensar patriotas de 1914. O plano de emigração extendeu-se a Uganda e Tanganica que, após a guerra, ficou sob a condição de "Mandato Britânico" por delegação da Sociedade das Nações. Em 1930, sob influxo dos fatôres citados, as plantações do café **arabica,** nos três países continentais da África Oriental Inglêsa, cobriam uma superfície de 81.000 ha. Essa área, se plantada em São Paulo e pelos nossos métodos de cafeicultura de colonização, poderia contar 70.000.000 de cafeeiros. Nessa arrancada cafeeira os plantadores inglêses na África se deixaram tomar pelo entusiasmo e não deram a necessária atenção à questão da altitude para o estabelecimento das plantações. E, o resultado, foi a devastação dos cafèzais plantados em terras abaixo de 1.500 m, principalmente pela **Hemileia vastratix** e pelo **Antestia lineaticolis** e outras moléstias e pragas. A situação que já era de calamidade, passou a assumir aspecto trágico com a debacle cafeeira de 1929. Mesmo assim, o café liderou a exportação de Quênia até o quinquênio 1943/47, no decorrer do qual começou a perder a sua primasia para as fibras de sisal.

Foram os padres da missão católica de Santo Agostinho, estabelecida próxima a Nairobi que, em 1900, para ali levaram sementes de café, provàvelmente procedentes das Ilhas Reunião e estabeleceram o primeiro cafèzal de Quênia. A plantação alcançou grande sucesso, mediante o qual aquêles missionários ampliaram suas culturas e procuraram incrementá-la entre os nativos.

A estatística oficial nos revela a seguinte marcha da cafeicultura em Quênia, a partir de 1927, em hectares (desprezadas as dezenas):

1927 — 27.900	1934 — 41.400	1941 — 34.800
1928 — 33.600	1935 — 41.700	1942 — 34.000
1929 — 36.500	1936 — 42.100	1943 — 33.000
1930 — 38.900	1937 — 42.400	1944 — 32.400
1931 — 39.200	1938 — 39.000	1945 — 31.600
1932 — 40.100	1939 — 36.100	1946 — 30.900
1933 — 40.700	1940 — 35.600	1947 — 26.100

Em 1950, a área plantada com cafeeiros estava mais reduzida ainda: 24.300 ha, distribuídos por 500 plantadores, entre europeus e nativos. O espaçamento médio em Quênia é o de 9 x 9 pés, ou sejam, pràticamente 3m x 3m. Com base nesse compasso, verifica-se que em 1950, o país possuia 27.000.000 de cafeeiros, individuais, plantados pelo sistema de um pé por cova. Quando visitamos Quênia, a safra prevista era de 10.000 toneladas de café comerciável. Notícias posteriores confirmaram o quase acêrto da estimativa, pois a produção do país foi, naquêle ano, de 170.000 sacos de 60 quilos. A contribuição da produção nativa, de café arábica prevista, era de 30.000 sacos, representando 17% da produção total de café arábica da colônia.

Com base na existência de 27.000.000 de cafeeiros (1.100 p/ha), e na safra de 170.000 sacos de café beneficiado de Quênia, verifica-se que as médias de produção naquêle país, segundo o nosso critério, foi por mil pés, números redondos, de: 18 sacas de café em côco, ou 6 beneficiados de 60 quilos, ou ainda, 24 arrobas por mil cafeeiros. Produção, como se vê, muito baixa, mesmo em comparação com a decadente cafeicultura paulista e que só logra deixar lucro em consequência dos baixos salários correntes na África.

3.5.2.2.2 — ESPÉCIES E VARIEDADES CULTIVADAS

A rigor, pode-se dizer que em Quênia só se cultiva a espécie **C. arabica.** O café **Robusta** é representado por esparsos lotes de cafeeiros, de indígenas, à margem do Lago Vitória e de significação econômica muito modesta.

a) **VARIEDADES DE C. ARABICA** — Os cafeeiros desta espécie se agrupam sob duas denominações locais. O **bourbon** reune as variações dos primitivos cafeeiros com os quais os missionários de Santo Agostinho inauguraram a cafeicultura queniana, por meio de sementes levadas das Ilhas Reunião. Os cafeeiros desta variedade são identificados pelas seguintes características morfológicas: pouca flexibilidade dos ramos laterais primários; ramificação secundária reduzida; fôlhas verdes, brilhantes. A var. **Niassalândia** reune as variações originais das sementes importadas da Niassalândia, que se distinguem da anterior pelas seguintes caractérísticas: hastes horizontais primárias, longas, flexíveis e às vêzes até pendentes; farta ramificação lateral secundária; fôlhas novas bronzeadas. Esta última característica tem emprestado às variações do Niassalândia as denominações de "bronzeado", ou

ainda, de **"LOCAL BRONZE"**. Com esta última designação a vimos também na Província de Quivú, no Congo Belga. Pareceu-nos que em Quênia se estabelece certa confusão quanto ao tipo "bronzeado", pois ouvimos cafeeicultores e agrônomos, dando êsse mesmo nome a cafeeiros que, segundo êles, é um híbrido obtido das plantações da missão católica de Santo Agostinho. Pelo que pudemos constatar, os cafeeiros de Quênia são provàvelmente derivados de cruzamentos entre o "Bourbon" e o Niassalândia" primitivos.

Posteriormente, foram feitas as seguintes introduções de cafeeiros da Guatemala, Jamaica, Índia e de Harrar, na Abissínia:

Harrar — Importada do distrito do mesmo nome, na Abissínia, por volta de 1931, tendo-se revelado produtora de café de boa bebida, dá-se bem nas áreas menos chuvosas do "highlands".

Amfillo e **Geisha** — importadas da Abissínia em 1936, não têm tido a mesma proferência dos plantadores que o café de Harrar.

Blue Mountain — Esta variedade reune mais duas outras que lhe tomam o nome e que particularmente são também chamadas "Guatemala" e "Padang".

Kent — É bastante difundida em Quênia e foi importada da Índia. Os inglêses têm êste café na conta de resistente às sêcas que ocorrem no "Highlands"; dá-se bem em regiões de menor altitude.

b) **VARIEDADES DO CAFÉ ROBUSTA** — As pequenas culturas de Quênia, dessa espécie, são os cafèzais do mesmo **Coffea canephora** de Uganda, a que já nos referimos.

3.5.2.2.3 — ZONAS CAFEEIRAS

A zona que reune melhores condições de vida para o cafeeiro, especialmente as de ordem climática, acha-se à margem oriental do Rift Valley. Não obstante, há boas culturas ao fundo do Rift, próximas de Nacuro. As localidades de Quiambu, Thica, Ruiru, Macuiu, Macacos, Cabete e Nieri, acham-se no "Highlands" e constituem o centro da cafeicultura do país, invariàvelmente em mãos de europeus. Contudo, para os lados da fronteira com Uganda, nas fraldas do Monte Elgon, na Província de Nianza, próximo a "Chapelungue Reserve", está sendo aberto um novo núcleo cafeeiro pertencente aos nativos. A espécie cultivada é **C. arabica** e os cafèzais são os únicos pertencentes aos nativos em Quênia. Na mesma província, à beira do lago, no Golfo de Cavirondo, há pequenas culturas indígenas de café da espécie **canephora.** Em Quênia, o centro agrícola dos colonos brancos é a cidade de Nacuro, no fundo do Rift Valley, mas a capital do café é Nairobi.

3.5.2.2.4 — TIPO DE PROPRIEDADE E SISTEMA DE EXPLORAÇÃO

A fazenda de café em Quênia varia em tamanho, de 20 a 80 ha, ou de 8 a 34 alqueires de 24.200 m2.

Em Quênia, constituiu objeto do programa elaborado para a nossa estada no país, uma visita à fazenda do Sr. P. T. H. Coldham, em Quiambú, a 15 km a noroeste de Nairobi, em pleno coração da cafelândia

queniana. O sr. Coldham é o pioneiro da cafeicultura de Quênia (pois plantou a sua primeira lavoura em 1904) e o seu cafèzal pareceu-nos desfrutar no país, das honras de paradigma dos plantadores de café. Talvez com razão, porque o zêlo com que trata a sua plantação em nada fica a dever ao dos nossos melhores cafeicultores. As fazendas dos inglêses constituem modêlo de organização financeira, e a disciplina. Contudo, a nossa impressão é de que a diferença do cafèzal do Sr. Coldham para os demais é grande. Passamos para êste artigo as notas apontadas na visita à plantação de Quimbú, transmitindo uma impressão geral sôbre o tipo da propriedade cafeeira do país e sistema de exploração da respectiva cultura.

A) **CARATERIZAÇÃO DA PROPRIEDADE, SITUAÇÃO GEOGRÁFICA** — Pouco mais de 1ºLS, Província Central, Distrito de Quiambú. **ALTITUDE** — 1815 metros acima do mar. **SOLO** — Vermelho — à simples vista — como as nossas terras roxas. TOPOGRAFIA — Ligeiramente acidentada. TEMPERATURA — Média anual de 18ºC, mínima de 10ºC e máxima atingindo 30ºC. Inverno e verão coincidindo mais ou menos com os nossos. A temperatura em si, não é excessiva, mas o grande inconveniente para o cafeeiro é a variação da amplitude térmica nas 24 horas do dia. Segundo Sr. Coldham, há ocasião em que a diferença entre a temperatura mínima e a máxima chega a ser de 25ºC em um espaço de tempo relativamente curto: 30ºC às 14 horas, 10ºC às 19 horas e 5ºC às 6 horas da manhã seguinte. GEADAS — Sr. Coldham disse-nos que não tem conhecimento da ocorrência do fenômeno nos seus 40 anos de África, em sua fazenda. **CHUVAS** — Há 2 estações chuvosas: "grandes chuvas" — março e maio — com média mensal ao redor de 370 m/m; "pequenas chuvas" — outubro a dezembro — com média mensal ao redor de 280 m/m. Segundo os dados coletados pelo fazendeiro, nos últimos 33 anos, a coluna dágua em Quiambú se tem caracterizado por uma significativa estabilidade. Excetua-se o ano de 1949, em que a coluna total caiu para 630 m/m. Contudo, a lavoura do Sr. Coldham não dava a impressão de ter passado por tamanha sêca quando a visitamos, no mês de Julho de 1950. As médias decenais da fazenda visitada foram as seguintes: 1916/1925 — 1.185 m/m; 1926/1935 — 1.058 m/m; 1936/1945 — 1.058 m/m; 1946/1949 — 983 m/m. **INTENSIDADE SOLAR** — É muito grande por causa da proximidade do equador. A incidência vertical dos raios solares, naquela zona do globo, resulta em altas temperaturas do solo, a qual, no verão, chega a 50ºC. Aliás, na Estação Experimental de Ruirú, visitada no mesmo dia, nos foi relatado êsse fato e exaltada a necessidade da cobertura do solo, para proteção contra a incidência direta dos raios solares. **ÁREA DA FAZENDA** — 100 ha (41 alqueires), dos quais, 81 ha tomados com o cafèzal! **BENFEITORIAS** — Boa casa de residência do proprietário, ajardinada segundo o admirável gôsto inglês; galpão com despolpador manual; aproximadamente 20 cubatas cilíndricas, cobertas com capim elefante, para moradia dos prêtos; taboleiros de madeira com fundo telado, para secagem do café despolpado e armações de madeira roliça, a ceu aberto, onde são colocadas as referidas bandejas com café e, finalmente, galpão para recebimento do produto, à noite, ou em dias chuvosos. **MEIOS DE TRANS-**

PORTE — Internamente, o transporte do café é feito a "lombo de prêto", da roça para os despolpadores. O café despolpado é levado à cidade, por meio de caminhão. **Água** — a fazenda possui um córrego do qual a água é aproveitada para o despolpamento. A água subterrânea está bostante profunda, entre 130 a 200 m. **MÃO DE OBRA** — A maioria é aliciada nas reservas de nativos para os 6 meses de trabalhos mais intensos da cultura, que são o da estação das "grandes chuvas" e durante a colheita. Na fazenda residem apenas alguns nativos, cujo trabalho diário é indispensável.

B) **A CULTURA DO CAFÉ — PREPARO DO TERRENO** — Quando o Sr. Coldham chegou a Quênia, já não havia matas no Distrito de Quiambú, pois êste era território da tríbo quicuiu, cujos membros se caraterizam pela prática de uma agricultura extremamente predatória do solo. O terreno, que se achava recoberto apenas por capins baixos, e esparços macissos de vegetação subarbustiva secundária, foi limpo, porém não a fogo, lavrado e coveado para a plantação com mudas. **DEFESA CONTRA A EROSÃO** — O cafèzal está plantado em quadro e não existe defesa contra a erosão. Enquanto os produtores de cereais avançam ràpidamente na defesa do solo contra a erosão, os cafeicultores, teimosamente, mantêm os seus cafèzeis plantados em quadro, sem um cordão de contôrno sequer e, como muitos dos nossos fazendeiros, insistem, como o próprio Sr. Coldham, em afirmar que em sua lavoura "não corre água da chuva". **ESPAÇAMENTO** — 2,65 m x 2,65m, correspondente a uma densidade cultural de 1.428 pés p/ha, ou 3.457 por alqueire. **VARIEDADE** — O proprietário não sabe qual a variedade. Contudo, são cafeeiros da espécie **C. ARABICA,** muito uniformes, com fôlhas grandes e coriáceas, brotos e fôlhas novas bronzeadas, com aparência geral de pujança vegetativa e de rusticidade, frutos grandes mas não muito longos, tudo fazendo lembrar o cafeeiro de Terra Roxa, que é objeto de estudos pela Secção de Genética do nosso Instituto Agronômico. **IDADE DA LAVOURA** — Plantada em 1910, tem, portanto, 42 anos. **PODA DE FORMAÇÃO** — Haste simples (single steam) e um só pé na cova. **TRATOS CULTURAIS — a) PODA DE PRODUÇÃO** — É feita anualmente no mês de julho e consiste na eliminação dos ramos laterais terciários, que produziram no ano anterior; surpreendeu-nos a quantidade de café verde, já bem granado, que estava sendo eliminada com a poda, cêrca de 1 litro por pé; a poda é efetuada com tezouras comuns de podar e um homem faz 25 pés por dia. b) **CAPINAS E CULTIVOS** — Após a colheita que termina em princípios de janeiro, faz-se o seguinte: 1.º) cultivo com a "mula mecânica" (Rotary Hoe); 2.º) 3 capinas feitas com a "panga", durante as estações chuvosas, cuja oportunidade é determinada pela necessidade, a fim de que o "mato não amadureça", porque se as hervas más produzirem sementes, tal como aqui em São Paulo, o cafèzal amarelecerá. Vimos, mesmo, á beira da estrada, por onde íamos passando, algumas lavouras amarelas por causa do atrazo da carpa. A "panga" é uma ferramenta em tudo semelhante a um facão, com lâmina de 50 cm de comprimento por 7 cm de largura, com a extremidade em curva vertical. O trabalho da capina com êste ferro é feito por mulheres e consiste em cortar o "mato" pouco abaixo da superfície do chão, como se fôssem

descascar a terra. É operação particularmente incômoda e cansativa, porque a operária tem que trabalhar o tempo todo com o corpo dobrado executando movimento horizontal de vai e vem, com um só dos braços. Nem mesmo o uso da nossa arcaica enxada foi até agora estimulado entre os nativos, de forma a aumentar um pouco mais o rendimento do seu trabalho. Neste particular é quase uniforme a psicologia dos colonistas da África: tem muito mais importância a perfeição do serviço executado ou a planta cultivada, que o bem estar do nativo. c) **ADUBAÇÕES** — Vinham sendo feitas com estêrco de cabra, adquirido dos nativos das reservas, à razão de 8.000 kg p/ha. Atualmente, os nativos estão proíbidos pelo govêrno, de vender o estêrco de seus animais, que deverá ser aplicado nas próprias terras das reservas. Na ocasião da nossa visita estava sendo feita adubação em cobertura, ao redor da "saia" do cafeeiro, com 150 gramas de Salitre do Chile por pé. Informou-nos o fazendeiro que a polpa do café despolpado e as fôlhas e galhos resultantes da poda de produção, são enterrados no cafèzal.

d) **SOMBREAMENTO** — Não há sombreamento em Quênia. Informou-nos o Sr. Coldham que a sua lavoura foi plantada de mudas, a pleno sol e assim tem vivido nestes 42 anos de sua existência. Disse-nos que durante os meses mais sêcos — julho e agôsto — o tempo no "Highlands", especialmente em Nairobi, permanece nublado, não havendo, por isso, grande evaporação, pois a luminosidade é muito pouco intensa por aquela época. De fato, durante os dias de julho e agôsto, quando estivemos na capital do país, o tempo estêve sempre encoberto e frio. e) **FLORADA** Geralmente 3, sendo uma pequena, que corresponde à primeira catação, em julho; uma em janeiro, que corresponde à segunda catação em outubro e, finalmente, a grande florada de março, que corresponde à colheita geral em novembro-dezembro.

f) Colheita — Tôda a colheita é feita a dedo. As cerejas maduras vão sendo recolhidas em pequenas vasilhas, que os colhedores levam em uma das mãos e depois são despejadas em cestos de 60 litros, que os mesmos carregam às costas, sustentados por duas correias que passam ao redor dos hombros, tal como uma mochila. A colheita obedece as seguintes fases: primeira catação em julho, segunda catação em outubro, e colheita geral de novembro a princípios de janeiro. O café colhido da árvore é todo despolpado. Os frutos caídos no chão são catados à mão e com êle preparam um tipo de café de terreiro, a que dão o nome de "café natural". A colheita é paga em dinheiro, à razão de Cr$ 1,04 por galão de 10 litros. Um bom colhedor apanha até 60 litros de café por jornada, mas a média oscila entre 40 e 50 litros, ou sejam, Cr$ 4,16 a Cr$5,20. Até o ano anterior à nossa visita, a colheita era paga por uma importância dez vêzes menor, o que quer dizer que uma boa colhedora locava o seu trabalho, de todo um dia, por Cr$ 0,63.

g) Preparo do produto — O café cereja é despolpado na fazenda, por despolpadores da marca John Cordon Co. London, movidos a motor Diesel e fermentado durante 48 horas e, em seguida, sêco ao sol, lentamente, em taboleiros. O produto em pergaminho é remetido para Nairobi, onde é beneficiado na usina da cooperativa de cafeicultores

europeus de Quênia. O Sr. Coldham, como a quase totalidade dos cafeicultores de Quênia, é membro de uma das cooperativas de produtores de café. Segundo nos revelou, está filiado à "Kenya Planters Co-operative Union", a mais importante do país. Também os produtores nativos estão enquadrados em 4 pequenas cooperativas, através das quais beneficiam seu café e o entregam ao "Coffee Board" de Nairobi, para classificação e exportação. h) **MÉDIA DE PRODUÇÃO** — É de 1.357 quilos por ha, ou na nossa medida usual, 48 sacos em côco, de 100 litros, ou 16 beneficiados de 60 quilos por mil pés. i) **PRODUÇÃO PENDENTE** — A safra pendente que vimos era excepcional e a estimamos em 85 sacos de café em côco de 100 litros por mil pés ou 28 sacos de café beneficiado, embora os frutos fôssem muito cascudos. Convém lembrar que a lavoura do Sr. Coldham é excepcional e que a safra que vimos era também excepcional.

C) **INIMIGOS DA CULTURA** — Os de significação econômica são os seguintes: a) **INCETOS. O antestia (Antestia lineaticolis Stal)**, fazendo jús à sua fama, aparece como o maior inimigo do café, não só na fazenda do Sr. Coldham, como em tôdas as regiões de Quênia.

"COFFEE THRIPS" (Diarthrothrips Coffeae Wlms): êste inseto, que aparece comumente na estação sêca com intensidade proporcional ao rigor da estiagem, ataca as fôlhas do cafeeiro, derrubando-as em considerável quantidade, a ponto de comprometer a produção do ano seguinte. O ataque se dá pela página inferior da fôlha e o inseto é de tamanho muito reduzido, longo, fino, de cabeça arredondada, côr verde claro, movimentos muito rápidos e, por êsses motivos, difícil de ser visto. O inseto deposita os ovos em pequenos orifícios abertos na face inferior da fôlha, onde se dá a eclosão e desenvolvimento até o estado adulto. Na Fazenda do Sr. Coldham o "thrips" é combatido com resultado, pelo Verde de Paris, polvilhado. Na falta dêsse inseticida, o DDT vem sendo usado em pulverizações a 1%, aplicada no mês de janeiro. A grande dificuldade no combate a esta praga reside no fato de a mesma aparecer a espaços variáveis de 3 a 5 anos e atacar violentamente a lavoura, deixando pouco tempo ao agricultor para combatê-la e isentar o cafèzal dos seus danos. **LYGUS (Lygus Coffee China)** ou **"CAPSID BUG"** é a terceira praga com que lutam os cafeicultores de Quiambú. A defesa é feita com solução de parafina e nicotina ou parafina e piretro. **MEALY BUG (Pseudococcus kenyae, Le P.)** é o "pulgão rajado", que também ataca intensamente o cafeeiro, afetando o pedúnculo dos frutos. O Departamento de Agricultura estava começando a distribuir inimigos naturais da praga, após verificação do sucesso dêsse método. **Broca do café (Hypothenemus Hampei)** não constitui problema para a Fazenda do Sr. Coldham. b) **MOLÉSTIAS — MOLÉSTIAS DAS FÔLHAS (Hemileia vastatrix)** — Não obstante a altitude em que se encontra esta fazenda, a **HEMILEIA** se faz presente. Entretanto, não causa maiores prejuízos, porque a levoura é defendida com pulverizações de calda bordalêsa, quando a intensidade do ataque do fungo aconselha a medida. **QUEDA DAS FÔLHAS** — O Sr. Coldham nos informou não saber a que atribuir e bem assim, os serviços técnicos oficiais. A queda das fôlhas é sempre acompanhada da de café verde. O mal, se não com-

batido, causa danos de monta à lavoura e reduz severamente as safras. A estranha moléstia é combatida com grande sucesso por meio de pulverizações de calda bordalêsa, a 1%, a partir de outubro, como para o caso da **HEMILEIA. DIE BACK** — É outro distúrbio fisiológico que se manifesta em muitas árvores nos anos de sêca sem, contudo, matar os cafeeiros. **CRESTAMENTO DAS FÔLHAS** — É causado às plantas pela amplitude térmica e variações bruscas da temperatura nas 24 horas do dia. Nas regiões altas, de clima continental, como o centro da África, são significativamente acentuadas. As quedas bruscas da temperatura à tarde, acompanhada de leve brisa, cresta os brotos e fôlhas novas do cafeeiro, dando a impressão de que a planta foi levemente chamuscada a fogo. c) **HERVAS MÁS** — É trapoeraba é o "mato" mais rebelde dos cafèzais. São as mesmas **Commelianaceae** que infestam os cafèzais de Uganda.

D) **IMPRESSÃO GERAL** — O proprietário é um grande cafeicultor. Não obstante ser um britânico na África, não é absenteísta: reside na sua fazenda e dela se ocupa todo o seu tempo. Os seus 115.000 cafeeiros são carinhosamente tratados, pujantes de vegetação e de uma uniformidade quase absoluta. Aliás, a formação "single stem" favorece muito a igualdade das árvores. Não obstante os inimigos com que luta o cafeeiro na África, a lavoura do Sr. Coldham se incluiria dentro os nossos melhores cafèzais de terras novas.

3.5.2.2.5 — COMERCIALIZAÇÃO DO CAFÉ

A produção de Quênia, como a de tôda a África colonial, está disciplinada por meio de organizações oficiais controladoras do preço, da movimentação de estoques e do comércio das utilidades, sobretudo as de origem agro-pecuária. Nas colônias inglêsas os "boards" são as entidades reguladoras da comercialização. Nairobi pareceu-nos a cidade dos "boards". Ali têm sede o "Pig Industry Board", o "Meat Marketing Board", o "Piretrum Board", o "Sisal Board", o "Board of Agriculture", controlador da produção e comércio de trigo e outros cereais e, como não poderia deixar de ser, o "Coffee Board". Há ainda o "Passion-Fruit Board", que é o "board" do Maracujá **(Passiflora Edulis)**, pois há uma indústria nascente, mas bastante promissora, de suco da fruta (Juice), que vem encontrando grande aceitação na África do Sul e Grã Bretanha. Os "boards", conquanto tenham o seu lado saudável, com vistas a certas garantias facultadas aos produtores, como a estabilidade dos preços, não logram ocultar o intervencionismo governamental na economia privada, tendência da política do partido trabalhista inglês. Por outro lado, a existência dos "boards" põe os produtores inglêses a coberto do "vexame" de terem que comerciar diretamente com os hindús, ou de terem que se submeter à vontade dêstes, que enfeixam em suas mãos o monopólio de todo o comércio da colônia.

A Grã Bretanha, através do seu Ministério da Alimentação, estabeleceu contratos com as fontes produtoras coloniais, para o recebimento de utilidades alimentares, a fim de se pôr a coberto das flutuações de preços do mercado internacional, como parte do seu programa

de reconstrução no após guerra. Se, por um lado, os cafeicultores deixaram de ganhar, com a atual elevação do preço do produto, achavam-se, por outro lado, resguardados contra uma eventual queda de preços. Afinal, o fenômeno foi inverso e quem ganhou com a atual alta foi o govêrno britânico. O referido contrato, deve terminar em 1951. Não sabemos se será renovado. Acreditamos que sim, se o govêrno Atlee continuar no poder. Em Nairobi visitamos a usina de benefício de café da "Kenya Planters Co-operative Union" e o "Kenya Coffee Board". O "Board" do café de Quênia é entidade governamental, através da qual vem sendo vendida compulsòriamente tôda a produção da colônia, desde 1946, mediante acôrdo entre govêrno, produtor e o comércio, exceto a quota negociada com o Ministério da Alimentação da Inglaterra. O "board" é mantido por uma taxa de 1 libra esterlina, cobrado sôbre cada tonelada de café exportada, estando isento da citada taxa o café dos nativos. A receita prevista dessa tributação, para 1950, era de Cr$ 416.000,00. Como se vê, importância modestíssima comparada às astronômicas cifras extorquidas do café brasileiro pelo DNC. Após o benefício do café nas usinas das cooperativas, êste é remetido ao "board em sacos de sisal, com 60 quilogramas líquidos, para a exportação. Ali, o produto é classificado segundo a peneira, bebida e torração.

TIPOS DE EXPORTAÇÃO — Os tipos de exportação, estabelecidos pelo "Kenya Coffee Board" e sua correspondência com a "fava" de nossos cafés, é o da seguinte tabela oficial:

TIPO A — chatos acima da peneira 17, representando aproximadamente 11% sôbre o total;

TIPO B — chatos acima da peneira 15, representando cêrca de 30% da produção total;

TIPO C — chatos abaixo da peneira 15, representando 55% do total da produção;

ELEFANTE — que corresponde ao nosso concha;

PEA BERING — que corresponde ao nosso moca;

TIPO T — que corresponde aos cafés abaixo da peneira 15, quebrados, outros defeitos, etc.

Os tipos "A", "B" e "C" se subdividem em Tipo "A primeira", "A segunda" e "A terceira"; "B primeira", "B segunda" e assim por diante, segundo a uniformidade da côr, margem de defeitos, etc.

Causou-nos surprêsa, a declaração do Diretor do Board, Sr. Mac Lean, de que o café dos nativos é bem melhor preparado que o dos europeus. Segundo a mesma fonte, o contrário é o que se verifica em Tanganica, onde o café dos nativos é de qualidade muito inferior à produzida pelos agricultores brancos.

Nas amostras de café para exportação por nós examinadas, constatamos, de uma maneira geral, o seguinte: separação muito imperfeita, ausência completa de paus, pedras, ardidos e grãos prêtos; aroma fraco, sem ser mau; côr escura "chumbada"; razoável quantidade de grãos escuros, imperfeitos, como que roidos nos bordos. Êstes são os grãos provenientes de frutos atacados pelo **Antestia.**

Uma vez entregue o café ao "Board", êste ali permanece, após a

classificação, alguns dias antes do leilão, à disposição dos compradores, para exame da mercadoria. O sistema de vendas por meio de leilão controlado pelo "Board", tem a grande virtude de garantir ao comprador uma mercadoria prèviamente classificada mas, sobretudo, a de trazer o produtor informado das últimas cotações do mercado internacional. É necessário que se diga que os "Boards" não são meros escritórios burocráticos, onde só funcionários do govêrno decidem da sorte dos produtos, como era o caso do nosso DNC; são organizações compostas de produtores e de agentes do Estado que trabalham pelo bem comum.

A "União Cooperativa dos Plantadores de Quênia" reune a maioria dos produtores de café do país. É entidade de caráter privado, com capital de 5 milhões de cruzeiros, considerado o câmbio de Cr$ 52,00 por libra esterlina. A cooperativa possui usina para benefício do café, ficando os cooperadores livres do pesado onus da imobilização de capital, que as máquinas de beneficiar café representam, como é o caso corrente em nossas fazendas. Após o benefício, o café é acondicionado em sacas de sisal, de 60 kg líquidos, e postos à disposição do "Board", para a classificação e venda em leição.

Tôda a produção de café arábica de Quênia, após o despolpamento nas fazendas, vai para as usinas das respectivas cooperativas de produtores. A que visitamos, a maior de Quênia, era montada com máquinas de fabricação inglêsa, com capacidade de benefício de café pergaminho, de 4 toneladas por hora. A instalação possuia mais 3 conjuntos, no momento imobilizados, para 3 toneladas por hora cada um. O conjunto beneficiador consta do seguinte: a) um descascador para café pergaminho, com ventilador conjugado, para separação da palha; b) um monitor de peneiras, para separação dos grãos por tamanho, nos tipos "A", "B", "C", "Elefante", "Pea Bering" e "T"; um separador com ventilador para desdobramento por densidade, dos tipos básicos em A-1.ª, A-2.ª, A-3.ª, B-1.ª, etc. O café, ao entrar para a usina, é submetido à amostragem, para verificação do teor de umidade e do estado geral do produto em pergaminho. O grau de umidade é constatado por meio de pesagem da amostra. Se houver excesso de água, o pêso desta será deduzido, mediante uma tabela adequada e o café irá para o secador, a fim de ficar em condições de ser beneficiado. Assim, as usinas estão equipadas com secadores iguais aos da usina de Buguicho de Uganda. A massa do café arábica de Quênia, entrada nas usinas, se compõe de 95% de café despolpado e de 5% de café em côco, geralmente catado do chão, ao qual dão o nome de "Buni' e que contém grande quantidade de grãos verdes, resultantes da queda de café, ocasionado pelas pragas. É um produto que após o benefício, tem muito mau aspecto.

As nossas máquinas de beneficiar café representam um avanço sôbre as inglêsas de, pelo menos, 50 anos, no concernante à perfeição do serviço, área ocupada e fôrça para acioná-la. Exemplificaremos com o descascador da usina visitada em Nairobi, que ocupa o seguinte espaço: 6 metros de frente, 15 de fundo e 20 metros de altura, para comportar os altíssimos condutores. A enormidade do conjunto e agravada por um emaranhado de caibros e vigotas, que o atravessam por todos os lados,

em forma de traves, linhas, mão francêsas, etc. Apenas as partes essenciais são de ferro e o restante é de madeira, porém, tudo com um acabamento muito tôsco e precário.

PREÇO DO CAFÉ EM NAIROBI — Por ocasião da nossa visita à capital de Quênia, o preço do café torrado, no varejo, estava cotado a Cr$ 24,30 por quilo. A mesma quantidade de café, em 1940, era vendida a Cr$ 10,00.

3.5.2.2.6 — EXPERIMENTAÇÃO E FOMENTO DO CAFÉ

ESTABELECIMENTOS DE PESQUISAS E TRABALHOS EM ANDAMENTO — Até antes da guerra não havia trabalhos de melhoramentos do cafeeiro em Quênia. A pesquisa cingia-se á experimentação agronômica, a cargo de estações experimentais, subordinadas ao govêrno colonial local. O novo Instituto de Pesquisas Florestais e Agrícolas, que está sendo instalado em Muguga, terá a seu cargo um programa de melhoramento do cafeeiro, em prosseguimento aos trabalhos iniciados em Amani pelos alemães, pois, conforme já nos referimos, aquela estação de Tanganica está sendo transferida para os arredores de Nairobi. A experimentação, por outro lado, está sendo centralizada na Estação Experimental de Ruiru, que foi objeto de nossa visita em 7/7/1950. Êste estabelecimento será o quartel general da experimentação cafeeira de Quênia, quer para a cafeicultura de europeus, quer para a dos nativos. Tem uma área de 265 ha (109 alqueires) e se acha dividida em duas secções distintas: a) uma estação experimental, com modernos laboratórios, para a investigação agronômica; b) uma fazenda para demonstração de trabalhos agrícolas em moldes técnico-econômicos. O Distrito de Conservação do Solo da região também está subordinado a Ruiru. A estação disporá de acomodações para treinamento de europeus e africanos cafeicultores. A estação é de primeira classe e possui entomologista, fitopatologista e pedologista. A cultura cafeeira de Quênia acha-se ainda assistida por pequena rêde de sub-estações experimentais de café, tais como as de Scott Agriculture Laboratories, em Nairobi; a Kitale Experimental Stations; North Kitito Estate, em Macuiu; Ammer Estate, em Quiambu; Rhodora e Milmet Estates em Solai (em instalação) e Kapretwa e Teldet Estate, no Monte Elgon.

Os trabalhos de experimentação de café, em andamento em Quênia, visam a solução dos seguintes problemas da lavoura já estabelecida no país: poda; adubação; combate às pragas, por meio de pulverizações; sombreamento; ensaio de variedades; estudo de qualidade do café, inclusive preparo do produto; propagação vegetativa do cafeeiro; mecanização dos trabalhos agrícolas. Segundo a linha inglêsa, em Ruiru e nas sub-estações, estuda-se o melhoramento e uso das pastagens, produção de composto, para refertilização do solo. O gado utilizado é o "Boran" leiteiro.

Confessamos que tudo o que vimos em Quênia, sôbre pesquisas de café, se acha em começo. A própria Estação de Ruiru foi iniciada em 1944 e só em 1949 os seus laboratórios estavam sendo montados. O estabelecimento resultou da incorporação, pelo Estado, de duas fazendas de café, a Jacarânda State e Rukera State. A Estação que também

se chama Jacaranda Station, é estipendiada pelos cafeicultores europeus, que concorrem com 3/4 da despesa e pelo govêrno, que integraliza a quarta parte restante. A administração do estabelecimento está a cargo do govêrno local e a arrecadação das taxas é feita pelo "Kenya Coffee Board" sôbre cada tonelada de café exportado. O serviço de extensão do café para nativos, está a cargo da Secção Jacarânda de Ruiru e não difere do de Uganda, do qual já nos ocupamos (2 5 3 5, letra b). Para fomento entre europeus, a Estação tem a seu cargo uma secção no "Monthly Bulletin of the Coffe Board of Kenya", sob, a designação de "Coffee Research Station Notes", através da qual divulga os ensinamentos emanados da experimentação. O que vimos em Quênia sôbre pesquisas com o cafeeiro é bem menos do que se faz em São Paulo, no Instituto Agronômico.

3.5.2.2.7 — IMPRESSÕES GERAIS DE QUÊNIA

A) **IMIGRAÇÃO BRANCA** — As possibilidades de novos colonos inglêses se estabelecerem em Quênia são muito restritas, porquanto as terras utilizáveis estão regularmente de posse dos brancos do "Highlands", pelos nativos e pela corôa inglêsa. Se, por um lado, aquêles não vendem suas terras, a corôa, para cedê-las, impõe tais obrigações, que difícilmente o colono poderá cumprí-las. Assim, para o europeu, individualmente, não há interêsse na agricultura em Quênia. Êste, após a última guerra, procura a Austrália e o Canadá, onde as condições de trabalho e possibilidades de vitória são maiores. Segundo os economistas e diretores de importantes firmas de Londres, com os quais nos entrevistamos naquela capital, só as grandes companhias seriam capazes de empreendimentos na África, diante das dificuldades já expostas. Entretanto, ponderaram êles que muitos empreendimentos, como o da produção de oleaginosas, estavam sujeitas a insucesso, porque, a direção das grandes emprêsas se compunha de aristocratas que, sem saírem de Londres e sem ouvirem os técnicos, punham as emprêsas em risco, agindo mais com intuitos políticos que pròpriamente visando o desenvolvimento da produção agrícola da África.

B) **EXPANSÃO CAFEEIRA EM QUÊNIA** — O "C.D.C." — Colonial Development Corporation — é um organismo de capital mixto criado pelo govêrno para o desenvolvimento colonial, com fundos fornecidos pelo tesouro inglês. Tem por finalidade principal o incentivo da produção de alimentos nas colônias, para abastecimento da metrópole, a fim de evitar desequilíbrio na balança comercial inglêsa. Não sendo o café considerado elemento essencial à economia britânica, o C.D.C. não estabeleceu "esquemas" para a rubiácea, como o fez no caso das gorduras vegetais, cacau, etc. Não obstante a falta de encorajamento financeiro para o café, por parte dêsse organismo, a cultura vem aumentando em Quênia não tanto entre produtores europeus, como entre os nativos. Técnicos do Departamento de Agricultura nos revelaram que viam com certo temor a expansão da cafeicultura indígena no Monte Elgon e outras áreas, ante a possibilidade de um "crack" semelhante ao de 1930, pois julgavam os preços excessivamente altos e estimuladores do aumento da cultura por todo o mundo. Segundo

êles, a produção nativa deveria elevar significativamente a produção de Quênia, a partir de 1951. Esta opinião coincide com a das autoridades metropolitanas com as quais nos avistamos e que julgavam ser Quênia o único país da África Oriental Inglêsa com possibilidades para o aumento da cultura do café. Em quase tôda a zona de colonização branca há ainda boas áreas onde a cultura do café poderá substituir a do trigo e a do milho. E, essa possibilidade aumenta com o advento da irrigação por aspersão. Por essas razões e com o uso dos modernos inseticidas, de aplicação fácil em lavouras a pleno sol, como as de Quênia, para o contrôle das pragas, não será difícil ver-se dobrada a produção cafeeira daquela colônia.

C) **MONTAGEM DAS FAZENDAS** — Consistem as edificações apenas na casa do proprietário, num galpão para o despolpador, armações para os taboleiros de secagem do café e algumas "cubatas" para os prêtos permanentes na propriedade. Estas são casas circulares, de barrote, cobertas de palha. Não se pode comparar a singeleza da montagem de uma fazenda de café de Quênia com a complexa e onerosa estrutura das nossas propriedades cafeeiras.

D) **ASPECTO GERAL DAS LAVOURAS** — A lavoura do Sr. Coldham constitui exceção às demais. Embora bem tratadas, a maioria não ostenta a pujança daquela. São, em geral, de regulares para sofríveis. Invariàvelmente de 1 pé por cova, são quase tôdas formadas pela poda de haste simples. É intenso o emprêgo do cultivo mecânico, bem como o uso de cobertura com capim elefante. A regra geral é a de uma área igual à do cafèzal, em cada fazenda, para a produção de massa para o "Mulch".

E) **INSTRUÇÃO DO NATIVO** — A quase totalidade de instrução primária está a cargo das missões religiosas. O govêrno colonial as subvenciona, quer sejam protestantes ou católicas. No Distrito de Nieri visitamos a Missão Católica Nossa Senhora da Consolação, de padres italianos, que têm a seu cargo, mediante subvenção do govêrno, escola primária, secundária e seminário para formar sacerdotes africanos. Essa Missão é uma grande fazenda, com lavoura de café e a sua sede muito se assemelha à das nossas grandes propriedades paulistas do fim do século passado.

F) **ESTRADAS** — Nos arredores de Nairobi são asfaltadas. Nas zonas mais distantes são de terra com macadame de pedregulho, como as nossas poerentas rodovias. Deixam a desejar quando comparadas com as bem cuidadas estradas de Uganda.

G) **SENSO DE REALIDADE INGLÊS** — Embora o govêrno não haja cuidado da instrução primária como deveria e a tenha confiado às poucas missões religiosas que por lá vivem, procura instalar campos modêlo, de agricultura indígena, nas respectivas reservas. São pequenas áreas com aplicação de planos de rotação agro-pecuária e de defesa do solo contra erosão, que têm obtido bom resultado como método de fomento. O que vimos nesse gênero e em pequenas fazendas para onde o nativo vai com a família, por um ou dois anos é o oposto, em eficiência e bom senso, ao disparate que se cometeu em São Paulo, com as escolas práticas de agricultura.

H) **OBSERVAÇÕES SÔBRE A TERRA DOS BRANCOS (WHITE HIGHLANDS)** — A paizagem da zona cafeeira assemelha-se muito à de Ribeirão Prêto: terrenos suavemente ondulados, terra vermelha, regular número de cursos dágua e, para completar o quadro, calor e poeira. Tôda a região é magnificamente reflorestada com eucalipto, acacia negra e cupressus. O fundo do Rift Valley é a região do trigo, milho, piretro e da pecuária leiteira. O agricultor é europeu, mas a sua agricultura mais se assemelha à da América do Norte, que a da sua pátria de origem, por causa do clima, da extensão das culturas e, sobretudo, devido à defesa do solo contra a erosão. As lavouras de cereais e do linho em rotação, os jardins paizagistas sempre cheios de flores que, invariavelmente, cercam a morada do agricultor inglês, emprestam encanto especial à paizagem e dão ao viajante a ilusão de que não se acha em pleno centro da África. Ali, a agricultura é altamente mecanizada e a mão de obra reduzida, por isso são vistos raramente homens prêtos. Se tôda Quênia fôsse habitada exclusivamente por saxões, não haveria dúvida: teríamos pela frente um sério concorrente da nossa produção agrícola exportável.

I) **COLETIVIZAÇÃO DA TERRA PARA SUA EXPLORAÇÃO ECONÔMICA** — A congestão demográfica das áreas dos nativos é agravada pela agricultura indígena de produtos alimentícios de baixissimo rendimento. Nas reservas dos nativos, a terra está parcelada de tal forma, que, com acêrto, caberia a expressão do economista português, Lima Bastos que designa o fenômeno como "esmigalhamento" da propriedade. A mecanização da agricultura surge como fator capaz de aumentar a produção. Mas o "esfrangalhamento" da terra elimina a possibilidade de mecanização e sistematização dos trabalhos agrícolas. Daí a decisão das autoridades do Departamento de Agricultura, de empreenderem uma catequese dos nativos, a fim de congregar-lhe as famílias para as culturas comuns. O uso coletivo da terra, por via da máquina, entre lavradores primários como os indígenas, serviria também para invalidar-lhe o individualismo, a ignorância, a auto-determinação e aceleraria a modernização da agricultura, com a aplicação de adubos, emprêgo de melhores sementes, cultivos eficientes e, sobretudo, defesa do solo contra a deterioração. Na região de Quericho visitamos um campo onde o agrônomo regional já havia conseguido congregar 12 famílias, através da doutrinação dos chefes nativos, para o uso coletivo de 84 ha (a cada família cabia, em média, 7 ha). O plano incluia o repouso por 4 anos de uma parte do terreno, que seria conservado como pastagens.

J) **DESENVOLVIMENTO INDUSTRIAL DE QUÊNIA** — O território de Colônia é particularmente rico em depósitos de soda, representados por diversos lagos salgados que se situam ao longo do Rift Valley. Também há apreciáveis reservas de asbestos e diatomita. Entretanto, a absoluta ausência de fontes de energia torna impossível o estabelecimento de emprêsas para industrialização dessas e outras riquezas. As raras quedas dágua, como fatôres de fôrça elétrica, têm o seu aproveitamento entravado por causa da falta de consumidores: a população inglêsa de elevado padrão de vida é numèricamente inexpressiva e o prêto não tem poder aquisitivo para usá-la. E o próprio

govêrno da Colônia, por essas razões, julga duvidoso, por óra, o desenvolvimento industrial de Quênia.

K) **A CAÇA EM QUÊNIA**—É atividade que constitui esporte ou meio de vida privativos do habitante branco do país, ou do turista que o visita. As licenças para posse de arma e taxas para a caça, representam fontes de receita do herário público. Caçar no país não é privilégio só de lordes, príncipes ou marajás, mas de quem o desejar, uma vez satisfeitas as exigências legais. Uma licença anual para posse de arma de fogo custa Cr$ 26,00 por unidade; a taxa para caçar, a um turista, custa Cr$ 3.900,00 por ano ou Cr$ 50,00 diários para um período de 14 dias; ao residente de Quênia, custa Cr$ 400,00 por ano ou Cr$ 105,00 por 14 dias; as peças de grande porte, custam um adicional, mas para se abater um elefante, é necessário licença especial, que custa Cr$ 2.500,00 para a primeira prêsa e Cr$ 5.200,00 para o segundo bicho abatido; cada rinoceronte custa um adicional de Cr$ 520,00.

Nairobi é mundialmente conhecida como centro de organização de caravanas para caça ou fotografia. Excursões dêsse gênero são ali organizadas para Quênia, Tanganica, Uganda e Congo Belga. Há diversos "Safari Organisers" em Nairobi, que dispõem de ótimos e prudentes "Professional White Hunter". Ao caçador, fica reservada apenas a aventura de disparar a arma contra o bicho, cuja presença, ponto de tiro, etc., foi presentida pelo pessoal do "safari".

L) **CIDADES DE QUÊNIA** — São modernos centros urbanos. Destacam-se as seguintes: **NAIROBI** — É a maior cidade da colônia, situada no centro do país, na orla do "Highlands", a uma altitude de 1.760 m e a 531 km do pôrto de Mombassa. Sua população se compõe, números redondos, de 10.500 europeus, 43.500 hidús e 80.000 prêtos.

MOMBASSA — É o principal pôrto marítimo do país, oferecendo ancoragem para grandes transatlânticos. Sua população se compõe, números redondos, de 2.000 europeus, 26.000 hindús, 13.000 árabes e 60.000 prêtos.

NACURU — Fica no fundo do Rift Valley, a 2.000 m de altitude, cêrca de 160 km a nordeste de Nairobi. É o centro da agricultura cerealífera, de piretro e da pecuária de leite da Colônia.

ELDORET — Esta cidade acha-se a pouco mais de 3.000 m de altitude, a 170 km a noroeste de Nocuru. É a região dos ranchos do "Highlands".

QUISSUMO — É o centro da navegação do Lago Vitória. Situa-se à beira do Golfo de Cavirondo, a 370 km da capital do país e a 900 km do oceano. É o maior centro de agricultura indígena e de mineração de ouro de Quênia.

M) **HOTEIS** — Tôdas as cidades de Quênia estão dotadas de bons hoteis. Destaca-se o da pequena localidade de Nieri, próximo ao Monte Quênia, pelo confôrto que oferece e pelo pitoresco da paizagem onde está localizado. A bôa ordem, modicidade das diárias — Cr$ 50,00 mais ou menos — constituem contrastes com o nosso interior paulista. Mas onde a diferença realmente choca é quando se compara o asseio daquelas casas de hóspedes com o desconfôrto da maioria

FIGURA 11 — Aspectos de Quênia. — "A": "NORFOLK HOTEL", Nairobi, 16-6-50; "B": "Egerton School", escola de agricultura para europeus, edifício principal, NACURO, Rift Valley, 11-7-1950; "C": taboleiros para secagem de café despolpado, vendo-se ao fundo as cubatas dos pretos, fazenda do Sr. P. T. H. COLDHAN, QUIAMBU, Nairobi, 7-7-1950; "D": bela lavoura de café, 1 pé na cova, poda "single stem", fazenda do Sr. P. T. H. COLDHAN, QUIAMBU, Nairobi, 7-7-1950.

das nossas baiucas do interior, onde a sujeira dos quartos de banho, repele o menos exigente dos viajantes.

N) **VIAS DE COMUNICAÇÃO** — Tôda a Quênia se acha cortada por sofríveis estradas de rodagem, não tão bôas quanto as de Uganda. Apenas nas proximidades de Nairobi são asfaltadas. Há estradas de ferro ligando o pôrto de Mombassa, Nairobi e a beira do Lago Vitória e a capital de Uganda. Os trens são vagarosos, mas bastante estáveis quando em movimento. Todo o país, através de Nairobi e do Lago Niavacha, se acha ligado a Londres, Johansburgo e demais capitais africanas, pela eficiente aviação comercial inglêsa, sob a designação de "British Overseas Airways".

O) **O PROBLEMA POLÍTICO** — Os britânicos das terras altas de Quênia, aclimaram-se tão bem àquêle meio físico, integravam-se de tal modo no "White Highlands", que acabaram por adquirir um forte senso de propriedade e de amor ao chão em que se acham estabelecidos com suas fazendas. Pudemos constatar que êles sentem mesmo acentuado apêgo à região, como se fôsse a sua própria pátria. E não se pode negar que nos 50 anos dêste século, o progresso de Quênia foi notável sob o impulso da colonização e administração inglêsas. Mas, logo que o "white settlement" tomou pé no país, a questão racial surgiu como o mais grave obstáculo à harmonia na Colônia. Como já vimos, a colonização branca ali se faz à custa de uma violenta política discriminatória de terras, decorrente do racismo anglo-saxão e que trouxe no seu bôjo o germem do descontentamento dos nativos e, finalmente, do ódio aos brancos, que os fizeram evacuar suas terras.

A responsabilidade do esbulho do prêto em Quênia não deve ser integralmente atribuída ao govêrno metropolitano. Os altos mandatários de Sua Magestade, ante os primeiros entre-choques de direitos de brancos com prêtos, tiveram, com o seu tradicional traquejo colonista, a nítida visão das danosas consequências que, no futuro, estariam reservadas para os seus súditos estabelecidos em Quênia. E vêm procurando atenuar os efeitos das primeiras expropriações, deparando hoje porém, com forte oposição dos "white settlements". Daí a existência de duas políticas, constantemente em choque, em Quênia: a) a do Ministério das Colonias, se antepondo a novas expropriações, propensa à concessão de maiores direitos aos nativos, bem como ao aumento do número de prêtos com assento no Conselho Deliberativo da Colônia; b) a dos colonos brancos, exclusivamente, decididos a tudo tirar dos nativos em seu próprio benefício e avessos a qualquer parcela de direito civis e liberdade política de prêto. E até agora os "settlements" têm levado a melhor na contenda, pois, em cada nova reivindicação, apelam para a África do Sul, que nunca lhes nega apoio. Até a um observador menos avisado e etinerante em Quênia, ressaltam as linhas nítidas do campo político em que se colocam os colonos inglêses de um lado e o govêrno de Sua Magestade de outro, no que se refere ao procedimento em relação aos prêtos. Alguns governadores gerais da Colônia deixaram-se envolver pelas ambições dos anglo-quenianos e, pelo menos dois dêles, tiveram que resignar os respectivos cargos, por se pôrem em desacôrdo com a linha traçada pelas autoridades metropolitanas.

FIGURA 12 — Aspectos de Quênia. — No primeiro plano, cultura de piretro, ao fundo elevações reflorestadas, vendo-se a morada do fazendeiro europeu, "White Highlands", fotografia fornecida pela H.C.E.A.

Observa-se entre os colonistas da África, uma paradoxal concepção referente ao tratamento a ser dado ao prêto: tendência generalizada para modificar-lhe a atitude, sem admitir-lhe contato com o branco, além daquêle de servo para senhor. Desta oblíqua disposição, verdadeiro caldo de cultura para proliferação do ódio, é que se origina o espírito da segregação racial, que há de conduzir a África para um conflito de proporções imprevisíveis, em futuro não muito remoto. E é dos territórios de influência inglêsa que o fenômeno da segregação se irradia com maior vigor. Em nenhuma parte da África, talvez nem mesmo nos Estados Unidos, o antagonismo racial atingiu uma tensão tão elevada como na África do Sul. Ali o grande conflito é entre brancos e prêtos, não há dúvida, mas os "boers" se degladiam com os britânicos e seus descendentes nascidos no país, por não se conformarem até hoje com o domínio inglês a que foram submetidos após a sua derrota na Guerra do Transval. O General Smuts foi, por muito tempo e até a sua morte, o líder "boer" moderado e elemento amortecedor do entre-choque entre brancos na sua pátria. Na África do Sul vivem também 300.000 hindús, pouco afeitos a lutas, que não digam respeito ao seu negócio e que não obstante o seu espírito pacífico e objetivo de bom comerciante, não logram escapar à contenda racial e são compelidos a entrar em choque, por vezes violentos, ora com brancos ora com prêtos. O ódio votado pelo branco ao prêto, em tôda a União Sul Africana, é de tal ordem, que até Moçambique sente seus reflexos diretos. Presenciamos em Lourenço Marques, capital daquela terra afro-lusa, o que só havíamos visto em territórios de influência inglêsa: — separação entre brancos e prêtos em estabelecimentos públicos — um exemplo são os correios da cidade, onde há guichês especiais para brancos e para negros. A explicação dessa estranha coisa em colônia portuguêsa, reside no seguinte fato: uma das fontes da receita de Moçambique é o turismo, alimentado pelos sul africanos e rodesianos, que procuram as praias de Lourenço Marques e a da Beira. Essa fonte de libras, porém, se estancaria caso não fôssem encontradas ali, as desejadas restrições de contato do prêto com o branco.

O SONHO DO GENERAL SMUTS — Êste notável líder "boer" sonhou com o estabelecimento de uma extensa comunidade de raça branca no centro da África, como ponto de apoio futuro à própria civilização ocidental. Essa suposta potência europeizada se estenderia da África do Sul aos altiplanos de Quênia, Tanganica e Angola. Êle considerava êsse imenso território, com mais de 2.000.000 de km2, próprio à colonização europeia, por causa da amenidade do clima das suas regiões altas. E, fiel ao seu ideal, procurou pô-lo em prática, prestigiando a incentivando a política de ocupação das terras altas pelo homem branco, apoiado na sua pátria, que já é um país de predominância incontestável da cultura branca sôbre a africana, muito embora vivam, na União, 8 1/2 milhões de prêtos e 2 1/2 milhões de brancos em constante conflito. Como já vimos, a política de Smuts degenerou em odiosa segregação racial em Quênia, que veio pôr em sério risco a estabilidade dessa cabeça de ponte europeia do centro do Continente.

Morto o General, sucedeu-o, como primeiro ministro da União

Sul Africana, o pastor protestante Daniel François Malan. Filho espiritual da Reforma Holandêsa, é fanático da superioridade racial do "boer" e não mede sacrifícios para preservar os seus "africanders" do contato do prêto. O Ministro Malan vai tão longe na sua concepção da superioridade da "raça africander", que considera até o descendente de inglês nascido na África do Sul, inferior aos seus predestinados "boers", que êle convencionou denominar "africander", para que não se confunda com outro ser humano. Se a política de Smuts já era um rastilho de pólvora, para a explosão da guerra das raças, a obcessão de Malan em não reconhecer qualquer parcela de direitos ao prêto, já é o fogo ateado ao tremendo choque de raças na África, em cujo limiar nós encontramos. Por tôda a parte, sentimos o ambiente de extrema tensão, que vai pelo Continente Negro, atenuado parcialmente nas colônias francêsas e portuguêsas. Nos jornais eram constantes as notícias de conflito em Joansburgo. A tempestade que se avizinha e parece-nos inevitável, varrerá toda a banda oriental da África, ao Sul Equador, mais depressa que o lado do Atlântico, onde a influência saxônia é significativamente menor que a do colonista latino. Embora imprevisíveis os resultados da luta que está travada, não acreditamos que a África Negra, uma vez autônoma, se projete no panorama político internacional como a Índia está fazendo. Êste país é senhor de uma civilização milenar, que não se pode comparar à cultura pré-letrada do prêto. A contenda no continente negro será constante fator de desorganização, que crescerá com a autonomia do prêto, ainda imaturo culturalmente para se governar. Os índices de produção tenderão a baixar na relação direta da intensificação da luta.

Por isso, pensamos que, para o futuro, a impossibilidade de mobilização da África se acentuará cada vez mais e o fator psicológico que está no ar, de "África à vista" como grande concorrente do Brasil, irá perdendo cada vez mais a sua importância.

STATUS DO PRÊTO — Como em Uganda ou Tanganica, os prêtos de Quênia são tribalisados, em sua maioria, embora vistam-se à européia e exerçam funções tipicamente ocidentalizadas como os de chofêr de praça, operários de indústria e de domésticos. O forte espírito tribal de que o prêto se acha possuído, faz com que êle veja sempre no chefe nativo um símbolo. Em que pese a conveniência do govêrno colonial, as autoridades da África Oriental Inglêsa, procuram conservar intacta a mística do prêto, ante a idéia do chefe e em muitos procedimentos é através dessa atitude do nativo que procura governar. É, por isso, grande, em Quênia, o empenho em que o govêrno se põe para preservar certos hábitos afros que chega, muitas vezes, à estagnação, ante o primitivismo da atividade produtora do prêto. Um exemplo são as ferramentas agrícolas, as mais obsoletas imagináveis e o baixo rendimento consequente por unidade de superfície. Entretanto, quando outros interêsses entram em jôgo, a aculturação européia do prêto é traumática e desorganizadora da sociedade nativa. O africano ao sul do Equador é o fruto de uma cultura primária. Êle, quando nas minas de diamante, ouro e carvão, recebe o impacto violento do industrialismo ali implantado pelo europeu e, o que se verifica, é uma brusca adaptação cultural que culmina na completa desorga-

nização da vida indígena. A sua consequência mais danosa à sociedade nativa é o aumento crescente da população negra marginal. Êsse tipo de indivíduo desajustado, sem sociedade, é a resultante do aliciamento do homem para o trabalho nas minas. Na indústria de mineração, há todo empenho em que o homem não se faça acompanhar da família, que iria constituir problema para os industriais. Os contratos de trabalho são de 6 meses, mas o bastante para estabelecer uma solução de continuidade na vida tribal do indivíduo. Êle rompe o contato com sua terra e seu grupo, temporàriamente, e, si renova o contrato, então o tempo milita a favor da separação total, sobrevindo a desorganização da família, que ficou na tríbo, e o desligamento completo daquêle membro. Se volta, não encontra mais ambiente em consequência aos hábitos adquiridos na esfera de influência ocidental. São prêsas dêste novo status social, os que escapam à morte nas minas, ocasionada pelo trabalho anti-higiênico, pela sífilis, tuberculose e por outros males da civilização, que lavram nas áreas de mineração. Não tem sido investigada na África, nem mesmo no Congo Belga, que a todo o custo deseja a liderança da pesquisa no continente afro, o grau de desnível existente entre as duas culturas, a europeia e a afra, para o estabelecimento de métodos que representem o meio termo ou um primeiro estágio à aculturação europeia do prêto. As próprias religiões católica e protestante insidem no equívoco comum, quando pretendem a catequese do prêto, sem um meio têrmo afro-cristão, para a cristianização lenta e sem atritos para o indivíduo. No ensino, as disparidades são ainda maiores. Vimos na África Equatorial Francêsa, em Sibiti, em uma escola para nativos, mais de um prêto de curso secundário, que sabia de cór todo o têxto dos livros usados no ensino. Um dos professôres nos disse que, interrogados sôbre o significado das lições do livro emudecem, mas se os mandam discorrer sôbre os têstos, o fazem ao pé da letra. Trazem tudo na ponta da língua. O que se pratica na África é ainda muito pior do que fazemos em São Paulo com o ensino rural, onde se pretende lecionar crianças da roça por meio de professôres, métodos e regime de férias possìvelmente recomendados ao ensino nas áreas urbanas.

EQUILIBRE SUA ADUBAÇÃO COM
POTASSA
A GRANDE REGULADORA DAS COLHEITAS PESADAS.

COMPLEMENTO DO FÓSFORO

INDISPENSÁVEL E DO AZÔTO

Use Cloreto 60% ou Sulfato de Potássio 48% K20 — Fosfato bicálcico "Fertiphos" — 38 a 42% P205 — Sulfato de amônio 21% N
Folhetos gratuitos e informações para importação:
SOCIEDADE DE POTASSA E DE PRODUTOS AGRÍCOLAS LTDA.
Av. Ipiranga, 674 - 7.º - Salas 708 a 712 - Fone 34-1247 - Caixa Postal 6082
SÃO PAULO

CONTABILIDADE AGRÍCOLA E PASTORIL

J. BEMELMANS
(Engenheiro Agrônomo)

(Continuação do n.º anterior)

IV

CONTAS DE EXPLORAÇÃO

Quando uma cultura é feita em parceria (a meia, a terça etc.) ela é classificada em PARCERIA.

Quando ela é feita tôda por conta da fazenda (por administração como se diz) ela é classificada em CULTURA.

Assim teremos:

Títulos do Razão:	Subtítulos do Livro Auxiliar:
PARCERIA (tôdas)	Algodão
	Arroz
	Milho
	etc.
CULTURA DE ALGODÃO	Bacia
	Cachoeira
	Retiro
CULTURA DE ARROZ	Carneiros
	Jaraguá
CULTURA DE MILHO	Cachoeira
	Jaraguá
	Palha
ETC.	

Para simplificação pode existir também o título:

CULTURAS DIVERSAS:	Canavial
	Mamonal
	Mandiocal

quando essas culturas são de pequeno vulto e de pouca importância econômica.

Em todos os subtítulos de PARCERIA e de CULTURAS no Livro Auxiliar, deve-se mencionar, para cada parcela:

a área certa plantada
o espaçamento observado
a variedade plantada
as unidades semeadas, colhidas ou vendidas etc., com o pêso específico: ..... kgs./100 lts.

Título PARCERIA:

No Livro Auxiliar, cada tipo de lavoura terá seu subtítulo, ainda subdividido para cada local (Cachoeira, Jaraguá, etc.)

Os de maior importância terão as seguintes rubricas:

Informações: Nome da parcela:
Número certo de hectares plantados:
Espaçamento observado:
Variedade:

Débito:

Preparo do terreno:

Roçada: n.º de hectares
mão de obra

Desbravamento: n.º de hectares
mão de obra
material
serviços de animais
total

Destoca: n.º de hectares
mão de obra
material
serviços de animais
total

Formigas: mão de obra
material
total

Combate à erosão: n.º de hectares
mão de obra
material
serviços de animais
total:
c/ tratores: n.º de hectares
custo

Aração c/ animais: n.º de hectares
mão de obra
material
serviços de animais
total:

Aração c/ trator: n.º de hectares
custo

Gradeação c/ animais: n.º de hectares
mão de obra
material
serviços de animais
total

Gradeação c/ trator: n.º de hectares
custo

Plantio: em geral compete aos parceiros

Adubos: n.º de quilos
custo

Sementes: n.º de quilos
custo
Tratos culturais: compete aos parceiros
Pulverização: número) parte de transporte
mão de obra) e ingredientes
material) que cabe à fazenda
serv. animais)
total:
Colheita: transporte até a tulha: mão de obra
serv. de animais
caminhos — conservação e depreciação
sêca e ensaque (s/ parte de colheita geral)
Despesas gerais — sua quota
Compra da parte dos parceiros: quilos) quando estipulado
valor) por contrato.
Lucro

Crédito:

Valor dos produtos colhidos: número de unidades
valor total
Prejuízo (eventual)

Quando a Parceria é de pequeno valor, ela será as vêzes representada apenas pelo valor do produto entregue pelo parceiro em pagamento da porcentagem combinada.

Outras vêzes poderá comportar as poucas rubricas:

Débito: Despesas: mão de obra
material
serviços de animais
Lucro
Crédito: Receitas: n.º de unidades
valor
Prejuízo

Título de CULTURA de...

No Livro Auxiliar, cada parcela, pela sua denominação local (Retiro, Tanquinho, etc.) formará um subtítulo com sua conta particular.

Doze anos de prática agrícola aconselham a seguinte classificação contabil para os amanhos culturais:

Informações: Nome da parcela:
Número certo de hectares plantados:
Espaçamento observado:
Variedade:

Débito:

Preparo do terreno:
Roçada: n.º de hectares
mão de obra
Desbravamento: n.º de hectares
mão de obra
material
serviços de animais
total

	Destoca:	n.º de hectares
		mão de obra
		material
		serviços de animais
		total
	Formigas:	n.º de hectares
		mão de obra
		material
		total
	Combate à erosão:	n.º de hectares
		mão de obra
		material
		serviços de animais
		total
		c/ trator: n.º de hectares
		custo
	Aração c/ animais	n.º de hectares
		mão de obra
		material
		serviços de animais
		total
	Aração c/ trator:	n.º de hectares
		custo
	Gradeação c/ animais:	n.º de hectares
		mão de obra
		material
		serviços de animais
		total
	Gradeação c/ trator:	n.º de hectares
		custo
Plantio:	Riscação:	n.º de hectares
		mão de obra
		material
		serviços de animais
		total
	Adubação:	n.º de hectares
		mão de obra
		material (adubadeiras)
		serviços de animais
		total
	Adubo — material:	n.º de quilos
		custo
	Semeação:	n.º de hectares
	(ou plantação)	mão de obra
		material (semeadeiras)
		serviços de animais
		total
	Semente — material:	n.º de quilos
		custo

Semeação e adubação: n.º de hectares
mão de obra
material (máquinas)
serviços de animais
total
c/ trator: n.º de hectares
custo

Tratos culturais:

Desbaste: n.º de hectares
mão de obra

Carpa c/ enxada: n.º de hectares (por vez)
mão de obra

Carpa c/ cultivador: n.º de hectares (por vez)
mão de obra
material
serviços de animais
total

Carpa c/ trator: n.º de hectares
custo

Combate às pragas: (menos formigas)
n.º de pulverizações
n.º de polvilhamentos
n.º de quilos
mão de obra
material
serviços de animais
total
c/ trator: n.º de hectares
custo

Capação (e podas): mão de obra

Seleção ou "roguing": mão de obra

Sombreamento: mão de obra
material
serviços de animais
total

Vigilância: mão de obra
material
total

Colheita: n.º de unidades colhidas
Mão de obra
Transporte do pessoal
Fiscalização e transporte da colheita:
mão de obra
serviços de animais
Caminhos — conservação e depreciação
Encerados e panos — depreciação
Sacos — depreciação
Sêca terreiro: mão de obra
material (depreciação terreiro)
Ensaque: mão de obra

barbante e tinta
Diversas despesas
Tulhas e Depósitos — conservação e depreciação
Transporte até estação ou até máquina.
Serviços post-colheita: Arrancamento: mão de obra
(ou poda) material
serviços de animais
total
Ajuntamento e queima: mão de obra
material
serv. animais
total
Despesas gerais: sua quota
Lucro

Crédito:

Valor dos produtos colhidos: número de unidades
valor total
Prejuízo (eventual)

Quando há diversas parcelas para a mesma cultura, tendo cada parcela sua conta separada, as despesas de colheita podem ser englobadas num título "Colheita Geral", quando não é praticável repartí-las diàriamente (algodão, mamona, etc.) devido às despesas de apanha, em geral pagas no fim da semana, e muitas vêzes com colheita no mesmo dia, em diversas parcelas; e devido às despesas de ensaque, de transporte para fóra, etc.

Neste caso, no subtítulo de cada parcela, a rubrica "colheita" é assim anotada:

Colheita: preço por quilo
quilos totais colhidos
custo total

Êsses valores são conseguidos em "Colheita Geral" do seguinte modo, variável de acôrdo com o contrato feito com os parceiros:

Débito:

A) Despesas relativas à CULTURA própria:
Mão de obra (apanha)
Transporte dos colhedores (da cidade p/ex.)
Fiscalização: mão de obra (fiscais suplementares)
Transporte da colheita até a tulha: mão de obra
serv. animais

B) Despesas relativas à CULTURA e PARCERIA:
Encerados e panos (depreciação)
Sacos (depreciação)
Sêca terreiro: mão de obra
material (depreciação terreiro)
Ensaque: mão de obra
material: barbante, tintas etc.
Diversas despesas

Tulhas e Depósitos: conservação
" " depreciação
Transporte até máquina
Despesas com Campo de Cooperação.

C) Despesas de venda relativas à CULTURA e PARCERIA:
(exemplo para o algodão)
Pluma: benefício
frete até...
impostos
taxas e despesas diversas
corretagem
Caroço: carreto até estação
frete

Crédito:
Algodão em caroço: n.º de quilos vendidos
valor
Pluma: Fardos n.º: n.º de quilos vendidos
valor
Sementes: n.º de sacos vendidos
valor
Caroços: n.º de quilos vendidos
valor

O total das despesas de **A** é dividido pelo número de quilos colhidos nas áreas da CULTURA, e obtem-se um valor **a** por quilo.

O total das despesas de **B** é dividido pelo número total de quilos colhidos nas áreas de CULTURA + PARCERIA, e obtem-se um valor **b** por quilo.

b será para a fazenda, o custo por quilo, da colheita em PARCERIA, e a estas debitado;

a + **b** será o custo por quilo da colheita em CULTURAS e a estas debitado.

Para obter o valor do crédito de cada parcela, subtrai-se da receita (Crédito) as despesas **C** e divide-se o resultado pelo número total de quilos colhidos, multiplicando-se o resultado pelo número de quilos colhidos em cada parcela, creditando-se estas.

Quando todos os produtos colhidos não são vendidos antes do balanço, êles são debitados em MATERIAL — Produtos, por um preço um pouco mais baixo do que o real, e calculado de modo a cobrir as despesas de venda e manipulação.

O lucro final apurado neste título Material - Produtos esperará o balanço seguinte, na sua ficha, onde figurará com o nome do produto (algodão, ou café, etc.) seguido do ano em que foi colhido.

Existindo viveiros (para café, cana, arroz, etc.) será aberto no Livro Auxiliar, um subtítulo "Viveiro", dentro do título CULTURA DE...

Neste subtítulo serão lançadas tôdas as despesas subdividindo-as em:
Preparo do terreno: (como para a cultura, ou englobado)
Plantio " " " " "
Tratos culturais: desbaste
carpas

regas
combate às pragas
seleção (roguing, etc.)
fabricação de vasos
transplantação (p/ canteiros ou jacàzinhos)
etc.

Havendo conveniência pessoal, certas rubricas podem ser agrupadas. Por exemplo:

roçada, desbravamento e destoca = desbravamento
riscação, semeação e adubação = semeação

Para permitir o "contrôle" dos serviços, não devem ser reunidas as mesmas operações (arações, etc.) feitas com meios diferentes (à mão, com animais, com trator).

Padronizando desta maneira os diversos serviços culturais, consegue-se uma base interessantíssima para estudar cada serviço em si, nas diversas culturas.

Título CULTURAS DIVERSAS:

Êste título do Razão agrupa as pequenas culturas experimentais e outras, as pequenas culturas bisanuais e as pequenas culturas para alimentação dos animais, isto enquanto essas culturas não oferecem interêsse em serem conhecidas em todos os seus detalhes, devido ao seu pequeno vulto.

Título CRIAÇÕES:

Êste título do Razão agrupa todos os gastos e receitas feitos com os animais de exploração.

Os subtítulos, no Livro Auxiliar, serão, conforme a existência:

Aves — Criações
Bovinos para carne "
Bovinos para leite "
Caprinos "
Cavalares "
Muares "
Ovinos "
Peixes "
Suinos "
etc.

Os valores dos animais figuras no título SEMOVENTES. Assim cada subtítulo é debitado pela:

Mão de obra: ordenados dos campeiros,
castração
Serviço de animais: cavalos de campo
Material: medicamentos
sal
alimentos: (milho, farelos, raízes, canas, etc.) pelo preço incluido seu preparo pelo Moinho, desintegrador, picador de cana, etc.
pastos: conservação, isto é, o custo da roçada anual, repartido em proporção do n.º de cabeças, média do ano.

cêrcas e currais: conservação e depreciação, despesas repartidas da mesma forma que a anterior.
prédios — estábulos — conservação e depreciação
diversas despesas.
Despesas Gerais: sua quota %:
valor
Semoventes: depreciação ou prejuízo
Lucro
Cada subtítulo é creditado pelos
Produtos vendidos: n.º de unidades
valor total
Semoventes: valorização verificada no Inventário (saldo da conta SEMOVENTES correspondente)
Prejuízo.

Título OLARIA:

Se esta exploração existir com fins de lucros pela venda dos produtos a terceiros, ela deverá figurar neste grupo das Contas de Exploração.

Se a olaria visar ùnicamente o fornecimento de material para a fazenda, o título figurará no grupo das Contas de Repartição (sem Perda nem Lucro).

Os subtítulos no Livro Auxiliar são:

Ladrilhos — fabricação
Telhas "
Tijolos "
Tubos p/ drenos "
Vasos "
etc.

Êsses subtítulos são debitados por:

Mão de obra: salários
Material: fôrça
óleos e graxas
lenha
peças
ferramentas e utensílios (depreciação)
maquinários — conservação
" — depreciação (no fim do exercício)
diversos
Prédios: conservação (no fim do exercício)
depreciação " " " "
Matéria prima: valor estimativo do barro
Carretos

Êsses subtítulos são creditados pelo valor dos produtos vendidos são saldados por Perdas e Lucros.

Título USINA:

Êste título do Razão existirá caso haja uma usina de beneficiamento, como Fecularia, Leiteria, Usina de Açúcar, etc.

A parte contabil dessa secção pertence mais a contabilidade industrial do que a contabilidade agrícola. Não a trataremos aqui.

CONTAS ESPECIAIS

Título DESPENSA:

Êste título representa todo o movimento do "Armazém" ou da "Venda" de víveres da propriedade.

Na sua função normal, êste título não apresenta maior interêsse e pode cingir-se a uma linha mensal no Razão.

Desejando-se alguns detalhes, o Livro Auxiliar poderá discriminar:

à débito: Inventário, valor das mercadorias no início do exercício
Mercadorias, produzidas pela fazenda e pelos colonos, compradas no comércio, e suas despesas de carreto.
Caixeiros, mão de obra
Impostos
Diversas despesas: auto, luz, prédio conservação e depreciação, despesas gerais,
Lucro:

à crédito: Mercadoria vendida
Inventário, valor no fim do exercício
Prejuízo (eventual)

Título NEGÓCIOS DIVERSOS:

Ficam agrupadas neste título as despesas e receitas de negócios completamente estranhos à fazenda. Seus subtítulos no Livro Auxiliar serão abertos de acôrdo com o fim desejado.

Uma ficha de "Material" para cada negócio será das mais elucidativa.

"PANCOMTEL"
COMTELBURO LTD. — PANAMEURO S/A.
Agência especializada nas informações de mercados nacionais e estrangeiros a saber:
CAFÉ — ALGODÃO — BORRACHA — TÍTULOS — CAMBIO
METAIS — AÇÚCAR — CACAU — JUTA — TRIGO
COUROS — ETC.
Assinaturas e mais informações nos seguintes endereços:
RIO DE JANEIRO: Rua Beneditinos, 17 - 4.º andar Fone: 23-0012
SÃO PAULO: Rua Libero Badaró, 488 - 2º andar Fone: 3-4976
SANTOS: Praça Azevedo Junior, 14 - 4.º andar — Fone: 2-7278
(p) Agências nos principais Estados do Brasil

Resumos e Transcrições

BANCO DO ESTADO DE S. PAULO S. A.

(Com garantia do Govêrno do Estado de São Paulo)

Capital realizado ..... Cr$ 100.000.000,00

FAZ TÔDA E QUALQUER OPERAÇÃO BANCÁRIA

EMPRÉSTIMOS
sôbre café, algodão e outros produtos agrícolas
Desconto de Letras e Duplicatas
Guarda de Títulos e Valores
Cobranças de dividendos e de juros de apólices
Bonus rotativos do Tesouro do Estado
Apólices Uniformizadas, Apólices Populares Paulistas, etc.
Operações de câmbio de qualquer natureza
Correspondentes nas principais praças do país e do exterior
Cofres de aluguel — Depósitos noturnos.

SERVIÇO RÁPIDO E EFICIENTE

MATRIZ: — SÃO PAULO

Caixa Postal, 789 — Enderêço Telegráfico: "BANESPA"

AGÊNCIAS

1 — Adamantina
2 — Amparo
3 — Andradina
4 — Araçatuba
5 — Araraquara
6 — Araras
7 — Atibáia
8 — Avaré
9 — Barretos
10 — Batatais
11 — Baurú
12 — Bebedouro
13 — Botucatú
14 — Biriguí
15 — Brás (Capital)
16 — Caçapava
17 — Campinas
18 — Campo Grande (Mato Grosso)
19 — Campos do Jordão
20 — Casa Branca
21 — Catanduva
22 — Franca
23 — Gália
24 — Goiania (Est.Goiás)
25 — Guaratinguetá
26 — Ibitinga
27 — Itapetininga
28 — Itapeva
29 — Itú
30 — Ituverava
31 — Jaboticabal
32 — Jaú
33 — Jundiaí
34 — Lençóis Paulista
35 — Limeira
36 — Lins
37 — Lucélia
38 — Marília
39 — Mirassol
40 — Mogi-Mirim
41 — Novo Horizonte
42 — Olímpia
43 — Ourinhos
44 — Palmital
45 — Penápolis
46 — Pinhal
47 — Piracicaba
48 — Pirajuí
49 — Pirassununga
50 — Pres. Prudente
51 — Pres. Venceslau
52 — Quatá
53 — Registro
54 — Ribeirão Preto
55 — Rio Claro
56 — Rio de Janeiro
57 — Sta. Cruz do Rio Pardo
58 — Santo Anastácio
59 — Santos
60 — S. Bernardo do Campo
51 — São Carlos
62 — S. João da Bôa Vista
63 — São Joaquim da Barra
64 — S. José do Rio Pardo
65 — S. José do Rio Preto
66 — São Simão
67 — Sorocaba
68 — Tanabí
69 — Taubaté
70 — Tietê
71 — Tupã
72 — Uberlândia (Minas Gerais)

A ÁFRICA E O BRASIL

Há cêrca de dois anos, o govêrno paulista enviou à África uma missão de técnicos para observar o desenvolvimento da economia do Continente Negro, especialmente de sua agricultura. Um dos seus membros, o agrônomo Rui Miller de Paiva, acaba de publicar o relatório que a respeito dessa viagem apresentou, dando-lhe o título — "Agricultura na África". Este jornal, que vem acompanhando de perto, há longos anos, a questão do desenvolvimento econômico da África, registra com prazer o aparecimento desse trabalho — vivo, cheio de minuciosas observações e através do qual se pode fazer uma idéia mais nítida das reais possibilidades daquele continente e das ameaças que alguns dos seus produtos poderão representar para a nossa economia.

Desses produtos, o principal é o café, e a respeito o sr. Rui Miller de Paiva chega a conclusões muito claras. O que êle viu no Continente Negro permitiu-lhe reduzir às suas justas proporções o espectro, tantas vezes lembrado, da concorrência africana. Estuda pormenorizadamente as duas grandes variedades de café ali cultivadas, afirmando serem poucas as regiões em que se poderá desenvolver com êxito a melhor delas, a "Arábica": Kênia, Tanganica, Uganda, Ruanda-Urundi, Kivu e Abissínia, regiões a que se poderão acrescentar algumas áreas do Camerum francês. São raras na África as zonas que se prestam à cultura do "Arábica", sendo-lhe em geral inconvenientes as terras de baixa altitude. "A possibilidade de aumento sensível da produção do "Arábica" parece-nos diminuta" — diz o sr. Miller de Paiva. Quanto ao aumento da produtividade dos cafèzais existentes, é difícil também, diante dos primitivos processos culturais dos indígenas.

No que respeita ao "Robusta", são mais ameaçadoras para nós as perspectivas da cafeicultura africana. Menos exigente do que o "Arábica" tanto no que se refere à riqueza do solo como às condições do clima, mais resistente às doenças e às pragas, o "Robusta" encontra na África extensas regiões em que pode ser cultivado. Dentre as razões que explicam a expansão relativamente lenta de sua cultura, o sr. Miller de Paiva salienta a falta de braços (em Angola, por exemplo), e a competição de outras lavouras, como a de cacau na Costa do Ouro, a de palmeiras de dendê na Nigéria e outras. Enfim, estudando os diversos planos elaborados pelas metrópoles para o desenvolvimento econômico das colonias africanas, assinala que a parte dedicada à cultura cafeeira é geralmente modesta.

Os leitores que acompanharam a longa reportagem realizada pelo "Estado" sôbre o desenvolvimento da cultura do café na África observarão, pelas referências que acabamos de fazer ao trabalho do sr. Rui Miller de Paiva, que este técnico chegou, há dois anos, a conclusões semelhantes às nossas. Analogia tanto mais interessante quanto os dois inquéritos foram realizados em condições muito diferentes. Tratou-se, de um lado, de uma missão oficial organizada pelo govêrno do Estado, composta de vários técnicos e que foi oficialmente recebida nas diversas regiões africanas; e de outro, do trabalho de um jorna-

lista que contornou, em caráter particular, o Continente Negro. Tratou-se em suma, num caso, de estudo técnico e oficial; de outro, de uma reportagem. Entretanto, as conclusões essenciais se mostram muito semelhantes, apesar das diferenças de pormenor que distinguem os dois trabalhos.

Somos, contudo, um pouco menos otimistas do que se revela o sr. Rui Miller de Paiva nas últimas páginas do seu relatório. Tememos, realmente, que, diante da firmeza dos preços do café nos mercados mundiais e do recuo das cotações de outras matérias-primas agrícolas e minerais, os cafeicultores africanos se sintam estimulados a desenvolver suas plantações, mesmo que para tal não contém com o auxílio das metrópoles e mesmo que os planos econômicos por estas elaborados precisem ser em parte modificados. A esta possibilidade o autor faz, aliás, alusão na última parte do seu estudo: "Em conclusão, podemos dizer que a marcha da produção do café "Robusta" na África fica na dependência de dois fatores principais, que são as cotações do café "Arábica" do Brasil e a preferência ou procura que os mercados consumidores mostrarem pelo "Robusta", que é de bebida inferior. Se esses dois fatores continuarem elevados, a produção do café "Robusta da África deverá aumentar sensìvelmente no futuro, em rítmo, porém, menos acentuado que o dos últimos anos".

Mas o café não é o único produto com que a África poderá, um dia ou outro, ameaçar a nossa economia, e o sr. Rui Miller de Paiva estuda também em seu trabalho, com igual minúcia, as culturas do cacau, do algodão e do amendoim e a produção de óleo de dendê. Teremos ocasião de volver a outros aspectos desta obra, que consideramos de muito interêsse para a economia nacional.

(Do O Estado de S. Paulo, de 16-7-1952)

O PRECEITO DO DIA

CARIE DENTARIA E VITAMINA D

A falta de vitamina , na alimentação, é a mais importante causa da cárie dentária. Essa vitamina não só preserva os dentes contra a cárie, como até, segundo alguns autores, auxilia a cura dos dentes cariados.

Use leite, manteiga, creme de leite, ovos e fígado, pois esses alimentos fornecem a vitamina D, necessária à saúde dos dentes. — SNES.

ENTUSIASMADO UM CORRESPONDENTE NORTE-AMERICANO COM O PROGRESSO DO PARANÁ

O jornal "Saturday Evening Post", num artigo assinado por Harold H. Martin, datado de São Paulo, Brasil, sob o título "A Terra que cheira a dinheiro", descreve a "atividade febril" que diz existir no norte do Paraná. Diz o articulista que a riqueza desse Estado brasileiro é explorado para produzir café por colonos de 40 países.

Mais adiante, diz que em tôrno da cidade de Londrina "brotam" cidades de 5, 10 e 15 mil habitantes em lugares em que antes sòmente existiam selvas e bosques, e frisa: "Talvez sòmente se possa encontrar fertilidade igual nas terras de trigo dos Estados Unidos e Ucrânia. Tão vermelha como sangue e alcançando profundidade de até 20 pés nos montes e de 70 pés nas planícies, essa terra produz de 3 a 5 vezes mais café do que se pode conseguir em São Paulo, que por mais de 50 anos, vem entregando café a todas as casas do mundo".

O articulista declara ainda que em menos de um ano começou a colonização do norte do Paraná e que "2 anos depois, troncos, choças, árvores haviam cedido seu lugar às casas de ladrilho; e aos 3 anos contou-se naquela região com a primeira iluminação pública. No 4.º ano, quando novos cafeeiros renderam a primeira colheita e começou a afluir dinheiro foram iniciadas novas construções, agora, os primeiros edifícios de 5 andares, para acomodar Bancos, companhias de seguro e agências de automóveis".

O artigo declara a seguir que a cidade de Londrina conta agora com 40 mil habitantes e que as casas que eram vendidas, no princípio da colonização, por 7,5 dólares valem agora 5 mil dólares.

Com respeito às terras cafeeiras, declara o articulista que lotes que se venderam a 3,20 dólares custam hoje 200 dólares. Destaca que em 1952 vivem no norte do Paraná — que produz 5 milhões de sacas de café, recolhidas de 300 milhões de pés de café — cêrca de 500 mil pessoas.

Há 30 anos, essa região — segundo o artigo — não produzia um só grão. Em seguida, o articulista assegura que o precursor e inimiador da colonização do norte do Paraná foi Arthur Hugh Miller, ex-capitão do exército britânico, que concebeu a idéia de colonizar o território e começou as operações da Paraná Plantations, com capital britânico, comprando terras e levando para ali os primeiros colonos. Mais tarde, Miller vendeu seus direitos a capitalistas de São Paulo.

O articulista declara finalmente que já passou o tempo dos pequenos colonos e que sob a influência da especulação os preços começaram a subir ali. Acrescenta que resta por esclarecer quanta terra cultivável ainda há em disponibilidade. "Nos extremos da fronteira onde os lavradores avançam para os limites paraguaios, algumas das pequenas companhias que chegaram depois dos britânicos a essa região estão encontrando um solo cinzento e arenoso", termina o articulista.

(Do Jornal do Comércio, Rio — 20-11-1952)

MERCADO CAFEEIRO HOLANDÊS

CONDIÇÕES GERAIS DA PRODUÇÃO E DO CONSUMO CAFEEIRO NO MUNDO

Conferência do Prof. Francisco de Sales Vicente de Azevedo, na Sociedade Rural Brasileira

A convite da diretoria da Sociedade Rural Brasileira, o sr. Francisco de Sales Vicente de Azevedo, presidente do Centro das indústrias do Estado de São Paulo e que acaba de regressar de uma longa viagem pela Europa, pronunciou na sede daquela entidade representativa da agricultura, uma conferência sôbre o resultado de suas observações quanto às possibilidades de ampliação das vendas de café brasileiro aos países europeus. O sr. Francisco de Sales Vicente de Azevedo foi saudado pelo sr. Mario Rolim Telles, presidente da Sociedade Rural Brasileira, que acentuou a importância, para os cafeicultores do Brasil, dos resultados das observações do presidente do Centro das Indústrias, conhecedor de nossos problemas econômicos e, particularmente, dos assuntos ligados à produção e consumo do café.

Perante a numerosa assistência que compareceu à sede da Sociedade Rural Brasileira, o prof. Francisco Sales Vicente de Azevedo iniciou sua conferência, referindo-se primeiramente à Holanda. Disse que, "terminada a guerra, os primeiros esforços do povo holandês visaram a recuperação dos terrenos invadidos pelas águas, pela construção dos canais e vias de comunicações, e a recuperação dos campos para a agricultura. Ao mesmo tempo, levavam-se a efeito estudos e planos para a conquista ao mar de novos terrenos, que se chamam "polders". O melhoramento dos canais, principalmente a construção de um canal ligando Amsterdam ao Reno, e a terminação das grandes comportas que permitem que os barcos que levavam 4 mil toneladas possam navegar francamente até atingir o Reno e subir por êste até Basiléia.

Os portos holandeses de Rotterdam e Amsterdam são notáveis pelo seu grande movimento. O primeiro tem a extensão de 35 mil metros de cais acostáveis, e o seu movimento anual vai crescendo gradativamente, esperando-se que atinja os mesmos numeros do pre-guerra. Rotterdam é chamada pelos holandeses de um grande porto com uma cidade ao lado, ao passo que Amsterdam é chamada o "gate way" da Europa, e o seu movimento já é superior ao do pôrto de Santos, e deverá atingir de 10 a 12 vezes milhões de toneladas por ano. Rotterdam é o grande centro de comércio internacional e, portanto, do comércio do café. Sendo porto franco, mostra grande facilidade na descarga de mercadorias, que são armazenadas a baixo custo para reexportação para os países vizinhos.

Muitas vezes essa reexportação é feita para países distantes, como

América do Norte, África e até mesmo Ásia. Êsse movimento portuário é tanto no sentido da importação como da exportação de matérias-primas e produtos manufaturados. O café sempre ocupou um lugar de destaque no comércio da Holanda. Durante a guerra, com a paralisação de Rotterdam, o comércio do café também ficou paralisado, mas, retomadas as atividades, o café está recuperando a sua antiga posição. Depois da guerra, duas modificações profundas se produziram no mercado cafeeiro de Rotterdam: a primeira, resultante das regulamentações e restrições que presidiram as importações de alguns produtos, entre os quais o café. Êste foi mesmo o mais atingido, porque foi o único artigo que no ano passado, em 1951, ainda estava sujeito ao racionamento, que foi extinto no corrente ano. O segundo acontecimento é que a Indonésia deixou de ser o grande fornecedor de café para a Holanda.

Os holandeses não deixam de manifestar sua surprêsa, e até mesmo estranheza, quando se lembram dos preços baixos do café no período de pré-guerra e comparam aquelas cotações do passado com os preços vigentes, que vão de 14 ou 15 vezes o valor do primeiro. Outra é a estabilidade ou firmeza de preços, bastando lembrar que mais de um comerciante de café declarou que no ano passado a maior oscilação entre preços mais baixos e mais elevados, não foi além de dois dólares e 75 centavos por saco, ou, apenas, menos de 5% do seu valor.

O café brasileiro é muito apreciado pela sua qualidade e, principalmente, pela variedade que êle apresenta nos portos de procedência, o que permite aos comerciantes a preparação de ligas ou misturas que proporcionam, não raro, lucros vultosos aos importadores e distribuidores, haja vista que o café tipo Santos estava cotado a 510 shillings por 60 quilos ou seja, 71 dólares e 60 centavos, quando o café Minas era cotado a 462 xelins, ou seja, 60 dólares e 50 centavos. Basta apreciar essas diferentes cotações para se compreender como se tornava fácil preparar-se ligas, em que predominavam os cafés baixos, para permitir lucros vultosos aos seus importadores e distribuidores. Não compreendem, ainda, os holandeses, os motivos dos preços atuais do café. Não porque desconheçam que o encarecimento do produto, a elevação do "standard" de vida, tenham determinado a elevação dos preços, na generalidade, de todas as utilidades. Mas a elevação de 14 a 15 vezes é que êles consideram de certa forma artificial e forçada pelo governo brasileiro, em vista do equilíbrio estatístico. Antes da guerra, o café Santos era cotado a 36 shellings por 60 quilos, ao passo que a cotação presente, no mesmo café, é da ordem de 510 xelins, e a recente medida do govêrno, colocando o café na base de mil cruzeiros por saco, é tida como providência que tem por fim estabelecer o limite de preços do nosso principal produto, circunstância essa que é atribuida também a esta situação excepcional de equilíbrio entre a produção e o consumo.

No comêço do ano passado, quando o govêrno holandês pôs à disposição dos importadores certas importâncias em cruzeiros, para a compra de produtos brasileiros, os importadores se voltaram para o café

do nosso País, e êsse interêsse acentuou-se mais ainda quando os negocios foram permitidos na área do esterlino. Posteriormente, em vista da reexportação, o governo brasileiro não mais permitiu, o que ocorreu no mês de agôsto, negócios na base de cruzeiros e esterlinos, dando lugar à quase paralisação completa das compras de café. Essa providência foi tomada quando a estimativa da safra mostrou que ela não iria além de 16 milhões de sacas, ou seja, cerca de 800 mil a menos da primitiva estimativa. As oscilações de preços são observadas tão atentamente pelo comércio importador, que a alta verificada em novembro próximo passado, foi comentada com a expressão "infelizmente" os cafés brasileiros estão recobrando os preços altos. Sendo o café Santos sujeito ao regulamento de embarque, havendo uma relativa liberdade para os embarques do café Rio de Paranaguá, os importadores procuram, de preferência, os cafés destas duas últimas procedências, principalmente por serem mais acessíveis no tocante a preços. Acham-se, em geral, os comerciantes de café muito bem informados em relação ao declínio da produção em quase todas as zonas do Estado de São Paulo e admitem mesmo que a produção do Estado não poderá ir além de 8 milhões de sacas. Por outro lado, encaram com grande expectativa as anunciadas grandes safras do Estado do Paraná.

Ouvi, repitidas por várias pessoas, expressões que têm sido proferidas pelo governo paranaense e algumas autoridades cafeeiras, quando afirmam que a zona norte do Paraná em breve superará o Estdo de São Paulo em volume de produção. Chegam mesmo essas pessoas a dizer que se isso se verificar dentro de dois anos, esperam que o declínio das exportações tenha início em 1954.

O café chamado Minas tipo 2 está logrando bastante aceitação. São cafés exportados pelos portos do Rio e Angra dos Reis e alguns de procedência paulista. Êsses cafés, como já disse, pela sua cotação mais acessível, são muito procurados. Essa campanha feita por alguns entusiastas das terras roxas do Paraná tem sido contraproducente, porque está produzindo a impressão de que dentro de alguns anos teremos safras muito volumosas e, portanto, superprodução. E' um argumento de agrado dos baixistas, que esperam oportunidade para provocar a queda das cotações. As produções de alguns países se acham em declínio, ao passo que em outros, sobretudo as colônias africanas, estão em rápida ascensão. Em declínio está a produção da Venezuela, que recuou de 50% em seu volume exportável. A Colômbia apresenta certa estabilidade, o mesmo ocorrendo com Salvador, enquanto que Guatemala e México mantém uma progressão firme no aumento de suas exportações. Desejo acentuar os progressos que a África tem realizado. A África Oriental Inglesa já atingiu a casa de 1 milhão de sacas, e o Congo Belga já excedeu à cifra de meio milhão. O nosso vizinho Equador, cujas cifras de exportação não atingiram a 200 mil sacas por ano, no ano de 1950 alcançou 335 mil sacas. Dada a situação geral que acaba de ser apreciada, podemos ter confiança em que, prosseguindo com o aumento de consumo em todo o mundo e as dificuldades reinantes em

alguns países da América, pela escassez de braços, pelo exaurimento das terras ferteis, a produção americana não apresenta possibilidades de grandes aumentos, ao passo que na África o aumento de produção tem-se acentuado de tal maneira que, apesar das qualidades inferiores do café, apesar das faltas de comunicações e transportes, e das deficiências de mão-de-obra, que, sendo abundante, se ressente profundamente da incultura que caracteriza as populações africanas — tenho a impressão de que ainda o consumo poderá expandir-se segura e interessantemente nos próximos anos, o que vai permitir a absorção dos aumentos da produção, que são estimados em cerca de 1 milhão e meio a dois milhões de sacas por ano, nos próximos anos vindouros.

(Do "O Estado de S. Paulo", 4-7-52)

O PRECEITO DO DIA

VENENO INSIDIOSO

O fumo não ataca de modo rápido o organismo, mas o faz aos poucos, sorrateiramente, sem que o fumante o perceba. Assim sendo, o fumo atua como verdadeiro agente da "quinta coluna contra a saúde".

Não se fie nas aparências. Combata radicalmente um dos inimigos da saúde, abandonando, de vez, o vício de fumar. — SNES.

A COLHEITA DE CAFÉ

Em muitas fazendas paulistas ainda se acha a meio caminho a colheita de café, que deverá, em várias delas, prolongar-se até princípios de setembro. Esses contratempos filiam-se principalmente às chuvas excessivas do outono e à escassez de braços, em grande parte desviados para a colheita do algodão, escassez que se fez notar a despeito do volume reduzido da safra cafeeira. A experiência tem demonstrado que os meses de abril e maio são os mais favoráveis, nas diferentes zonas produtoras de São Paulo, aos trabalhos de início de colheita; mas justamente nesses meses desabaram chuvas, que se prolongaram por mais de quinze dias, forçando o retardamento daquela operação e depreciando a qualidade do primeiro café colhido, que teve de permanecer no terreiro por tempo superior ao necessário. Por isso, o espalhamento do cisco e outros trabalhos posteriores à colheita estão atrasados este ano.

Está provado que, nas terras arenosas, um homem consegue colher — ou seja derriçar, rastelar e abanar — 80 pés de café por dia, ao passo que, nas terras roxas, do tipo mais encontradiço na região de Ribeirão Preto, a média se aproxima de 42 pés de café por dia. A derriça é o processo mais comum de colheita em nosso Estado e consiste em correr a mão ao longo dos ramos do cafeeiro, derrubando os frutos no chão ou no pano. Esforça-se a Secretaria da Agricultura para que os lavradores paulistas adotem a colheita chamada de "derriça no pano", que proporcionará sensível melhoria da qualidade do café aquí obtido. Mas quem conhece as nossas fazendas e sítios de café sabe que ainda estamos muito longe de atingir esse relativo progresso na colheita do nosso principal produto agrícola.

"A colheita do pano — diz um trabalho da Secretaria da Agricultura — é de todos os processos que praticamos o mais correto e o que deve ser inicialmente generalizado. Muito embora ainda se misturem nesse sistema frutos maduros, secos e verdes com fôlhas e pauzinhos, evita-se no entanto o contacto do café com a terra, o que além de permitir a aquisição de cheiro e gosto característicos, elimina as pedras e torrões. O café de derriça no pano, quando convenientemente separado, poderá produzir tipos muito finos, se houver cuidado na secagem. O café colhido em estado "cereja" dá bebida e aspecto finos. Daí a condição de se ter de partir, em regra geral, dos frutos colhidos em cereja ou bem maduros, para obtenção dos cafés mais finos. Portanto, a modalidade de colheita que deve ser preferida e adotada, principalmente nas zonas de maturação desigualada, é aquela efetuada pela derriça no pano e durante a verificação da maior porcentagem de maturação, recolhendo-se apenas os frutos cereja e deixando-se na árvore aqueles que ainda se conservam verdes. Serão necessários desta forma duas "passadas" na lavoura, colhendo-se na primeira apenas os frutos maduros até onde se puder e recolhendo-se na segunda todo o café restante que ficou ou o cereja, o sêco e o verdoengo que ainda

restam. Em último caso, se houver dificuldade para duas colheitas, será preferível esperar pelo máximo de café em estado de "cereja" e "sêco, fazendo uma derriça geral no pano".

Infelizmente, muito tempo ainda correrá até que possamos conseguir essa uniformização da colheita, alcançada por outras regiões cafeeiras do mundo. A falta de braço trabalhador torna ainda mais distante esse objetivo.

(Do O Estado de S. Paulo, de 10-7-1952)

DECRETO Nº 21.866, DE 19 DE NOVEMBRO DE 1952

Altera a Determinação dos Cafés para o Mercado Disponível na praça de Santos.

LUCAS NOGUEIRA GARCEZ, GOVERNADOR DO ESTADO DE SÃO PAULO, usando das atribuições que lhe são conferidas por lei,

Decreta:

Artigo 1.º — A cotação a que alude o artigo 88 do decreto n.º 16.208, de 17 de outubro de 1946, se referirá, com as características dos atuais contratos da Bolsa Oficial de Café e Mercadorias de Santos, aos seguintes cafés:

Estilo Santos — tipo 4
Estilo Santos Riado — tipo 4
Sem descrição — tipo 4

Artigo 2.º — Revogam-se as disposições em contrário, especialmente o § 1.º do artigo 88 do decreto n.º 16.208, de 17 de outubro de 1946.

Artigo 3.º — O presente decreto entrará em vigor na data de sua publicação.

Palácio do Govêrno do Estado de São Paulo, aos 19 de novembro de 1952.

LUCAS NOGUEIRA GARCEZ
Mario Beni

Publicado na Diretoria Geral da Secretaria de Estado dos Negócios do Govêrno, aos 19 de novembro de 1952.

Carlos de Albuquerque Seiffarth —
Diretor Geral, Substituto.

(Do Diário Oficial, de 20-11-1952)

CRIAÇÃO DE UMA CARTEIRA CONTRA O GRANIZO NA LAVOURA DO CAFÉ

Estuda o assunto a Secretaria da Agricultura

O secretário da Agricultura deu instruções ao superintendente da Comissão de Produção Agropecuária, engenheiro agrônomo Clodomiro Vergueiro Porto, no sentido de aquele órgão iniciar os estudos competentes, em bases técnica e jurídica para a elaboração de um anteprojeto de uma Carteira de Seguro Contra o Granizo para a Lavoura Cafeeira.

É pensamento do titular da pasta, sr. Pacheco e Chaves, convidar, para integrar a comissão de técnicos que será constituida para estudar o assunto, representantes das classes produtoras e de entidades ligadas diretamente à cafeicultura.

A Comissão de Produção Agropecuária, que é uma dependência da Secretaria da Agricultura ligada diretamente ao gabinete do titular da pasta, já tem em funcionamento, duas outras Carteiras similares, as de Seguro Contra o Granizo para o algodão e a viticultura.

(Do Correio Paulistano, de 5-12-1952)

SAFRA CAFEEIRA PARANÀENSE

A Secretaria da Agricultura do Paraná procedeu á estimativa da safra de café de 1952/53, com os seguintes resultados, por municípios:

Setor Agrícola de Maringá: Apucarana, 490.000 sacas; Mandaguari, 800.000; Campo Mourão, 3.000. Total do setor, 1.293.000 sacas.

Setor Agrícola de Londrina: Londrina, 250.000 sacas; Arapongas, 270.000; Cambé, 150.000; Porecatu, 350.000; Rolândia, 250.000; Jaguapitã, 130.000; Sertanópolis, 190.000; Bela Vista do Paraiso, ... 230.000; Ibiporã, 45.000. Total do Setor, 1.865.000 sacas.

Setor Agrícola de Cornélio Procópio: Urai, 90.000 sacas; Assai, 207.000; Congoinhas, 104.000; Jataizinha, 38.400; Sta. Mariana, ... 151.700; Cornélio Procópio, 452.400. Total do Setor, 1.043.500.

Setor Agrícola de Cambará: Cambará, 55.000 sacas; Andirá, ... 55.000; Bandeirantes, 85.000; Carlópolis, 6.000; Cinzas, 10.000; Ibaiti, 33.000; Jacarèzinho, 85.000; Joaquim Távora, 12.000; Quatiguá, .. 6.000; Ribeirão Claro, 50.000; Ribeiral do Pinhan, 35.000; Santo Antonio da Platina, 65.000; Siqueira Campos, 12.000; Tomazina, 18.000; Venceslau Brás, 3.000; Senges, 2.500; Abatiá, 65.000. Total do Setor, 597.500 sacas.

Total do Estado do Paraná, 4.799.000 sacas.

(Do O Estado de S. Paulo, de 10-11-1952)

O café visto nos Estados Unidos

(Cartas Semanais do escritório Pan-Americano do Café — Nova York)

N.º 802 CARTA SEMANAL DO MERCADO 7 de Novembro de 1952

SITUAÇÃO GERAL: A vitória do Partido Republicano deu já motivo a inúmeras especulações, nos círculos comerciais, sôbre o rumo eventual da economia do país sob o regime do novo Presidente eleito. Embora seja ainda muito cedo para se prever as consequências econômicas dessa vitória, há indícios porém de que o novo govêrno vae inaugurar uma série de medidas no sentido de acabar com as extravagâncias fiscais do Presidente Truman e ao mesmo tempo exercer um contrôle mais eficaz sôbre a maneira como os fundos públicos são empregados. Nessa ordem de idéias, os observadores predizem reduções nas despesas do Estado e simultâneamente especulam sôbre o efeito de tais reduções na economia em geral. Fala-se igualmente de uma revisão dos contrôles econômicos impostos pelo atual govêrno bem como de uma política comercial mais realística que permita maior flexibilidade ao movimento global de importação e exportação. Alguns observadores notam, a esse respeito, que o regime do novo Presidente trará, com o tempo, mair estabilidade econômica e de que o seu govêrno tentará sèriamente uma redução dos impostos, a contração na dívida nacional e a consequente eliminação das atuais fôrças inflacionistas.

Quanto ao panorama econômico imediato, tudo indica que o consumo continuará a altos níveis, pelo menos durante os próximos seis meses, e de que a expansão industrial seguirá ao mesmo rítmo, de vez que não se espera nenhuma alteração radical no atual programa de defesa, o qual como é sabido constitue um dos fatores principais para o alto nível da presente atividade econômica.

MERCADO DE CAFÉ: Embora o comércio local tenha exprimido opiniões um tanto divergentes sôbre os possíveis efeitos da vitória republicana de terça-feira, elas não deixam contudo de ser interessantes. Assim alguns predizem que os importadores vão manter uma política cautelosa de compras enquanto observam o desenvolvimento de possíveis alterações na economia nacional e o efeito de tais alterações nos vários mercados. Contudo, à vista do escasso suprimento de café nesta praça e à favorável posição estatística do produto êste mercado está lògicamente numa situação vantajosa e excepcional para resistir a qualquer possível movimento baixista nos outros produtos. Além disso, a presença do inverno e consequentemente um maior consumo para o café implica, como é natural, uma expansão na procura por parte dos torradores que só poderá dar firmeza adicional ao mercado da rubiácea.

Entrementes o mercado mostrou maior atividade durante a semana em revista e reagiu contra a ligeira debilidade que se notou nas últimas duas ou três semanas. O ambiente melhor parece ter sido o resultado de um telegrama do Brasil, que circulou aqui na segunda-feira, explicando os preços mínimos para o café exportável no seu equivalente em moeda dos Estados Unidos. A impressão colhida nesta praça sôbre aquele telegrama indica a reafirmação no valor do cruzeiro que parece eliminar para sempre os rumores de que a moeda brasileira ia ser desvalorizada. Aquela notícia parece com efeito haver criado um ambiente favorável aqui e restabelecido a confiança no mercado pela expansão na ativi-

dade, não obstante o fato de ter havido um dia feriado durante a semana. A posição aberta acusa 2.377 lotes em comparação com 2.214 lotes na sexta-feira da semana passada. As cotações no Contrato "S" da Bolsa de Café e Açúcar desta cidade voltaram a mostrar firmeza e no momento de escrever esta CARTA continuam mostrando as mesmas tendências. Quanto ao mercado físico do produto, embora continue nominal os preços porém mantêm firmeza.

ÚLTIMAS COTAÇÕES: Os preços no mercado físico mostram ganhos entre 1/4c/ e 1/2c/ comparados com os níveis da semana passada. O tipo Santos 4 esteve cotado entre 51,25c/ e 51,50c/ FOB comprado com a cotação de 51c/ durante a semana passada. Os colombianos foram cotados entre 57c/ e 57,50c/ para embarque imediato e disponíveis.

EXPORTAÇÕES DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

		Dados Semanais Destinos Principais			
	Semanas terminadas em:	Estados Unidos	Europa	Outros	Total
BRASIL*	1-11-1952	137.000	62.000	20.000	219.000
	25-10-1952	201.000	111.000	27.000	339.000
	3-11-1951	145.000	103.000	33.000	281,000
COLÔMBIA**	1-11-1952	81.848	6.004	3.023	90.875
	25-10-1052	70.149	6.025	8.797	84.971
	3-11-1951	51.847	6.515	—	58.362

ESTOQUES DE CAFÉ NOS PORTOS DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

		Semanas terminadas em:		
	Portos	1-11-1952	25 10-1952	3-11-1951
BRASIL*	Santos	1.874.000	1.803.000	1.543.000
	Rio	284.000	291.000	356.000
	Vitória	60.000	61.000	142.000
	Paranaguá	2.247.000 a	2.039.000 b	1.030.000
	Pernambuco	3.000	4.000	11.000
	Bahia	26.000	27.000	24.000
	Angras dos Reis	60.000	56.000	56.000
	TOTAL	**4.554.000**	**4.281.000**	**3.162.000**
COLÔMBIA**	Barranquilla	102.963	154.996	163.689
	Cartagena	81.729	82.797	72.132
	Buenaventura	88.906	90.460	98.051
	Cucuta	144.057	144.057	92.345
	Total	**417.655**	**472.310**	**426.217**

ESTOQUES DE CAFÉ NOS ARMAZENS GERAIS DE NOVA YORK *

PAÍSES DE ORIGEM (sacas de pesos diferentes)

	Brasil	Colômbia	Outros	Total
1-11-1952	82.909	97.346	66.228	246.483
25-10-1952	78.980	121.557	68.192	268.729
3-11-1951	3.927	41.162	2.385	53.474

* Dados da Bolsa de Café e Açúcar de Nova York.
** Dados da Federação Nacional de Cafeeiros de Colômbia.
a das quais 350.000 liberados e 1.897.000 por liberar.
b das quais 438.000 liberadas e 1.601.000 por liberar.

O CAFÉ ATRAVÉS DA IMPRENSA

PAÍSES PRODUTORES

O Salvador: Da revista "Lamatepec" de Santa Ana, edição de Setembro, reproduz-se a seguinte nota sôbre o benefício do café: "O Ministério de Agricultura anunciou o desenvolvimento de um novo processo químico para beneficiar o café que já provou ser um valioso substituto dos métodos atuais de beneficiamento por fermentação. Se em futuros trabalhos com esse novo processo forem obtidos os mesmos resultados até agora conseguidos, calcula-se que os ganhos da indústria cafeeira local possam ser aumentados entre um milhão e meio a dois milhões e meio de colonos por ano. Os trabalhos de investigação que permitiram desenvolver tão valioso processo, foram conduzidos no Centro Nacional de Agronomia, Estação Agrícola Experimental, financiados e administrados cooperativamente pelos govêrnos de O Salvador e Estados Unidos, segundo o programa de ação do Ponto IV."

ESTADOS UNIDOS

Comércio com a América Latina: Da revista "Foreign Commerce Weekly", de 27 de Outubro último, reproduz-se o seguinte artigo: "O comércio dos Estados Unidos com as repúblicas latino-americanas durante o primeiro semestre de 1952 foi caraterizado por um alto nível de exportações, uma recuperação das importações relativamente ao baixo volume dos seis meses anteriores e por uma redução substancial do enorme excesso de exportações sôbre importações observado em 1951. O ressurgimento do comércio de café e açucar também contribuiu para aumentar o valor total das importações nos Estados Unidos em relação com o valor das importações durante o segundo semestre do ano passado. As importações de café começaram a aumentar no último trimestre de 1951 e continuaram aumentando no primeiro trimestre de 1952, período em que atingiram um valor de $397.000.000. Grandes exportações do México, América Central e região do Caribe suplementaram as exportações do Brasil e Colômbia. Embora se notasse uma redução de $140.000.000 no café importado no segundo trimestre do ano, o total para todo o semestre ultrapassou em $50.000.000 o valor das importações dos seis meses anteriores."

EUROPA

Inglaterra: Da revista "Foreign Crops and Markets", de 27 de Outubro último, reproduz-se a seguinte nota sôbre o racionamento do chá naquele país: "Desde 5 de Outubro a Inglaterra suprimiu o racionamento do chá. Essa medida foi atribuida ao melhoramento constante das safras da Índia, Pakistan e Ceilão. O comércio local possue suficientes estoques do produto para o varejo e êste por seu lado tem em mãos sificiente chá para atender as necessidades do consumo. Por todos esses motivos, o contrôle sôbre os preços da bebida oriental também foi eliminado com o fim do respetivo racionamento. Outrossim, todas as demais restrições que havia sôbre a venda de chá foram eliminadas e por esse motivo o comércio local poderá oferecer ao público uma maior quantidade de misturas".

Alemanha Ocidental: O total de café importado na Alemanha Ocidental durante os primeiros seis meses do ano em curso atingiu já a cifra de 490.538 sacas, ou seja um aumento de 38% sôbre o café importado durante o mesmo período do ano passado. Se o rítmo dessas importações continuar até ao fim do corrente ano, a Alemanha deverá importar umas 841.000 sacas. A seguir oferecem-se as cifras comparativas de tais importações distribuidas por países de origem:

Países de origem	Janeiro/Julho de 1952	Janeiro/Julho de 1951
Brasil	259.400	104.388
Colômbia	131.015	97.893
Kênia e Uganda	32.892	40.730
Indonêsia	14.522	24.108
Costa Rica	12.578	10.765
O Salvador	7.598	552
Guatemala	5.383	2.440
Congo Belga	4.790	17.332
Holanda	4.620	417
África Portuguesa	2.848	16.837
Suiça	2.688	—
México	2.362	6.587
África Ocidental Francesa	1.435	—
Tanganyka	1.350	3.157
Equador	1.273	2.273
Outros	5.784	26.448
TOTAL	490.538	354.927

N.º 803 CARTA SEMANAL DO MERCADO 14 de Novembro de 1952

SITUAÇÃO GERAL: Passada a excitação causada pelas eleições presidenciais, poder-se-ia dizer que o país voltou à normalidade. O mesmo aliás sucede com os negócios em geral os quais retomaram seu curso normal. Após as oscilações das duas últimas semanas os índices dos mercados voltaram a mostrar o curso horizontal que tem sido sua caraterística dominante por algum tempo. É de notar que os observadores revelam decidida confiança na política econômica que

o novo govêrno eventualmente deverá prosseguir. Essa espectativa de que não haverá alteração radical na economia também serve para explicar a estabilidade atual dos índices gerais dos vários mercados.

MERCADO DE CAFÉ: Notou-se outra vez a diminuição na procura pelo grão depois da maior atividade da semana passada e como resultado os preços voltaram, por assim dizer, aos níveis de há duas semanas. Contudo, não se nota maior pressão de venda por parte dos exportadores. Pelo contrário, o mercado mostra agora uma maior elasticidade com amplas margens para negociações entre vendedor e comprador. O volume de operações no Contrato "S" da Bolsa de Café e Açúcar de Nova York atingiu apenas 259 lotes em comparação com a cifra de 345 lotes negociados na semana anterior. Para o encerramento da sessão de ontem, as cotações acusavam diferenças de 31 a 40 pontos, segundo as posições, e para hoje estava se esboçando um movimento altista, o qual já atingiu 20 pontos, embora com muito pouca atividade no que respeita a operações realizadas. A posição aberta continuou em expansão e para esta manhã era de 2.420 lotes em comparação com 2.377 lotes na sexta-feira da semana passada.

ÚLTIMAS COTAÇÕES: À vista da pouca atividade torna-se difícil determinar os níveis gerais de preços para o grão e portanto as cotações abaixo devem-se considerar como puramente nominais. Os cafés brasileiros são cotados de 51,15c/ para cima para Santos 4 FOB; Excelsos colombianos, nos disponíveis e sôbre água, são cotados de 56,50c/ até 57c/ na base ex-doca Nova York.

EXPORTAÇÃO DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

	Semanas terminadas em:	Estados Unidos	Europa	Outros	Total
BRASIL*	8-11-1952	216.000	131.000	37.000	384.000
	1-11-1952	137.000	62.000	20.000	219.000
	10-11-1951	238.000	153.000	17.000	408.000
COLÔMBIA**	8-11-1952	65.495	8.583	3.224	77.302
	1-11-1952	81.848	6.004	3.023	90.875
	10-11-1951	137.044	10.383	2.809	150.236
	Dados mensais:				
BRASIL*	Outubro, 1952 (&) ...	846.000	510.000	100.000	1.456.000
	Setembro, 1952	1.045.000	412.000	144.000	1.601.000
	Outubro, 1951	1.089.000	548.000	155.000	1.792.000
COLÔMBIA**	Outubro, 1952	348.038	26.129	17.705	391.872
	Setembro, 1952	418.262	30.660	13.098	462.020
	Outubro, 1951	383.611	56.794	9.807	450.212

ESTOQUES NOS PORTOS DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

		Semanas terminadas em:		
	Portos	**8-11-1952**	**1-11-1952**	**10-11-1951**
BRASIL*	Santos	1.898.000	1.874.000	1.636.000
	Rio	317.000	284.000	383.000
	Vitória	25.000	60.000	130.000
	Paranaguá	2.203.000 a	2.247.000 b	1.051.000
	Pernambuco	2.000	3.000	9.000
	Bahia	26.000	26.000	26.000
	Angra dos Reis	60.000	60.000	66.000
	TOTAL	**4.531.000**	**4.554.000**	**3.301.000**
COLÔMBIA**	Barranquilla	133.109	102.963	164.416
	Cartagena	92.060	81.729	67.462
	Buenaventura	110.872	88.906	50.853
	Cucuta	144.057	144.057	93.512
	TOTAL	**480.098**	**417.655**	**376.243**

ESTOQUES DE CAFÉ NOS ARMAZÉNS GERAIS DE NOVA YORK:*

	Países de origem (sacas de pesos diferentes)			
	Brasil	**Colômbia**	**Outros**	**Total**
8-11-1952	80.169	88.787	65.041	233.997
1-11-1952	82.909	97.346	66.228	246.483
10-11-1951	5.186	37.371	5.305	47.862

* dados da Bolsa de Café e Açúcar de Nova York.
** dados da Federação Nacional de Cafeeiros de Colômbia.
& dados preliminares sujeitos a retificação.
a) das quais 375.000 liberadas e 1.828.000 por liberar.
b) das quais 350.000 liberadas e 1.897.000 por liberar.

O CAFÉ ATRAVÉS DA IMPRENSA

PAÍSES PRODUTORES

Equador: A Embaixada dos Estados Unidos em Quito informa que para o 1.º de Julho do ano em curso havia no país umas 54.000.000 árvores, das quais 1.500.000 eram de menos de cinco anos de idade e que sòmente uns 20.000.000 daquele total havia chegado à idade em que sua produtividade começa a declinar. De

acôrdo com o programa de expansão patrocinado pelo Govêrno, desde Maio de 1951 foram plantados uns 1.800 acres de terra com novas árvores. Há muitas terras apropriadas para a cafeicultura nas colinas e serras do litoral equadoriano, nos vales subtropicais das regiões do interior, bem como nas regiões remotas do Amazonas, pouco habitadas, segundo informa aquela mesma Embaixada.

Peru: Da revista "Foreign Commerce Weekly", de 3 de Novembro de 1952, reproduz-se a seguinte nota sôbre a cafeicultura naquele país: "As regiões sob cultura têm aumentado nos últimos anos, havendo atualmente uns 27.181 acres plantados. Calcula-se a produção anual em um pouco mais de 100.000 sacas, o que representa um volume maior do que a produção dos anos anteriores. Tem-se aconselhado a cultura na selva e nas regiões semi-montanhosas com o fim de proporcionar aos pequenos lavradores uma safra de fácil venda. Embora o cafeeiro exija vários anos para começar a produzir, sua cultura tem sido aconselhada de preferência à banana. A banana tem sido a cultura mais popular no país mas últimamente vem sofrendo os efeitos de várias doenças. A qualidade do café peruano é considerada boa e adequada para mistura com o produto de outros países. O consumo local é calculado entre 66.600 e 75.700 sacas por ano. A exportação está proibida exceto se a produção exceder o consumo local. Os remanecentes no país, depois de atendidas as necessidades do consumo doméstico, excedem 33.300 sacas nos últimos dois anos".

CANADÁ

Importações: Segundo informa o Chase Nationai Bank, desta cidade, o café ocupa o segundo lugar nas importações daquele país. As vendas de café para o Canadá subiram a $42.000.000 em 1951, o que representa um aumento de 16% relativamente ao ano anterior. Metade dessas importações vieram do Brasil, 30% da Colômbia e o resto da região do Caribe. As vinte repúblicas latino-americanas exportaram para o Canadá 7/8 do café comprado por aquele país em 1951. As vendas nos primeiros quatro meses de 1952 estiveram um pouco abaixo do nivel correspondente ao mesmo período do ano passado, mas as exportações brasileiros e colombianas registraram um aumento de 10% sôbre o valor correspondente ao mesmo período do ano passado, segundo informa aquele banco.

ESTADOS UNIDOS

Máquinas de Vender Café: Da revista "Coffee and Tea Industries", edição de Outubro último, reproduz-se a seguinte nota sôbre o progresso neste país das máquinas automáticas de vender de café: "O novo mercado de café que proporcionam as máquinas automáticas de vender continua em expansão. Esse fato foi anunciado durante a 17.ª Convenção Anual da National Automatic Merchandising Association. Em 1951 essas máquinas venderam 340.000.000 de xícaras havendo atingido um volume total de negócios de $20.000.000,00. Essa cifra é de comparar comparar com as 208.000.000 xícaras vendidas pelo mesmo processo durante 1950, no valor de dez milhões de dólares".

EUROPA

Inglaterra: O boletim da National Coffee Association, de 31 de Outubro último, publicou a seguinte notícia: "Sob a designação 'O das onze' os ingleses desde há muito que seguem o hábito da xícara de café durante o trabalho e que corres-

ponde ao 'coffee break' nos Estados Unidos. Esse hábito é tão popular na Inglaterra como nos Estados Unidos. O jornal 'Coventry Standard' publicou recentemente um artigo sôbre o assunto de onde extraímos o seguinte trecho: 'Aqui em Coventry tomamos vários milhares de chícaras de café por dia e consideramos este costume como parte essencial da rotina diária. Alguns saboreiam com tempo sua xícara de café como se fôra licor outros chegam a tomar três e mais xícaras durante a manhã. Mesas são reservadas nos restaurantes com antecipação com o fim de fazer se reunião com os amigos ao redor da xícara de café. Uma visita a esses lugares desmente imediatamente a asserção de que o hábito do café é um costume dos americanos e outros povos do continente, relativamente desconhecido dos ingleses, esses bebedores de chá...'"

N.º 804 CARTA SEMANAL DO MERCADO 21 de Novembro de 1952

SITUAÇÃO GERAL: As notícias da semana indicam um sensível ambiente de otimismo no mundo dos negócios. Ao passo que há poucos meses os analistas previam uma contração nos negócios para o segundo semestre de 1953, agora exprimem a opinião de que, afinal de contas, não existem motivos para esse ponto de vista pessimista. O novo ambiente de otimismo teve já sua repercursão na bolsa de valores local a qual parece haver abandonado o curso horizontal que mantinha desde há muitos meses e começou a dar indícios de maior atividade a níveis de preços mais altos.

Em contraste, porém com essa firmeza na bolsa de valores, o índice geral dos mercados de prdutos primários sofreu certa debilidade durante os últimos três dias da semana em apreço como resultado de uma renovação dos rumores sôbre a possibilidade de haver melhorado a perspetiva para uma trégua na guerra em Coréia. Como é natural, deve-se notar que esse índice subiu excessivamente como resultado do conflito no Extremo Oriente, sendo portanto lógico que o referido índice atua em sentido inverso cada vez que as notícias internacionais indiquem possibilidades de paz naquela parte do mundo.

MERCADO DE CAFÉ: De uma maneira geral o ambiente neste mercado melhorou com o recrudescimento do interêsse por parte dos torradores acompanhado de maior atividade. Mas essa maior atividade significa a continuação da atitude do mercado desde há tempo quando a uma semana de atividade sucede uma ou duas de escassas operações. Comentando sôbre a situação, alguns torradores dizem que uma boa onda de frio restituiria a vitalidade ao mercado que é habitual nesta época do ano.

Na Bolsa de Café e Açúcar desta cidade, o volume de operações foi de 336 lotes em comparação com 259 lotes na semana passada. Para o fim da sessão de ontem as cotações mostravam ligeiras altas de 10 a 25 pontos para a semana. Por outro lado a posição aberta não sofreu alteração e para esta manhã o total de lotes pendentes de entrega era o mesmo que havia na sexta-feira da semana passada, ou sejam 2.420.

ÚLTIMAS COTAÇÕES: O ligeiro incremento de interêsse por parte dos torradores durante a semana em revista não foi suficiente para alterar sensivelmente os níveis gerais dos preços no mercado físico. Por consequência a cotação para o Santos 4, FOB continua flutuando de 51,15c/ para cima ao passo que os

Excelsos colombianos flutuam entre 56,75c/ e 57c/ na base ex-doca Nova York para os cafés :Sôbre água".

EXPORTAÇÕES DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

	Semanas terminadas em:	Dados Semanais Destinos Principais Estados Unidos	Europa	Outros	Total
BRASIL*	15-11-1952	209.000	91.000	20.000	320.000
	8-11-1952	131.000	131.000	37.000	384.000
	12-11-1951	165.000	151.000	7.000	323.000
COLÔMBIA**	15-11-1952	72.131	10.450	2.721	85.302
	8-11-1952	65.495	8.583	3.224	77.302
	12-11-1951	56.032	525	2.328	58.885

ESTOQUES DE CAFÉ NOS PORTOS DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

		Semanas terminadas em:		
	Portos	15-11-1952	8-11-1952	12-11-1951
BRASIL*	Santos	1.872.000	1.898.000	1.702.000
	Rio	310.000	317.000	431.000
	Vitória	63.000	25.000	115.000
	Paranaguá	2.184.000 a	2.203.000 b	1.046.000
	Pernambuco	6.000	2.000	8.000
	Bahia	27.000	26.000	26.000
	Angras dos Reis	56.000	60.000	71.000
	TOTAL	**4.518.000**	**4.531.000**	**3.399.000**
COLÔMBIA**	Barranquilla	143.710	133.109	174.994
	Cartagena	93.705	92.060	66.517
	Buenaventura	101.110	110.872	98.157
	Cucuta	144.057	144.057	92.345
	TOTAL	**482.592**	**480.098**	**432.013**

* Dados da Bolsa de Café e Açúcar de Nova York.
** Dados da Federação Nacional de Cafeeiros de Colômbia.
a) das quais 547.000 liberadas e 1.637.000 por liberar.
b) das quais 375.000 liberadas e 1.828.000 por liberar.

ESTOQUES DE CAFÉ NOS ARMAZÉNS GERAIS DE NOVA YORK*

Países de origem (sacas de pesos diferentes)

	Brasil	Colômbia	Outros	Total
15-11-1952	87.064	64.916	67.328	219.308
8-11-1952	80.169	88.787	65.041	233.997
17-11-1951	11.227	42.564	3.606	57.397

O CAFÉ ATRAVES DA IMPRENSA

PAÍSES PRODUTORES

Haití: Do boletim informativo de Chichiná, Colômbia, reproduzem-se as seguintes recomendações do Dr. W. Cowgill, especialista em café do Instituto de Negócios Interamericanos de Washington: "Em matéria de fertilizantes químicos, polpa de café e produtos para a conservação do solo, depois de minhas experiências em Guatemala e pelo que vi noutras partes, o cafeeiro não respondeu à aplicação de fertilizantes minerais. As árvores de Haití requerem matéria orgânica antes de tudo e portanto é mais prático pensar em mudar o sistema de deservas raspadas e usar plantas de cobertura (leguminosas). A polpa do café, quando aplicada em estado imperfeito de decomposição é perigosa; serve de guarida aos insetos e, numa forma ou noutra, é muito pobre em elementos fertilizantes. Baseado em minhas experiências em Guatemala, recomendo uma distância mínima de dois metros entre os cafeeiros para plantações sombreadas. A metodização da sombra é de incalculável valor para regular a colheita e evitar o ataque de certas doenças de fungos. Para sombreamento provisório, recomendo a bananeira. Para sombreamento permanente, recomendo os Ingas e os Erythrinas, mas nas regiões altas, recomendam-se os Crevilleas. O aguacate e o mango não são de recomendar. O plano de melhoramento dos cafeeiros existentes poderia consistir do seguinte: a) intensificação máxima da campanha de adubos orgânicos; b) mulch e plantas de cobertura; c) construir barreiras nos terrenos inclinados com plantas. Distanciamento dos cafeeiros, renovação de plantas velhas e replantação nos espaços vazios. d) metodização do sombriamento denso, permitindo maior entrada do sol; e) substituição da espécie arabica com variedade de maior rendimento e resistência (borbon, columnaris, Blue-Mountain)."

MISSÃO CAFEEIRA COLÔMBIANA A MÉXICO E CENTRAL AMÉRICA: O Sr. Manuel Mejía, Gerente Geral da Federação Nacional de Cafeeiros de Colômbia, anunciou que a princípios do próximo ano visitará o México e os países centro-americanos à cabeça de uma missão que terá por fim conseguir um maior intercâmbio de informação técnica entre os países cafeicultores daquela região. Ao divulgar essa notícia o Sr. Mejía declarou que México e os países da América Central estão muito interessados em determinar os melhores métodos de produção e armazenagem. Acrescentou êle que cada país gasta anualmente grandes quantias de dinheiro em estudos e experimentação e a Federação colombiana pensa que a importante informação assim conseguida deveria estar ao alcance de todos os países produtores. Embora os centros de investigação cafeeira daquela Federação venha funcionando desde há 25 anos, o Sr. Mejía é de opinião que a Colôm-

bia tem tanto que aprender daqueles países como êstes têm de aprender de seu país. "Nenhum país, — disse o Sr. Mejía — é o único possuidor da metologia 'única e verdadeira' para a cultura do café".

A delegação colombiana porá à disposição dos lavradores dos países que visitará a informação que através dos anos tem sido acumulada pela Federação, relativamente a técnicas agrícolas, financiamento das safras, investigações, sistemas de armazenagem e outras práticas observadas pela Federação no combate a doenças e em medidas sociais. O Sr. Mejía disse que se for possível estabelecer um centro de informação cafeeira, evitar-se-á em grande parte a dispendiosa duplicação de esforços investigadores que hoje prevalecem. Como exemplo dos prejuizos que a falta de cooperação causa aos lavradores, o Sr. Mejía mencionou a doença que tem causado recentemente grande estragos nos cafèzais africanos. Enquanto os países afetados combatiam essa doença individualmente e com os métodos que cada um considerava mais eficazes, a praga alastrou rapidamente através de todas as regiões produtoras. Se tais países houvessem cooperado para combater a referida praga quando ela surgiu, possivelmente teria sido localizada dentro de uma única zona, onde poderia ter sido controlada e eliminada por completo.

O Sr. Mejía realçou também o fato de que se é certo que a cafeicultura colombiana está interessada num intercâmbio de informações técnicas sôbre o tratamento da terra e cultura da árvore, também é verdade que os lavradores colombianos são contrários à idéia de qualquer cartel ou organização internacional para fixar preços. Cada país deve negociar independentemente, segundo frisou o Sr. Mejía, e essa liberdade é de importância vital para o comércio cafeeiro de todas sa nações. Referindo-se aos perigos inerentes com a fixação de preços por sindicatos ou convénios internacionais, o Sr. Mejía disse quea sua delegação tinha por fim os benefícios comuns a todos os países cafeicultores. A informação técnica e científica conseguida em cada país deveria beneficiar a todos os demais, sendo essa a razão fundamental para a visita colombiana.

N.º 805 CARTA SEMANAL DO MERCADO 28 de Novembro de 1952

SITUAÇÃO GERAL: Dentro do ciclo de atividade crescente, caraterística desta época do ano, ocorreram movimentos significativos durante a semana tanto na bolsa de valores como nos mercados de produtos primários. A primeira mostrou novos ganhos os quais colocaram o índice dêsse mercado a um nivel "record" para os últimos vinte anos. Os observadores dizem que as boas perspectivas para os negócios em geral estão, dêsse modo, refletindo-se na bolsa de valores.

O índice geral dos produtos primários também ganhou terreno durante a semana, devido sobretudo ao fato de que os rumores sôbre a paz na Coréia foram infundados como de costume. O índice também beneficiou com as notícias que circularam sôbre a possibilidade do Govêrno abandonar o atual programa de contrôles econômicos. Essa possibilidade foi posteriormente negada pelo Govêrno mas a verdade é que tais contrôles estão sendo eliminados a pouco e pouco e por isso muitos observadores crêem que não seja renovada a lei que estabeleceu êsses contrôles quando a mesma expirar em 30 de Abril do próximo ano.

MERCADO DE CAFÉ: A partir de terça-feira começou a se observar um maior interêsse por parte dos torradores e como resultado dessa maior procura poder-se-ia dizer que melhorou o tom do mercado. Tal como se observou na semana

passada, uma onda de frio seria o suficiente para despertar o mercado de sua aparente letargia. O frio chegou e o mercado parece, com efeito, estar reagindo favoràvelmente à vista da melhor atividade. Outro fator favorável ao café foi a declaração feita pelo Ministro da Fazenda do Brasil sôbre o fato de que o país conta apenas com estoques que escassamente poderão suprir suas exportações normais durante o atual ano de safra e que o Brasil, caso sejam realizadas as exportações agora em perspectiva, ficará virtualmente sem estoques para o próximo 30 de Junho.

No têrmo local também houve um aumento na atividade e o respectivo volume de operações excedeu o da semana passada a-despeito de que esta semana contou apenas com 4 dias de negócios devido ao feriado de ontem (Thanksgiving Day). Foram negociados 409 lotes e as cotações para o encerramento de quarta-feira acusavam ganhos de 13 a 34 pontos para a semana. A posição aberta foi reduzida em 45 lotes e era esta manhã de 2.375 lotes.

ÚLTIMAS COTAÇÕES: A fluidez dos preços que hoje constituiu a nota dominante no mercado, torna impossível a tarefa de determinar com exatidão o nível de preços no mercado físico do produto. No que diz respeito aos cafés brasileiros, pode-se dizer que o Santos 4 está sendo negociado de 51,25/c para cima e com e com tendências altistas. Relativamente aos cafés colombianos, a cotação anda ao redor de 57/c também com tendências firmes.

EXPORTAÇÕES DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

	Semanas terminadas em:	Estados Unidos	Dados Semanais Destinos Principais Europa	Outros	Total
BRASIL*	22-11-1952	226.000	126.000	20.000	372.000
	15-11-1952	209.000	91.000	20.000	320.000
	24-11-1951	292.000	125.000	34.000	451,000
COLÔMBIA**	22-11-1952	131.583	15.583	5.508	152.368
	15-11-1952	72.131	10.450	2.721	85.302
	24-11-1951	123.411	10.595	2.393	136.399

ESTOQUES DE CAFÉ NOS PORTOS DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

		Semanas terminadas em:		
	Portos	22-11-1952	15-11-1952	24-11-1951
BRASIL*	Santos	1.830.000	1.872.000	1.733.000
	Rio	309.000	310.000	484.000
	Vitória	56.000	63.000	125.000
	Paranaguá	2.111.000 a	2.184.000 b	1.031.000
	Pernambuco	6.000	6.000	8.000
	Bahia	28.000	27.000	25.000
	Angra dos Reis	46.000	56.000	59.000
	TOTAL	4.386.000	4.518.000	3.465.000

COLÔMBIA**	Barranquilla	127.450	143.710	150.438
	Cartagena	79.634	93.705	67.929
	Buenaventura	98.035	101.110	89.949
	Cucuta	144.057	144.057	92.345
	TOTAL	**449.176**	**482.582**	**400.661**

ESTOQUES DE CAFÉ NOS ARMAZÉNS GERAIS DE NOVA YORK:*

	Países de origem (sacas de pesos diferentes)			
Semana de:	**Brasil**	**Colômbia**	**Outros**	**Total**
22-11-1952	—	—	—	—
15-11-1952	87.064	64.916	67.328	219.308
24-11-1951	17.642	42.223	2.984	62.849

ESTOQUES DE CAFÉ NO INTERIOR DE SÃO PAULO:*

Safra	**Outubro 1952**	**Setembro 1952**	**Outubro 1951**
1950-51	—	—	714.000
1951-52	2.000	2.000	4.350.000
1952-53	4.187.000	4.250.000	—
	4.189.000	**4.252.000**	**5.064.000**

Despachos por estrada de ferro durante Julho 1952 a 31 de Outubro de 1952 para:

Santos	6.412.000
Rio	312.000
Angra dos Reis	24.000
Outros (§)	447.000
	7.195.000

*) Dados da Bolsa de Café de N.Y.
**) Dados da Federação Colombiana
a) Das quais 477.000 liberadas e 1.634.000 por liberar
b) das 547.000 liberadas e 1.637.000 por liberar
§) Inclue sacas de Paraná, Minas Gerais, Mato Grosso e Goiás.

O CAFÉ ATRAVÉS DA IMPRENSA

PAÍSES PRODUTORES

Congresso do Café: Do boletim mensal da Associação Paranaense de Cafeicultores, edição de 10 de Novembro de 1952, reproduz-se a seguinte nota sôbre o Congresso do Café que terá lugar durante a comemoração do primeiro centenário de Paraná no próximo ano: "Os trabalhos de organização do Congresso e da Exposição Mundial de Café de Curitiba em 1953 já estão muito adiantados. Dos

planos e projetos preliminares é possível deduzir que, tal como se espera, êsses acontecimentos vão ser os mais importantes da comemoração do primeiro centenário de Paraná no próximo ano. A colaboração objetiva entre o Governador do Estado, promotor do Congresso e da Exposição e o Conselho Consultivo dos mesmos, composto pelos membros da diretoria da Associação Paranaense de Cafeicultores, acaba de entrar em sua fase prática. Tal colaboração, pela forma em que está sendo orientada, vae ser muito útil para os lavradores de Paraná bem como para os cafeicultores do Brasil em geral e do mundo. Ela é um exemplo construtivo da coordenação eficiente do Govêrno e da iniciativa privada aliás tão necessária na atual situação econômica internacional."

O SALVADOR

Virtudes do Café: Da revista "El Café" reproduzem os seguintes trechos de um artigo alí publicado sob o título acima: "A idéia de que o café é um tóxico de efeitos lentos não pode ser mais errada e tem aliás sido combatida por todos os entendidos na matéria. O café, longe de ser nocivo à saúde é, pelo contrário, um tônico para o sistema nervoso. Essa é a opinião do eminente professor francês Bachet, homem de ciência bem conhecido o qual depois de longa investigação sôbre o assunto poude estabelecer com rigor científico o efeito benéfico do café no organismo humano. Em sua conclusão, aquele professor e homem de ciência disse terminantemente "o café tonifica e estimula o sistema nervoso". Essa opinião de uma autoridade reconhecida no mundo da ciência, deve afastar para sempre a noção errada de que o café é prejudicial à saude."

VENEZUELA

Safra 1952-53: Do boletim da National Coffee Association, de 7 de Novembro último, reproduz-se a seguinte nota sôbre a safra naquele país: "A safra de café para 1952-53 vae ser uma das maiores dos últimos anos, segundo o Departamento de Agricultura dos Estados Unidos. Estima-se que atingirá 962.089 sacas de 60 quilos, isto é, 33% maior que a produção de 1951-52 a qual foi de 721.569 sacas. O café ocupa o segundo lugar nas exportações de Venezuela depois de petróleo. Os cafèzais ocupam uma área superior ao de qualquer outra cultura, sendo o café cultivado em 16 dos 20 estados da república. Apesar de sua importância agrícola, não existe no país organização oficial ou privada para a compilação de informações e dados sôbre as regiões cultivadas nem sôbre a produção e consumo local. Contudo, com os dólares provenientes das exportações de petróleo o Govêrno ajuda a indústria não direta ou indiretamente quer mas por meio do Ministério de Agricultura quer por meio de facilidades de crédito. Com tal propósito o govêrno criou há pouco o Banco Agrícola e Pecuário".

ARMAZENAGEM DE CAFÉ: De um artigo que apareceu na revista "Café", publicada na Argentina, sob o título "A armazenagem sob refrigeração controlada é favorável ao café cru de alta qualidade", reproduzem-se os seguintes trechos: "Algumas casas torradoras nos Estados Unidos preocuparam-se sèriamente em conservar o café cru sob condições de humidade, ambiente e temperatura que não afetassem as boas qualidades do café cru. Os estudos técnicos efetuados com café

mexicano, de Guatemala e de Costa Rica e com dois tipos de café brasileiro, duraram dois anos. As investigações foram concentradas nos seguintes problemas: alterações de humidade, variações na cor e aspecto geral do produto, provas comparativas da uniformidade de tom e aspecto geral do produto; provas comparativas da uniformidade do tom após a torrefação e, finalmente, provas de xícara para a compatação do sabor e aroma.

"Essas experiências mostraram que o ambiente mais favorável para o café cru foi entre 32 e 35 graus F. (de 0 a 1,7 graus C.) de temperatura, com uma humidade entre 60 e 65 graus.. Julga-se que êsses estudos são aplicáveis aos melhores tipos de cafés brasileiro e colombiano. Naturalmente que o processo de acondicionamento de ar poderá não ser econômicamente conveniente para cafés de baixa qualidade."

O PRECEITO DO DIA

MELHORES DO QUE REMÉDIOS

Leite, legumes, verduras, frutas e ovos são os melhores reconstituintes porque contêm cálcio, fósforo, ferro e vitaminas, elementos preciosos para o organismo.

Faça da mesa sua farmácia, escolhendo convenientemente os alimentos. — SNES.

MEIOS DE RECUPERAÇÃO DA LAVOURA CAFEEIRA

Interessante Trabalho Apresentado ao Instituto de Econômia da SRI

Interessante trabalho sôbre os recursos para a recuperação da lavoura cafeeira apresentou ao Instituto de Econômia Rural da SRB, o sr. Álvaro de Oliveira Machado, membro do Conselho Técnico, o qual deverá ser estudado e discutido na reunião do próximo dia 10. É o seguinte o trabalho:

"A lavoura de mais de 30 anos, em geral, tem de ser todas recuperadas, isto é, os cafeeiros deverão ser totalmente substituídos por cafeeiros novos oriundos de sementes selecionadas quanto à precocidade, a produtividade e a resistência aos fatores adversos do nosso meio.

A cargo dos comitês municipais ficará o exame das lavouras que serão recuperáveis ou não. O agrônomo, membro nato do comitê municipal, emitirá o seu juízo sôbre a viabilidade de recuperação nas várias fazendas da sua jurisdição.

Toda fazenda deverá abandonar os trechos cuja topografia não permita a recuperação, sobretudo nas zonas de areia. (80% das lavouras do Estado).

A maneira mais econômica de se recuperar uma lavoura velha é pela substituição de todos os cafeeiros por cafeeiros novos, plantados no vão de 4 pés, sendo eliminados os velhos a começar do terceiro ano, época em que os cafeeiros novos começam a produzir.

O programa da recuperação deve ser estudado por um período no mínimo de 5 anos (20% ao ano) mas, preferentemente pelo espaço de 10 anos (10% ao ano).

A recuperação, com todos os seus detalhes, será feita mediante inscrição dos interessados no comitê municipal a cuja jurisdição esteja a propriedade.

Uma vez inscritos os lavradores, com todos os detalhes da respectiva recuperação, e preenchidas todas as formalidades que se fizerem necessárias, o fazendeiro obterá dos Govêrnos Estadual e Federal uma ajuda de dez cruzeiros por pé de café, a juros de seis por cento, pagamento a começar do 4.º ano depois e liquidável dentro de seis anos.

A modalidade do recebimento dos 10 cruzeiros será estudada por uma comissão especial, como também as obrigações que o mutuário deverá assumir".

(Da A Época, de 4-12-1952)

Estatistica

SUPLEMENTO ESTATÍSTICO

ANO XVIII — São Paulo, 13 de Dezembro de 1952 — N.º 32

DADOS COLIGIDOS PELO DEPARTAMENTO DE FISCALIZAÇÃO
SAFRA 1952/1953

CAFÉ PAULISTA DESPACHADO COM DESTINO A SANTOS

Estrada de Ferro	Julho/out.	1.ª dezena novembro	2.ª dezena novembro	3.ª dezena novembro	Totais
Santos a Jundiaí	53 312	815	1 630	953	56 71
Sorocabana	1 066 106	32 370	29 017	30 069	1 157 56
Paulista	2 361 523	14 256	14 632	6 001	2 396 41
Mogiana	381 985	7 618	6 218	4 795	400 61
Araraquara	1 314 542	6 977	7 413	4 436	1 333 36
N. do Brasil	1 234 436	5 056	4 940	4 122	1 248 53
C. do Brasil	—	—	—	*	
E. Rodagem	2 887	90	—	—	2 97
Total	**6 414 791**	**67 182**	**63 850**	**50 376**	**6 596 19**

Nota: — Os despachos nas EE.FF. acima incluem os das suas respectivas tributárias.

(*) Não foram recebidos os dados da 3.ª dezena de novembro da F. F. Central do Brasil.

CAFÉ PAULISTA DESPACHADO COM DESTINO A OUTROS PORTOS

Despachado	Rio de Janeiro		Angra dos Reis		Totais
	Ferroviário	Rodoviário	Ferroviario	Rodoviário	
Julho/outubro	100 330	242 897	1 210	22 466	366 90
1.ª dez. nov.	2 000	7 752	—	1 297	11 04
2.ª " "	440	7 154	—	—	7 59
3.ª " "	—	4 942	—	—	4 94
Total	**102 770**	**262 745**	**1 210**	**23 763**	**390 48**

CAFÉS DE OUTROS ESTADOS DESPACHADOS COM DESTINO A SANTOS

Estados Produtores	Julho/out.	1.ª dezena novembro	2.ª dezena novembro	3.ª dezena novembro	Totais
Paraná	**330 912	29 948	22 213	* 7 335	390 40
Minas Gerais	90 124	3 154	3 952	* 696	97 92
Goiás	32 584	* —	* —	* —	32 58
Mato Grosso	1 350	—	—	—	1 35
Esp. Santo	400	—	—	—	40
Total	**455 370**	**33 102**	**26 165**	**8 031**	**522 66**

(*) Incompletos

(**) Dados da E. F. Paraná Sta. Catarina corrigidos de acôrdo com informações prestada pela E. F. Sorocabana.

VIMENTO DO CAFÉ DESTINADO A SANTOS

FRA 1952/1953 — (ATÉ 30 DE NOVEMBRO DE 1952)

lista	Despachado	Destino Alterado e Cancelado	Total	Liberado	A liberar
Ant.	1 129 782	—	1 129 782	1 129 782	—
3.ª c. ulho ...	942 871	—	942 871	942 871	—
1.ª " gôsto ...	676 495	330	676 165	674 931	1 234
2.ª " " ...	801 439	—	801 439	304 067	497 372
3.ª " " ...	852 006	—	852 006	—	852 006
1.ª " embro ...	604 789	—	604 789	—	604 789
2.ª " " ...	489 665	430	489 235	—	489 235
3.ª " " ...	357 168	—	357 168	* 201	356 967
1.ª " tubro ...	240 766	725	240 041	—	240 041
2.ª " " ...	153 930	—	153 930	—	153 930
3.ª " " ...	155 018	600	154 418	—	154 418
1.ª " embro ...	67 092	—	67.092	—	67 092
2.ª " " ...	63 805	205	63 600	—	63 600
3.ª " " ...	50 376	—	50 376	—	50 376
Total	**6 585 202**	**2 290**	**6 582 912**	**3 051 852**	**3 531 060**
Despolp.	8 020	—	8 020	7 726	294
Rodoviári	2 977	200	2 777	—	2 777
Total ral	**6 596 199**	**2 490**	**6 593 709**	**3 059 578**	**3 534 131**
(Outros Estados até 30 Nov.)					
Paraná	390 408	—	390.408	127 962	262 446
Mineiro	97 926	—	97 926	54 497	43 429
Goiano	32 584	—	32 584	28 921	3 663
Matogrosso	1 350	—	1 350	400	950
Espiritossanto	400	—	400	—	400
Total	**522 668**	—	**522 668**	**211 780**	**310 888**

(*) Depósito Especial

Destino Alterado p/ "Interior e Capital" 1 690 sacas
Cancelado ..... 800 "
2 490 "

AFRA 50/51 — Por liberar (dependendo de Ação Judicial 1,080 sacas).
AFRA 51/52 — Apreendidas 1 000 sacas.
Esta publicação retifica as anteriores.

EXPORTAÇÃO BRASILEIRA DE CAFÉ

I — Detalhe pelos países de destino

Outubro de 1952

DESTINO	Quantidade em sacas de 60 quilos	Valor em cruzeiros
AFRICA:		
EGITO: Alexandria	500	545 312
MARROCOS ESPANHOL: via Tanger	3 000	3 287 732
MARROCOS FRANCÊS: Casablanca	2 699	2 864 525
SUDOESTE AFRICANO:	140	118 236
Luderitz Bay	25	28 129
Walvis Bay	75	85 197
TUNÍSIA:	8 333	8 662 154
UNIÃO SUL AFRICANA	4 906	5 661 846
Cape Town	1 886	2 216 349
Durban	3 027	3 346 997
Mossel Bay	378	446 746
Port Elizabeth	425	469 554
AMÉRICA DO NORTE:		
CANADÁ:	26 706	28 959 659
Montreal	12 886	14 604 310
Saint John	250	308 393
Toronto	1 750	2 149 363
Vancouver	11 875	12 855 525
Winnipeg	1 250	1 541 868
ESTADOS UNIDOS:	854 800	1 043 [illegible] 813
Baltimore	48 267	58 965 003
Boston	31 866	38 864 681
Charleston	5 [illegible]	6 258 916
Filadélfia	10 465	12 892 533
Houston	45 224	54 701 801
Jacksonville	31 [illegible]	39 427 220
Los Angeles	25 054	30 851 733
New Orleans	200 227	242 314 656
New York	322 185	394 350 939
Norfolk	8 125	9 658 732
Oakland	14 [illegible]	17 377 623
Portland	7 150	8 803 711
San Francisco	96 354	121 071 423
Seatle	5 025	6 201 426
Tacoma	1 125	1 374 416
AMÉRICA DO SUL:		
ARGENTINA:	63 823	77 667 755
Buenos Aires	60 809	74 120 425
Rosário	3 014	3 547 330
CHILE:	4 440	4 731 516
Corral	250	262 662
Puerto Montl	100	105 174
Punta Arena	195	207 908
Talcahuano	1 220	1 306 283
Valparaiso	2 675	2 849 489
PARAGUAI:	5 372	6 326 593
Assunção	750	927 265
Montevidéu	4 622	5 399 328

DESTINO	Quantidade em sacas de 60 quilos	Valor em cruzeiros
ÁSIA:		
CHIPRE:	550	630 992
Famagusta	300	346 166
Larpaca	250	284 826
FILIPINAS: — Manila	236	288 424
JAPÃO:	346	444 608
Kobe	85	110 819
Yokohama	261	333 789
LÍBANO: Beirute	416	502 847
SÍRIA:	2 108	2 483 216
Damasco	845	1 027 414
Lattakia	416	471 104
Via Beirute	847	984 698
TRANSJORDÂNIA: Aman	1 257	1 405 455
TURQUIA:	14 634	16 664 174
Smirna	4 797	5 471 560
Istambul	9 837	11 192 614
EUROPA:		
ALEMANHA:	72 871	96 083 854
Bremen	11 758	15 895 125
Hamburgo	61 113	80 188 729
ANDORRA:	89	104 431
Via Barcelona	66	77 443
Via Marselha	23	26 988
ÁUSTRIA:	3 441	4 280 869
Via Amsterdam	168	206 375
Via Áustria	48	62 367
Via Hamburgo	3 127	3 899 730
Via Trieste	98	112 397
BELGO LUXEMBURGUESA, U.E.		
Antuérpia	31 017	38 135 916
DINAMARCA:	22 857	28 651 099
Aarhus	126	159 821
Aalborg	250	312 469
Copenhague	22 481	28 178 809
FINLÂNDIA: — Helsinki	29 761	33 137 317
FRANÇA:	95 741	114 640 338
Bordéos	7 200	8 680 851
Dunquerque	16 273	18 830 906
Havre	58 034	69 255 439
Marselha	12 275	15 335 762
Strasburgo	1 959	2 537 380
GIBRALTAR:	847	900 602
GRÃ BRETANHA: Londres	27 578	32 862 485
GRÉCIA: — Pireus	7 931	8 758 932
HOLANDA:	68 576	86 482 300
Amsterdam	31 971	40 435 526
Rotterdam	36 605	46 046 774
ITÁLIA:	31 607	38 797 496
Ancona	302	366 883
Bari	1 125	1 310 371
Catânia	188	263 117
Gênova	9 109	11 815 274
Livorno	1 063	1 418 884
Messina	387	459 870
Nápoles	14 281	16 911 036

DESTINO	Quantidade em sacas de 60 quilos	Valor em cruzeiros
Palermo	876	1 023 491
Porto Torres	475	513 625
Spézia	2 205	2 698 115
Veneza	1 596	2 016 830
NORUEGA:	11 000	13 621 466
Bergen	7 000	8 714 921
Oslo	2 000	2 417 460
Trondhjem	2 000	2 489 085
SUÉCIA:	45 985	58 568 060
Estocolmo	24 209	30 797 886
Gotemburgo	12 676	16 135 979
Helsingborg	7 025	8 969 855
Malmo	2 075	2 664 340
TRIESTE:	1 853	2 299 009
OCEANIA:		
AUSTRÁLIA: Sidney	83	101 759
TOTAL GERAL:	**1 443 475**	**1 761 673 790**

O PRECEITO DO DIA

SONO E AR FRESCO

Devemos passar na cama a têrça parte do dia, isto é, as oito horas destinadas ao sono. É imprescindível, pois, que o quarto de dormir ofereça as condições de higiene indispensáveis.

Durma com as janelas obertas para ter durante o sono o ar fresco necessário à saúde. — SNES.

EXPORTAÇÃO BRASILEIRA DE CAFÉ

JANEIRO a OUTUBRO DE 1952

II — DETALHE PELOS PORTOS DE PROCEDÊNCIA

PAÍSES DE DESTINO	Portos de procedência	Quantidade em sacas de 60 quilos	Valor em cruzeiros
ÁFRICA:			
Argélia	Santos	250	326 065
	Rio de Janeiro	5 442	5 400 620
Canárias	Vitória	7 666	7 790 366
	Total	13 108	13 190 986
	Santos	450	569 203
	Rio de Janeiro	17 695	19 043 767
Egito	Vitória	3 083	3 278 344
	Total	21 228	22 891 314
Líbia	Rio de Janeiro	2 603	3 053 316
	Rio de Janeiro	1 666	1 705 990
Marrocos Espanhol	Vitória	17 250	17 752 859
	Total	18 916	19 458 849
	Rio de Janeiro	2 200	2 330 308
Marrocos Francês	Vitória	23 811	24 929 202
	Total	26 011	27 259 510
Rodésia do Sul	Santos	50	62 939
Sudão Anglo Egípcio	Rio de Janeiro	2 166	2 193 985
Sudoeste Africano	Rio de Janeiro	4 780	5 428 021
	Rio de Janeiro	100	112 371
Tanger	Vitória	2 500	2 839 253
	Total	2 600	2 951 624
Tunísia	Vitória	8 333	8 662 154
	Santos	5 493	6 870 634
União Sul Africana	Rio de Janeiro	34 486	37 774 383
	Total	39 979	44 645 017
AMÉRICA CENTRAL:			
Panamá	Santos	500	616 923
AMÉRICA DO NORTE:			
	Santos	156 638	193 459 582
	Rio de Janeiro	8 075	9 868 170
Canadá	Angra dos Reis	1 260	1 527 948
	Paranaguá	48 580	54 749 665
	Total	214 553	259 605 365

PAÍSES DE DESTINO	Portos de procedência	Quantidade em sacas de 60 quilos	Valor em cruzeiros
Estados Unidos	Santos	4 502 401	5 549 446 120
	Rio de Janeiro	1 027 749	1 211 765 805
	Vitória	100 426	97 843 087
	Angra dos Reis	151 643	186 936 564
	Paranaguá	2 038 382	2 465 254 076
	Recife	500	597 442
	Total	7 821 101	9 511 843 094
AMÉRICA DO SUL:			
Argentina	Santos	73 767	94 875 898
	Rio de Janeiro	215 168	249 951 678
	Vitória	48 969	52 538 215
	Paranaguá	10 659	13 924 327
	Total	349 663	411 290 118
Chile	Santos	858	1 119 143
	Rio de Janeiro	10 380	12 091 558
	Vitória	44 772	45 713 114
	Total	56 020	58 923 815
Paraguai	Rio de Janeiro	2 250	2 835 106
Uruguai	Santos	705	895 521
	Rio de Janeiro	28 608	32 263 392
	Vitória	4 026	4 250 014
	Total	33 339	37 408 927
ÁSIA:			
Aden	Rio de Janeiro	170	180 340
Chipre	Santos	175	225 476
	Rio de Janeiro	22 400	24 375 244
	Vitória	250	250 887
	Total	22 825	24 851 607
Filipinas	Santos	629	786 935
	Rio de Janeiro	185	240 305
	Vitória	430	457 736
	Paranaguá	600	720 568
	Total	1 844	2 205 544
Iraque	Rio de Janeiro	53 875	57 672 022
Israel	Rio de Janeiro	169	190 229
Japão	Santos	13 438	17 208 854
	Rio de Janeiro	355	463 217
	Paranaguá	74	89 294
	Total	13 867	17 761 365
Líbano	Rio de Janeiro	6 097	6 696 908
Síria	Rio de Janeiro	2 523	2 901 109
Transjordânia	Rio de Janeiro	14 363	15 581 004

PAÍSES DE DESTINO	Portos de procedência	Quantidade em sacas de 60 quilos	Valor em cruzeiros
Turquia	Rio de Janeiro	85 534	94 600 214
	Vitória	3 373	3 829 873
	Total	88 907	98 430 087
EUROPA:			
Alemanha	Santos	450 235	592 703 374
	Rio de Janeiro	84 435	108 450 577
	Angra dos Reis	7 247	9 414 181
	Paranaguá ...	17 894	22 760 601
	Bahia	302	373 354
	Total	560 113	733 702 087
Andorra	Rio de Janeiro	89	104 431
Áustria	Santos	6 474	8 349 908
	Rio de Janeiro	14 487	17 023 845
	Vitória	606	699 879
	Total	21 567	26 073 632
Belgo-Lux. U. E.	Santos	134 343	172 616 369
	Rio de Janeiro	95 876	108 714 612
	Vitória	41 691	44 598 022
	Paranaguá ...	30 607	37 933 051
	Total	302 517	363 862 054
Dinamarca	Santos	226 787	280 041 633
	Rio de Janeiro	52 340	60 371 953
	Total	279 127	340 413 586
Finlândia	Santos	85 803	109 984 024
	Rio de Janeiro	219 899	240 837 779
	Total	305 702	350 821 803
França	Santos	196 166	251 784 994
	Rio de Janeiro	313 921	359 773 668
	Vitória	56 325	58 823 878
	Angra dos Reis	250	325 883
	Paranaguá ...	73 353	90 297 551
	Bahia	2 147	2 661 447
	Recife	17 615	21 807 713
	Total	659 777	785 475 134
Gibraltar	Santos	500	631 650
	Rio de Janeiro	4 931	5 158 021
	Vitória	7 680	7 957 090
	Total	13 111	13 746 761
Grã Bretanha	Santos	23 642	29 529 881
	Rio de Janeiro	75 415	84 071 206
	Paranaguá ...	163 412	198 829 955
	Bahia	250	290 257
	Total	262 719	312 721 299
Grécia	Rio de Janeiro	40 767	45 929 984

PAISES DE DESTINO	Portos de procedência	Quantidade em sacas de 60 quilos	Valor em cruzeiros
Holanda	Santos	196 661	251 574 157
	Rio de Janeiro	42 600	49 259 991
	Vitória	5 840	5 998 152
	Angra dos Reis	2 125	2 647 656
	Paranaguá	74 263	92 896 661
	Bahia	500	605 640
	Total	321 889	402 982 257
Irlanda	Santos	250	324 053
	Paranaguá	120	148 180
	Total	370	472 233
Islândia	Rio de Janeiro	12 450	13 953 810
Itália	Santos	193 450	254 077 476
	Rio de Janeiro	94 035	103 383 836
	Vitória	66 921	70 173 605
	Paranaguá	15 471	19 558 889
	Bahia	6 101	7 289 588
	Recife	5 177	6 196 840
	Total	381 155	460 680 234
Iugoslávia	Santos	3 662	4 606 745
	Rio de Janeiro	4 000	4 279 746
	Total	7 662	8 886 491
Malta	Rio de Janeiro	3 100	3 493 921
	Vitória	500	490 598
	Total	3 600	3 984 419
Noruega	Santos	107 500	132 851 079
	Rio de Janeiro	28 500	35 152 500
	Paranaguá	85 150	103 959 076
	Total	221 150	271 962 655
Polônia	Rio de Janeiro	1 646	1 974 968
Portugal	Rio de Janeiro	240	291 029
Suécia	Santos	587 220	751 103 375
	Rio de Janeiro	54 327	62 715 725
	Angra dos Reis	11 075	14 037 671
	Paranaguá	53 135	66 437 236
	Bahia	1 023	1 296 288
	Total	706 780	895 590 295
Suiça	Santos	1 525	1 989 128
	Rio de Janeiro	27 625	31 118 917
	Vitória	5 000	5 026 174
	Total	34 150	38 134 219
Tchecoslováquia	Rio de Janeiro	25 300	29 970 796

PAISES DE DESTINO	Portos de procedência	Quantidade em sacas de 60 quilos	Valor em cruzeiros
Trieste	Santos	16 559	21 174 605
	Rio de Janeiro	6 520	7 309 578
	Vitória	5 093	5 460 966
	Paranaguá	903	1 128 773
	Bahia	100	121 043
	Recife	418	523 952
	Total	29 593	35 718 917
Vaticano	Santos	3	3 000
OCEANIA:			
Austrália	Santos	582	735 801
Nova Zelândia	Santos	33	42 166
	Paranaguá	34	43 449
	Total	67	85 615
TOTAL GERAL		**13 014 316**	**15 797 394 953**

O PRECEITO DO DIA

DÊ FOLGA AO ESTÔMAGO

Só depois de ter-se completado a digestão no estômago, cêrca de quatro horas a refeição (almôço ou jantar), é que estamos em condições de ingerir novas porções de alimentos. Se o fizermos antes de esgotado êsse tempo, perturbamos a digestão e consamos o órgão.

Evite as perturbações digestivas, procurando espaçar de quatro horas suas refeições. — SNES.

EXPORTAÇÃO BRASILEIRA DE CAFÉ

III — Detalhe do volume em sacas de 60 quilos, pelos países de destino, segundo a procedência

JANEIRO a OUTUBRO DE 1952

PORTOS DE DESTINO	PORTOS DE PROCEDÊNCIA							
	Santos	Rio de Janeiro	Vitória	Angra dos Reis	Paranaguá	Bahia	Recife	TOTAL
AFRICA:								
ARGÉLIA: via Marselha	250	—	—	—	—	—	—	250
CANÁRIA:								
Las Palmas	—	2 500	5 166	—	—	—	—	7 666
Tenerife	—	2 942	2 500	—	—	—	—	5 442
EGITO: Alexandria	450	17 695	3 083	—	—	—	—	21 228
LÍBIA:								
Bengazi	—	2 000	—	—	—	—	—	2 000
Trípoli	—	603	—	—	—	—	—	603
MARROCOS ESPANHOL:								
via Tanger	—	1 666	17 250	—	—	—	—	18 916
MARROCOS FRANCÊS:								
Casablanca	—	2 200	23 811	—	—	—	—	26 011
RODÉSIA DO SUL: via Beira	50	—	—	—	—	—	—	50
SUDÃO ANGLO EGÍPCIO:								
Porto Sudan	—	2 166	—	—	—	—	—	2 166
SUDOESTE AFRICANO:								
Luderitz Bay	—	100	—	—	—	—	—	100
Walvis Bay	—	450	—	—	—	—	—	450
TANGER:	—	100	2 500	—	—	—	—	2 600
TUNÍSIA: Tunis	—	—	8 333	—	—	—	—	8 333
UNIÃO SUL AFRICANA:								
Cape Town	470	8 255	—	—	—	—	—	8 729
Durban	4 744	18 793	—	—	—	—	—	23 537
Johanesburgo	50	—	—	—	—	—	—	50
Mosel Bay	—	4 643	—	—	—	—	—	4 643
Port Elizabeth	225	7 025	—	—	—	—	—	7 250

PORTOS DE DESTINO	PORTOS DE PROCEDÊNCIA							
	Santos	Rio de Janeiro	Vitória	Angra dos Reis	Paranaguá	Bahia	Recife	TOTAL
AMÉRICA CENTRAL:								
PANAMA: Cristobal	500	—	—	—	—	—	—	500
AMÉRICA DO NORTE:								
CANADÁ:								
Halifax	2 350	250	—	—	250	—	—	2 850
Hamilton	—	—	—	—	180	—	—	180
London	500	—	—	—	—	—	—	500
Montreal	92 946	1 750	—	510	9 148	—	—	104 354
Saint John	1 631	—	—	—	4 850	—	—	6 481
Toronto	14 148	650	—	—	—	—	—	14 798
Vancover	40 913	4 175	—	750	30 207	—	—	76 045
Winnipeg	3 800	1 250	—	—	3 945	—	—	8 995
Via New York	350	—	—	—	—	—	—	350
ESTADOS UNIDOS:								
Báltimore	255 235	43 342	1 250	1 250	216 930	—	500	518 507
Boston	148 116	14 710	—	875	109 619	—	—	273 320
Charleston	9 533	16 500	3 000	1 250	4 625	—	—	34 908
Corpus Christi	2 250	1 000	—	—	2 250	—	—	5 500
Filadélfia	89 296	6 000	—	—	16 030	—	—	111 326
Houston	206 778	97 794	20 975	20 392	123 913	—	—	469 852
Jacksonville	197 669	26 250	—	3 750	52 620	—	—	280 289
Los Ângeles	94 864	24 410	—	—	104 421	—	—	223 695
New Orleans	1 028 290	321 687	71 025	57 295	478 436	—	—	1 956 733
New York	1 898 603	373 623	551	24 812	809 249	—	—	3 106 838
Norfolk	55 064	3 000	3 625	—	13 777	—	—	75 466
Oakland	42 985	—	—	—	—	—	—	42 985
Portland	25 209	4 195	—	1 500	14 775	—	—	45 679
San Francisco	368 755	85 063	—	39 019	69 559	—	—	562 396
Seattle	79 379	10 175	—	1 500	14 763	—	—	105 817
Tacoma	375	—	—	—	7 415	—	—	7 790

PORTOS DE DESTINO	PORTOS DE PROCEDÊNCIA							
	Santos	Rio de Janeiro	Vitória	Angra dos Reis	Paranaguá	Bahia	Recife	TOTAL
AMÉRICA DO SUL:								
ARGENTINA:								
Buenos Aires	73 567	197 982	47 421	—	10 659	—	—	329 629
Rosário	200	17 286	2 548	—	—	—	—	20 034
CHILE:								
Antofagasta	—	—	555	—	—	—	—	555
Arica	—	—	40	—	—	—	—	40
Coquimbo	—	—	45	—	—	—	—	45
Corral	—	50	975	—	—	—	—	1 025
Iquique	—	—	60	—	—	—	—	60
Puerto Mont	—	50	310	—	—	—	—	360
Punta Arena	—	418	3 040	—	—	—	—	3 458
Talcahuano	—	1 092	9 743	—	—	—	—	10 835
Valparaiso	868	8 770	30 004	—	—	—	—	39 642
PARAGUAÍ: Assunção	—	2 250	—	—	—	—	—	2 250
URUGUAÍ: Montevidéu	705	28 608	4 026	—	—	—	—	33 339
ÁSIA:								
ADEN: Beirute	—	170	—	—	—	—	—	170
CHIPRE:								
Famagusta	175	13 102	—	—	—	—	—	13 277
Larpaca	—	2 572	250	—	—	—	—	2 822
Limassol	—	6 726	—	—	—	—	—	6 726
FILIPINAS: Manila	629	185	430	—	600	—	—	1 844
IRAQUE: via Beirute	—	53 875	—	—	—	—	—	53 875
ISRAEL: Gaza	169	—	—	—	—	—	—	169
JAPÃO:								
Kobe	4 451	273	—	—	—	—	—	4 724
Yokohama	8 567	82	—	—	74	—	—	8 723
Nagoya	315	—	—	—	—	—	—	315
Osaca	105	—	—	—	—	—	—	105

PORTOS DE DESTINO	PORTOS DE PROCEDÊNCIA							
	Santos	Rio de Janeiro	Vitória	Angra dos Reis	Paranaguá	Bahia	Recife	TOTAL
LÍBANO: via Beurute	—	6 097	—	—	—	—	—	6 097
SÍRIA:								
Damasco	—	845	—	—	—	—	—	845
Lattapia	—	831	—	—	—	—	—	831
Via Beirute	—	847	—	—	—	—	—	847
TRANSJORDÂNIA:								
Aman	—	6 200	—	—	—	—	—	6 200
Via Beirute	—	8 163	—	—	—	—	—	8 163
TURQUIA:								
Mersina	—	2 496	—	—	—	—	—	2 496
Smirna	—	24 558	—	—	—	—	—	24 558
Istambul	—	58 480	3 373	—	—	—	—	61 853
EUROPA:								
ALEMANHA:								
Bremen	97 480	15 615	—	2 124	4 332	—	—	119 551
Frankfort	29 173	—	—	—	—	—	—	29 173
Hamburgo	321 457	68 820	—	5 123	13 562	302	—	409 264
Hellbornn	400	—	—	—	—	—	—	400
Verdingen	1 725	—	—	—	—	—	—	1 725
ANDORRA:								
Via Barcelona	—	66	—	—	—	—	—	66
Via Marselha	—	23	—	—	—	—	—	23
ÁUSTRIA:								
Via Amsterdam	644	1 123	—	—	—	—	—	1 767
Via Antuérpia	2 176	—	—	—	—	—	—	2 176
Via Hamburgo	3 287	2 512	408	—	—	—	—	6 207
Via Rotterdam	211	92	—	—	—	—	—	303
Via Trieste	156	10 760	198	—	—	—	—	11 114
BELGO LUXEMBURGUESA. U. E.								
Antuerpia	134 343	95 876	41 691	—	30 607	—	—	302 517

PORTOS DE DESTINO	PORTOS DE PROCEDÊNCIA							
	Santos	Rio de Janeiro	Vitória	Angra dos Reis	Paranaguá	Bahia	Recife	TOTAL
DINAMARCA:								
Aarhus	126	—	—	—	—	—	—	126
Aalborg	250	65	—	—	—	—	—	315
Copenhague	226 411	52 275	—	—	—	—	—	278 686
FINLÂNDIA: Helsinki	85 803	219 899	—	—	—	—	—	305 702
FRANÇA:								
Bordeos	5 875	24 771	125	—	2 600	—	1 140	34 511
Dunquerque	2 625	55 830	13 653	—	3 162	—	—	75 270
Havre	134 117	203 042	34 547	250	58 466	660	14 350	445 432
Marselha	46 766	27 996	8 000	—	8 250	859	2 125	93 996
Strasburgo	5 449	2 282	—	—	875	628	—	9 234
Strasburgo: via Amsterdam	1 184	—	—	—	—	—	—	1 184
Strasburgo: via Rotterdam	150	—	—	—	—	—	—	150
GIBRALTAR:								
GRÃ BRETANHA:	500	4 931	7 680	—	—	—	—	13 111
Liverpool	100	1 797	—	—	33 350	—	—	35 247
Londres	23 542	73 618	—	—	125 062	250	—	222 472
Manchester	—	—	—	—	5 000	—	—	5 000
GRÉCIA Pireus	—	40 767	—	—	—	—	—	40 767
HOLANDA:								
Amsterdam	131 953	31 965	3 340	1 000	43 935	500	—	212 693
Rotterdam	64 708	10 635	2 500	1 125	30 328	—	—	109 296
IRLANDA: Dublin	250	—	—	—	120	—	—	370
ISLÂNDIA: Reykjavik	—	12 450	—	—	—	—	—	12 450
ITÁLIA:								
Ancona	1 412	2 059	1 090	—	251	—	—	4 812
Bari	1 523	1 815	1 625	—	—	—	—	4 963
Cagliari	—	250	125	—	—	—	—	375
Catânia	1 293	1 803	600	—	—	—	—	3 696
Gênova	89 241	15 601	14 908	—	9 032	4 818	3 428	137 028
Livorno	8 874	1 112	2 699	—	625	82	—	13 392
Messina	418	1 515	1 193	—	—	—	—	3 126
Monfalcone	6 171	8 242	2 500	—	125	549	125	17 712

PORTOS DE DESTINO	PORTOS DE PROCEDÊNCIA							
	Santos	Rio de Janeiro	Vitória	Angra dos Reis	Paranaguá	Bahia	Recife	TOTAL
Nápoles	57 477	43 128	28 538	—	1 738	312	507	131 670
Palermo	775	4 765	1 749	—	—	—	24	7 313
Porto Torres	634	2 056	2 340	—	200	—	—	5 230
Riposto	100	451	337	—	—	—	—	888
Spézia	5 710	1 485	1 500	—	3 250	—	—	11 945
Veneza	19 852	9 753	7 717	—	250	340	1 093	39 005
IUGOSLÁVIA:								
Rijeka	—	4 000	—	—	—	—	—	4 000
Via Trieste	3 662	—	—	—	—	—	—	3 662
MALTA: Valeta	—	3 100	500	—	—	—	—	3 600
NOUREGA:	14 000	5 000	—	—	23 650	—	—	42 650
Bergen	74 000	19 250	—	—	45 500	—	—	138 750
Oslo	7 500	—	—	—	—	—	—	7 500
Stavanger	12 000	4 250	—	—	16 000	—	—	32 250
Trondhjem	—	1 646	—	—	—	—	—	1 646
POLÔNIA: Gdnia								
PORTUGAL: Funchal	—	240	—	—	—	—	—	240
SUÉCIA:								
Istocolmo	270 704	38 034	—	4 925	37 983	780	—	352 426
Gefle	250	500	—	—	—	—	—	750
Gotemburgo	193 459	9 743	—	3 525	10 276	243	—	217 246
Helsingborg	68 667	4 175	—	2 625	3 500	—	—	78 967
Malmo	54 140	1 875	—	—	1 126	—	—	57 141
Osterpind	—	—	—	—	250	—	—	250

PORTOS DE DESTINO	PORTOS DE PROCEDÊNCIA							
	Santos	Rio de Janeiro	Vitória	Angra dos Reis	Paranaguá	Bahia	Recife	TOTAL
SUIÇA:								
Via Amsterdam	1 275	8 594	500	—	—	—	—	10 369
Via Antuérpia	—	15 775	—	—	—	—	—	15 775
Via Gênova	—	2 506	4 000	—	—	—	—	6 506
Via Rotterdam	250	250	—	—	—	—	—	500
Via Trieste								
TCHECOSLOVÁQUIA:	—	500	500	—	—	—	—	1 000
Via Hamburgo	—	25 300	—	—	—	—	—	25 300
TRIESTE:	16 559	6 520	5 093	—	903	100	418	29 593
VATICANO:	3	—	—	—	—	—	—	3
OCEANIA:								
AUSTRÁLIA: Sidney	582	—	—	—	—	—	—	582
NOVA ZELÂNDIA:								
Dunedim	—	—	—	—	34	—	—	34
Wellengton	33	—	—	—	—	—	—	33
TOTAL	6 986 759	2 751 642	455 545	173 600	2 612 637	10 423	23 710	13 014 316

EXPORTAÇÃO BRASILEIRA DE CAFÉ

IV — Janeiro a Outubro de 1952, em comparação com igual período de 1951

1. DETALHE MENSAL

MESES	1951		1952		diferença (para + ou —) em 1952	
	Quantidade (sacos de 60 quilos)	(cruzeiros) Valor	Quantidade (sacos de 60 quilos)	Valor (cruzeiros)	Quantidade (sacos de 60 quilos)	Valor (cruzeiros)
Janeiro	1 241 156	1 483 548 701	1 510 375	1 789 866 134	+ 269 219	+306 317 433
Fevereiro	1 598 385	1 932 010 282	1 405 445	1 706 607 918	— 192 940	—225 402 364
Março	1 489 071	1 807 919 845	1 496 154	1 825 543 068	+ 7 083	+ 17 623 223
Abril	1 012 208	1 239 152 373	938 789	1 152 233 519	— 73 419	— 86 918 854
Maio	1 172 545	1 431 355 616	964 905	1 164 780 160	— 207 640	—266 575 456
Junho	914 292	1 105 370 898	1 086 946	1 302 399 900	+ 172 654	+197 029 002
Julho	891 810	1 063 395 804	1 072 676	1 301 061 162	+ 180 866	+237 665 358
Agôsto	1 407 054	1 637 768 098	1 468 117	1 794 263 170	+ 61 063	+156 495 072
Setembro	1 533 400	1 784 172 843	1 627 434	1 998 966 132	+ 94 034	+214 793 289
Outubro	1 763 933	2 068 681 593	1 443 475	1 761 673 790	— 320 485	—307 007 803
DEZ MESES	13 023 854	15 553 376 053	13 014 316	15 797 394 953	— 9 538	+244 018 900
Novembro	1 651 876	1 940 311 786	—	—	—	—
Dezembro	1 682 278	1 963 133 699	—	—	—	—
ANO	**16 358 008**	**19 456 821 538**	—	—	—	—

2. PORTOS DE PROCEDÊNCIA

PORTOS DE PROCEDÊNCIA	1951		1952		diferença (para + ou —) em 1952	
	Quantidade (sacos de 60 quilos)	Valor (cruzeiros)	Quantidade (sacos de 60 quilos)	Valor (cruzeiros)	Quantidade (sacos de 60 quilos)	Valor (cruzeiros)
Santos	6 105 323	7 478 290 097	6 986 759	8 730 586 711	+ 881 436	+1 152 296 614
Rio de Janeiro	3 715 439	4 195 661 231	2 751 642	3 172 059 955	— 963 797	—1 023 601 276
Vitória	414 330	418 755 535	455 545	469 363 468	+ 41 215	+ 50 607 933
Angra dos Reis	215 235	262 537 709	173 600	214 889 903	— 41 635	— 47 647 806
Paranaguá	2 520 000	3 034 782 003	2 612 637	3 168 731 352	+ 92 673	+133 949 349
Bahia	13 891	16 591 334	10 423	12 637 617	— 3 468	— 3 953 717
Recife	39 636	46 758 144	23 710	29 125 947	— 15 926	— 17 632 197
TOTAL	**13 023 854**	**15 553 376 053**	**13 014 316**	**15 797 394 953**	+ **9 538**	**+244 018 900**

EMBARQUES DE CAFÉ POR PAÍSES, PELO PÔRTO DO RIO DE JANEIRO, DURANTE O MÊS DE OUTUBRO DE 1952

CONTINENTES:	PAÍSES	SACAS	TOTAIS
EUROPA:	Alemanha	14.994	
	Áustria	270	
	Bélgica	8.497	
	Dinamarca	3.761	
	Espanha	66	
	Finlândia	29.761	
	França	34.986	
	Grã-Bretanha	15.833	
	Grécia	7.931	
	Holanda	13.300	
	Itália	1.880	
	Noruega	1.000	
	Suécia	1.375	
	Trieste	63	
	Turquia	6.464	140.181
AMÉRICA DO NORTE: ..	Canadá	1.600	
	Estados Unidos	117.425	119.025
AMÉRICA DO SUL:	Argentina	40.568	
	Chile	500	
	Paraguai	750	
	Uruguai	3.369	45.187
ÁFRICA:	Marrocos Francês	125	
	Sud. Africano	100	
	U. S. Africana	4.330	4.555
ÁSIA:	Chipre	550	
	Líbano	416	
	Síria	2.108	
	Transjordânia	1.257	
	Turquia	4.797	9.128
	Total p/ o exterior:		**318.076**
CABOTAGEM:			
	Norte	20	
	Sul	200	220
	TOTAL GERAL: ..		**318.296**

— Consumo de bordo — 28 scs.

EMBARQUES DE CAFÉ POR PAÍSES, PELO PÔRTO DO RIO DE JANEIRO, DURANTE O MÊS DE NOVEMBRO DE 1952

CONTINENTES	PAISES	SACAS	TOTAIS
EUROPA:	Alemanha	11.978	
	Áustria	1.951	
	Bélgica	11.075	
	Dinamarca	1.690	
	Finlândia	28.000	
	França	42.270	
	Grã-Bretanha	17.900	
	Holanda	12.100	
	Islândia	3.075	
	Itália	501	
	Iugoslávia	916	
	Noruega	250	
	Polônia	2.500	
	Suécia	1.602	
	Turquia	6.325	142.133
AMÉRICA DO NORTE:	Canadá	3.350	
	Estados Unidos	137.345	140.695
AMÉRICA DO SUL:	Argentina	18.714	
	Chile	1.585	
	Paraguai	325	
	Uruguai	2.962	23.586
ÁFRICA:	Marrocos Francês	125	
	Moçambique	100	
	U. S. Africana	2.970	3.195
ÁSIA:	Chipre	725	
	Líbano	4.774	
	Síria	2.802	
	Transjordânia	1.359	
	Turquia	3.874	13.534
	Total p/ o exterior:		**323.143**
CABOTAGEM: não houve			

Consumo de bordo — 51 sacas.

ENTRADAS E EMBARQUES DE CAFÉ, NO RIO DE JANEIRO, DURANTE O MÊS DE NOVEMBRO E SAFRA 1952/53

meses	entradas	embarques
1952		
Julho	94.641	175.548
Agôsto	181.972	216.216
Setembro	332.318	304.910
1. trimestre:	608.931	696.674
Outubro	379.395	318.296
Novembro	401.005	323.143

MOVIMENTO DE CAFÉ EM SANTOS

SAFRA 1952/53

MÊS	ENTRADAS						MOVIMENTO				
	Paulista	Mineiro	Goiano	Paranaense	Mato-grossense	Total	Embarques	Despachos	Café retirado do estoque	Encontradas a + na verf. do estoque	Existência
ulho	632 319	6 205	616	45 903	—	685 043	705 464	709 572	5 890	266 598	1 747 763
gôsto	771 189	350	3 030	22 345	—	796 914	834 265	828 283	4 796	—	1 705 616
etembro	882 249	5 126	4 080	28 265	—	919 720	..847 586	581 565	2 714	—	1 775 036
utubro	689 735	37 912	15 216	32 928	400	776 191	663 709	704 219	1 905	—	1 885 613
ovembro	545 909	10 897	6 595	37 828	—	601 229	646 000	601 601	45 332	—	1 795 510
Total	**3 521 401**	**60 490**	**29 537**	**167 269**	**400**	**3 779 097**	**3 698 024**	**3 695 240**	**60 637**	**266 598**	—

ENTRADAS DE CAFÉ NO MERCADO DO RIO DE JANEIRO, DURANTE O MÊS DE NOVEMBRO DE 1952

VIAS	PROCEDÊNCIAS						
	S. Paulo	M. Gerais	R. Janeiro	E. Santo	Paraná	Goiás	TOTAL
E. F. C. do Brasil	7.900	9.713	—	—	—	—	**17 613**
E. F. Leopoldina	—	15.997	3.879	11.369	—	—	**31.245**
Regulador	—	—	—	17.107	—	—	**17.107**
Rodoviário	28.693	236.215	17.379	30.305	17.918	4.230	**334.740**
Rodoviário-despolpado	—	300	—	—	—	—	300
TOTAIS:	**36.593**	**262.225**	**21.258**	**58.781**	**17 918**	**4.230**	**401.005**

COTAÇÕES DE CAFÉS NO DISPONÍVEL EM SANTOS, RIO DE JANEIRO E VITÓRIA

NOVEMBRO DE 1952

(Em Cr$ por 10 quilos)

DIA	SANTOS			RIO	Vitória
	Tipo 4 mole	Tipo 4 duro	Tipo 5 sem descrição	Tipo 7	Tipo 7
3	—	—	—	170 50	151 70
4	195 50	194 00	192 00	171 00	152 60
5	196 00	194 50	192 50	171 00	152 90
6	196 00	194 50	192 50	170 50	154 10
7	196 00	194 50	192 50	170 50	153 20
10	196 00	194 50	192 50	170 50	151 70
11	196 00	194 50	192 50	170 50	151 70
12	196 00	194 50	192 50	169 50	152 20
13	196 00	194 50	192 50	168 50	151 60
14	195 50	194 00	192 00	170 00	151 60
17	195 50	194 00	192 00	170 00	153 50
18	195 50	194 00	192 00	171 00	154 40
19	195 50	194 00	192 00	171 00	154 50
20	195 00	193 50	192 00	171 00	154 00
21	195 00	193 50	192 00	171 00	154 00
24	195 00	193 50	192 00	172 00	154 50
25	195 00	193 50	192 00	173 00	155 30
26	195 00	193 50	192 00	173 00	155 70
27	195 00	193 50	192 00	173 00	156 90
28	195 00	193 50	192 00	173 00	156 90
Média	**195 50**	**194 00**	**192.18**	**171 03**	**153 65**

MOVIMENTO DE CAFÉ

NOVEMB

DIA	ENTRADAS				
	S. Paulo	M. Gerais	R. Janeiro	Esp. Santo	Goiás
1	—	—	—	—	
3	—	910	1 446	4 929	
4	—	6 966	295	5 171	
5	—	22 619	—	—	
6	—	16 179	—	—	
7	9 062	3 240	811	1 500	
8	—	—	—	—	
10	—	5 868	3 308	6 053	
11	—	22 508	—	—	
12	—	13 507	—	—	2 47
13	—	12 587	623	8 854	
14	10 091	2 027	—	—	
17	—	30 206	3 628	1 885	
18	—	18 181	—	—	
19	—	10 986	—	10 543	
20	5 300	13 660	—	4 702	
21	—	15 337	811	4 523	
22	—	—	—	—	
24	4 965	12 423	1 556	—	
25	—	16 214	3 412	2 515	1 76
26	7 175	14 784	—	—	
27	—	11 926	531	5 163	
28	—	12 097	4 837	2 943	
29	—	—	—	—	
TOTAL	36 593	262 225	21 258	58 781	4 23

É NO RIO DE JANEIRO

RO DE 1952

	EMBARQUES					
Paraná	Total	Exterior	Total	Retirado do mercado	Consumo Local	Existência
—	—	24 713	24 713	63	—	265 208
—	7 285	—	—	—	—	272 493
—	12 432	2 875	2 875	—	—	282 050
—	22 619	—	—	200	—	304 469
1 175	17 354	5 484	—	—	—	316 339
—	14 613	2 003	2 003	—	—	328 949
—	—	15 092	15 092	100	—	313 757
—	15 229	45 509	45 509	200	—	283 277
—	22 508	1 511	1 511	300	—	303 974
—	15 977	6 839	6 839	—	—	313 112
—	22 064	33 820	33 820	—	—	301 356
—	12 118	4 334	4 334	—	—	309 140
5 018	40 737	22 699	22 699	600	20 000	306 578
—	18 181	15 902	15 902	—	—	308 857
—	21 529	15 791	15 791	—	—	314 595
—	23 662	29 387	29 387	305	—	308 565
—	20 671	8 000	8 000	75	—	321 161
—	—	17 873	17 873	250	—	303 038
6 075	25 019	19 076	19 076	—	—	308 981
—	23 901	5 562	5 562	75	—	327 245
5 650	27 609	1 000	1 000	—	—	353 854
—	17 620	5 962	5 962	—	—	365 512
—	19 877	1 296	1 296	300	—	383 793
—	—	38 415	38 415	148	20 000	325 230
17 918	**401 005**	**323 143**	**323 143**	**2 616**	**40 000**	**—**

COTAÇÃO DO DISPONÍVEL EM NOVA YORK

(Em cents por libra de 453,60 gr.) — Novembro de 1952

CAFÉS ESTRANGEIROS

PROCEDÊNCIA	DIAS				
	8	14	22	29	MÉDIA
COLÔMBIA:					
Medelin Excelso	(2) 57 1/2	(2) 57 1/4	(2) 57 1/4	(2) 57 00	57 1/4
Armenia	(2) 57 1/8	(2) 57 1/4	(2) 57 1/4	(2) 57 00	57 5/32
Manizales	(2) 57 1/8	(2) 57 1/4	(2) 57 1/4	(2) 57 00	57 5/32
Cucuta	(2) 56 7/8	(2) 57 00	(2) 57 00	(2) 56 3/4	56 29/32
Bogotá	(2) 56 7/8	(2) 57 00	(2) 57 00	(2) 56 3/4	56 29/32
Tolima	(2) 56 7/8	(2) 57 00	(2) 57 00	(2) 56 3/4	56 29/32
Ocana	(2) 56 7/8	(2) 57 00	(2) 57 00	(2) 56 3/4	56 29/32
COSTA RICA:					
Duro	(§) 58 1/2	n/cot.	n/cot.	(%) 57 1/2	58 00
Atlantico Fino	(%) 58 1/4	"	"	(%) 57 1/4	57 3/4
EQUADOR:					
Lavado	(6) 54 00	(6) 54 1/2	(6) 54 1/2	(2) 54 1/2	54 3/8
Extra não lavado	(2) 46 1/2	(2) 46 1/2	(2) 46 1/2	(2) 47 00	46 5/8
GUATEMALA:					
Antigua	n/cot.	n/cot.	n/cot.	n/cot.	—
Extra primeira	(%) 57 1/2	(%) 57 1/2	(%) 57 1/2	(%) 56 1/2	57 1/4
Lavado bom	(&) 55 1/4	(&) 56 1/2	(&) 56 1/2	(&) 55 1/4	56 1/8
Bourbon	(&) 55 1/2	(&) 55 3/4	(&) 55 3/4	(§) 54 1/2	55 3/8
HAITÍ:					
Lavado bom mole ...	(6) 54 1/2	(6) 54 1/2	(6) 54 1/2	(2) 54 00	54 3/8
Catado á mão	(2) 52 1/4	(2) 52 1/4	(2) 52 1/4	(2) 51 1/2	52 1/16
HONDURAS:					
Lavado bom	(6) 55 1/2	(6) 55 1/2	(6) 55 1/2	(6) 55 1/2	55 1/2
Tipo 5 — Comum duro	(2) 47 1/2	(2) 47 1/2	(2) 47 1/2	(2) 47 1/2	47 1/2

COTAÇÃO DO DISPONÍVEL EM NOVA YORK

(Em cents por libra de 453,60 gr.) — Novembro de 1952

CAFÉS ESTRANGEIROS

PROCEDÊNCIA	DIAS				
	8	14	22	29	MÉDIA
MÉXICO:					
Coatepec	(&) 56 1/2	(&) 56 00	(&) 56 00	(&) 55 1/2	56 00
Tapachula primeira	(&) 57 00	(&) 56 00	(&) 56 00	(&) 55 1/2	56 1/8
Maragogipe	n/cot.	—	—	—	—
NICARAGUA:					
Matagalpa	(%) 56 00	(%) 55 1/2	(%) 55 1/2	(%) 54 3/4	55 7/16
Lavado primeira	(%) 55 3/4	(%) 55 00	(%) 55 00	(%) 54 3/4	55 1/8
EL SALVADOR:					
Lavado	n/cot.	n/cot.	n/cot.	n/cot.	—
Não lavado	—	—	—	—	—
S. DOMINGOS					
Lavado bom mole	(6) 53 1/2	(2) 52 1/2	(2) 52 1/2	(2) 52 1/2	52 3/4
Fino	(&) 53 1/4	(2) 53 1/2	(2) 53 1/2	(2) 53 1/2	53 7/16
VENEZUELA:					
Maracaibo	(6) 56 00	(6) 55 1/2	(6) 55 1/2	(6) 55 1/2	55 5/8
Trujillo	—	—	—	—	—
CONGO BELGA:					
Lavado robusta	(6) 57 00	(6) 57 00	(6) 57 00	(6) 57 00	57 00
Natural robusta	(6) 44 1/2	(6) 44 00	(6) 44 00	(6) 44 00	44 1/8
MÓCA					
Móca (Arabia)	n/cot.	n/cot.	n/cot.	n/cot.	n/cot.
N.E.I.:					
Genuino Java lav.	(2) 68 00	(2) 68 00	(6) 68 1/4	(6) 67 1/2	67 15/16
Lavado robusta					
Natural Java robusta					
UGANDA:					
Lavado	(6) 45 00	(6) 43 00	(6) 43 00	(6) 43 00	43 1/2

INDICAÇÕES: 1) C. & F. — S.U.A. (Nova York)
2) Desembarcado à vista liquido
3) Disponível
4) F.O.B. (Nova York)
5) F.O.B. País de procedência

(§) Embarque Janeiro/Fevereiro
(%) " Dezembro/Janeiro
(&) " Novembro/Dezembro.

Cotações de Café a Têrmo em Nova York

(Em cents por libra de 453,60 gr) — Contrato "S"

NOVEMBRO DE 1952

DIAS	DEZEMBRO		MARÇO		MAIO		JULHO		SETEMBRO	
	A	F	A	F	A	F	A	F	A	F
3	53 06	53 30	52 45	52 70	52 10	52 32	51 85	51 95	51 25	51 28
5	53 00	53 40	52 50	52 80	52 00	52 47	51 99	52 10	51 33	51 50
6	53 10	53 08	52 50	52 60	52 40	52 25	52 00	51 95	51 30	51 35
7	53 05	52 05	52 50	52 48	52 16	52 16	51 85	51 85	51 26	51 25
10	52 95	52 88	52 40	52 30	52 00	51 95	51 75	51 62	51 20	51 02
12	52 70	52 70	52 05	52 17	51 78	51 80	51 40	51 50	50 95	50 93
13	52 65	52 75	52 20	52 20	51 70	51 90	51 55	51 60	51 00	51 00
14	52 75	52 90	52 20	52 50	51 92	52 15	51 60	51 85	51 00	51 25
17	53 00	53 05	52 55	52 58	52 20	52 20	51 85	51 87	51 25	51 32
18	53 00	52 90	52 60	52 40	52 15	52 00	51 75	51 66	51 25	51 13
19	52 85	52 80	52 31	52 38	51 90	51 95	51 56	51 65	51 05	51 08
20	52 80	52 85	52 35	52 45	51 90	52 02	51 55	51 70	51 08	51 12
21	52 75	52 76	52 60	52 40	52 20	51 95	51 60	51 64	51 00	51 06
24	52 70	52 73	52 28	52 41	52 05	52 00	51 50	51 68	50 90	51 13
25	52 66	52 89	52 35	52 63	51 97	52 21	51 65	51 88	51 06	51 31
26	53 00	52 98	52 73	52 70	52 35	52 06	52 04	51 41	51 41	51 44
28	53 08	53 14	52 85	52 75	52 35	52 35	52 04	52 03	51 49	51 45
Média	**52 89**	**52 95**	**52 44**	**52 50**	**52 07**	**52 12**	**51 74**	**51 80**	**51 16**	**51 21**

CÂMBIO NO RIO DE JANEIRO SÔBRE DIVERSAS PRAÇAS

I MERCADO LIVRE — VENDAS A VISTA

NOVEMBRO DE 1952

DIA	Londres £	Nova York dolar	Suiça franco	Portugal escudo	Argentina peso	Uruguai peso	Suécia corôa	Holanda florin
1	52,41 60	18,72 00	4,40 14	0,65 72	1,34 48	6,89 50	3,62 09	—
3	52,41 60	18,72 00	4,40 14	0,65 72	1,34 48	6,89 50	3,62 09	—
4	52,41 60	18,72 00	4,40 14	0,65 72	1,34 48	6,99 81	3,62 09	—
5	52,41 60	18,72 00	4,40 14	0,65 72	1,34 48	6,75 74	3,62 09	—
6	52,41 60	18,72 00	4,40 14	0,65 72	1,34 48	6,65 94	3,62 09	—
7	52,41 60	18,72 00	4,40 14	0,65 72	1,34 48	6,83 21	3,62 09	—
8	52,41 60	18,72 00	4,40 14	0,65 72	1,34 48	6,79 49	3,62 09	—
10	52,41 60	18,72 00	4,40 14	0,65 72	1,34 48	6,79 49	3,62 09	—
11	52,41 60	18,72 00	4,40 34	0,65 72	1,34 48	6,78 26	3,62 09	—
12	52,41 60	18,72 00	4,40 34	0,65 72	1,34 48	6,85 71	3,62 09	—
13	52,41 60	18,72 00	4,40 34	0,65 72	1,34 48	6,89 50	3,62 09	—
14	52,41 60	18,72 00	4,40 34	0,65 72	1,34 48	6,88 24	3,62 09	—
17	52,41 60	18,72 00	4,40 34	0,65 72	1,34 48	6,94 62	3,62 09	4,92 34
18	52,41 60	18,72 00	4,40 34	0,65 72	1,34 48	6,88 24	3,62 09	—
19	52,41 60	18,72 00	4,40 34	0,65 72	1,34 48	6,90 77	3,62 09	—
20	52,41 60	18,72 00	4,40 34	0,65 72	1,34 48	6,99 81	3,62 09	—
21	52,41 60	18,72 00	4,40 34	0,65 72	1,34 48	6,94 62	3,62 09	—
22	52,41 60	18,72 00	4,40 34	0,65 72	1,34 48	6,94 62	3,62 09	—
24	52,41 60	18,72 00	4,40 34	0,65 72	1,34 48	6,92 05	3,62 09	—
25	52,41 60	18,72 00	4,40 34	0,65 72	1,34 48	6,89 50	3,62 09	—
26	52,41 60	18,72 00	4,40 34	0,65 72	1,34 48	6,86 24	3,62 09	—
27	52,41 60	18,72 00	4,40 34	0,65 72	1,34 48	6,93 33	3,62 09	—
28	52,41 60	18,72 00	4,40 34	0,65 72	1,34 48	6,87 21	3,62 09	—
29	52,41 60	18,72 00	4,40 34	0,65 72	1,34 48	6,87 21	3,62 09	4,91 96
Média	**52,41 60**	**18,72 00**	**4,40 27**	**0,65 72**	**1,34 48**	**6,87 60**	**3,62 09**	**4,92 15**

CÂMBIO NO RIO DE JANEIRO SÔBRE DIVERSAS PRAÇAS

II MERCADO LIVRE — COMPRAS À VISTA

NOVEMBRO DE 1952

DIA	Londres £	Nova York dolar	Suiça franco	Portugal escudo	Argentina peso	Uruguai peso	Suécia corôa	Holanda florin
1	51,46 40	18,38 00	4,28 62	0,63 64	1,31 76	6,65 94	3,55 51	—
3	51,46 40	18,38 00	4,28 62	0,63 64	1,31 76	6,65 94	3,55 51	—
4	51,46 40	18,38 00	4,28 62	0,63 64	1,31 76	6,75 74	3,55 51	—
5	51,46 40	18,38 00	4,28 62	0,63 64	1,31 76	6,75 74	3,55 51	—
6	51,46 40	18,38 00	4,28 62	0,63 64	1,31 76	6,65 94	3,55 51	—
7	51,46 40	18,38 00	4,28 62	0,63 64	1,31 76	6,59 96	3,55 51	—
8	51,46 40	18,38 00	4,28 62	0,63 64	1,31 76	6,36 49	3,55 51	—
10	51,46 40	18,38 00	4,28 62	0,63 64	1,31 76	6,36 49	3,55 51	—
11	51,46 40	18,38 00	4,28 81	0,63 64	1,31 76	6,55 25	3,55 51	—
12	51,46 40	18,38 00	4,28 81	0,63 64	1,31 76	6,62 34	3,55 51	—
13	51,46 40	18,38 00	4,28 81	0,63 64	1,31 76	6,56 94	3,55 51	—
14	51,46 40	18,38 00	4,28 81	0,63 64	1,31 76	6,64 74	3,55 51	—
17	51,46 40	18,38 00	4,28 81	0,63 64	1,31 76	6,64 74	3,55 51	4,83 39
18	51,46 40	18,38 00	4,28 81	0,63 64	1,31 76	6,64 15	3,55 51	—
19	51,46 40	18,38 00	4,28 81	0,63 64	1,31 76	6,70 80	3,55 51	—
20	51,46 40	18,38 00	4,28 81	0,63 64	1,31 16	6,75 74	3,55 51	—
21	51,46 40	18,38 00	4,28 81	0,63 64	1,31 76	6,68 80	3,55 51	—
22	51,46 40	18,38 00	4,28 81	0,63 64	1,31 76	6,68 36	3,55 51	—
24	51,46 40	18,38 00	4,28 81	0,63 64	1,31 76	6,65 36	3,55 51	—
25	51,46 40	18,38 00	4,28 81	0,63 64	1,31 76	6,65 94	3,55 51	—
26	51,46 40	18,38 00	4,28 81	0,63 64	1,31 76	6,64 74	3,55 51	—
27	51,46 40	18,38 00	4,28 81	0,63 64	1,31 76	6,69 58	3,55 51	—
28	51,46 40	18,38 00	4,28 81	0,63 64	1,31 76	6,73 26	3,55 51	—
29	51,46 40	18,38 00	4,28 81	0,63 64	1,31 76	6,73 26	3,55 51	4,83 03
Média	**51,46 40**	**18,38 00**	**4,28 75**	**0,63 64**	**1,31 76**	**6,65 14**	**3,55 51**	**4,83 21**

CÂMBIO EM SÃO PAULO

Média diária, afixada pela Bolsa Oficial de Valores de São Paulo, no mês de OUTUBRO DE 1952

DIAS	Inglaterra	Estados Unidos	Canadá	Uruguai	Holanda	Suiça	Suécia	Dinamarca	Espanha	Portugal	Bélgica	França
1	52,4160	18,72	—	—	—	3,6209	2,7353	—	—	—	0,3778	0,0535
2	52,4160	18,72	—	—	—	—	2,7353	—	—	0,6572	0,3778	0,0535
3	52,4160	18,72	6,8446	4,9196	4,4034	—	2,7353	—	—	0,6572	0,3778	0,0535
4	52,4160	18,72	—	—	4,4034	3,6209	2,7353	—	—	0,6572	0,3778	0,0535
6	52,4160	18,72	—	—	—	—	—	—	—	—	—	0,0535
7	52,4160	18,72	—	4,9196	—	3,6209	2,7353	—	—	—	—	0,0535
8	52,4160	18,72	18,72	—	—	3,6209	2,7353	—	—	0,6572	0,3778	0,0535
9	52,4160	18,72	—	—	4,4024	3,6209	2,7353	—	—	0,6572	0,3778	0,0535
10	52,4160	18,72	—	4,9234	4,4024	3,6209	2,7353	1,7096	—	0,6572	0,3778	0,0535
11	52,4160	18,72	—	4,9334	4,4024	3,6209	2,7353	—	—	0,6572	—	0,0535
13	52,4160	18,72	6,7949	—	—	—	2,7353	—	—	0,6572	—	0,0535
14	52,4160	18,72	—	—	4,4024	3,6209	2,7353	—	—	—	0,3778	0,0535
15	52,4160	18,72	—	—	—	—	2,7353	—	—	—	0,3778	0,0535
16	52,4160	18,72	—	—	4,4024	3,6209	2,7353	—	—	—	0,3778	0,0535
17	52,4160	18,72	—	4,9252	4,4024	3,6209	2,7353	—	—	—	0,3778	0,0535
18	52,4160	18,72	—	—	4,4034	—	2,7353	—	—	—	0,3778	0,0535
20	52,4160	18,72	—	—	4,4043	—	—	—	—	—	0,3778	0,0535
21	52,4160	18,72	—	4,9252	4,4043	—	2,7353	—	1,3448	0,6572	0,3778	0,0535
22	52,4160	18,72	—	—	4,4043	—	2,7353	—	—	0,6572	—	0,0535
23	52,4160	18,72	—	—	4,4043	—	2,7353	1,7096	—	0,6572	—	0,0535
24	52,4160	18,72	—	4,9252	4,4034	3,6209	2,7353	—	—	0,6572	0,3778	0,0535
25	52,4160	18,72	—	4,9234	—	—	2,7353	—	—	—	—	0,0535
27	52,4160	18,72	—	—	4,3995	—	2,7353	—	—	—	—	0,0535
28	52,4160	18,72	—	—	4,4034	3,6209	2,7353	—	—	0,6572	0,3778	0,0535
29	52,4160	18,72	—	—	—	3,6209	2,7353	—	—	—	0,3778	0,0535
30	52,4160	18,72	—	—	4,4024	—	2,7353	1,7096	—	—	0,3778	0,0535
31	52,4160	18,72	—	—	4,3778	3,6209	2,7353	1,7096	—	—	—	0,0535
Média	**52,4160**	**18,72**	**18,72**	**6,8197**	**4,9243**	**4,4018**	**3,6209**	**2,7353**	**1,7096**	**1,3448**	**0,6572**	**0,3778**	**0,0535**

CÂMBIO

Resumo das operações de Câmbio, efetuadas pelos Bancos durante o mês de Outubro de 1952

PAÍSES	MOÉDAS	COMPRAS	VENDAS
Bélgica	Francos	96.378.404	90.885.445
Canadá	Dólares	15	7
Dinamarca	Corôas	7. 157.915	10.743.926
Espanha	Pesêtas	1.280	2.196
Estados Unidos	Dólares	11.882.977	14.111.663
França	Francos	1.128.148.491	1.182.635.812
Holanda	Florins	144.986	102.319
Inglaterra	Libras	183.631	222.533
Portugal	Escudos	40.924	211.506
Suécia	Corôas	7.304.940	10.513.328
Suiça	Francos	31.279	185.420
Uruguai	Pêsos	—	185
Argentina	Pêsos	110	8
CONVÊNIOS			
US$ Alemanha		4.733.979	4.980.078
US$ Áustria		341.738	346.964
US$ Chile		530.496	278,798
US$ Espanha		505.648	573.283
US$ Grécia		349	44
US$ Itália		241.249	180.871
US$ Japão		136.207	213.852
US$ Polônia		1.300	33.564
US$ Portugal		23.199	58.820
US$ Tchecoslováquia		352.079	250.401
US$ Uruguai		31.058	555.520
US$ Yugoslávia		11.100	11.100
Brasileiro-Argentino		Cr$ 8.951,20	Cr$ 962.386,30
Brasileiro-Holandês		Cr$ 4.789,10	Cr$ 2.633.384,90
Brasileiro-Norueguês		Cr$ 17.600,00	Cr$ 1.512.606,00

Resumo dos negócios realizados no mês de Outubro de 1952

MOÉDAS	Quantidade	Valor em Cr$
Corôas Dinamarquesas	9.170.249	25.083.384,00
Corôas Suécas	11.490.572	41.606.214,00
Dólares	22.455.425	420.365.566,00
Escudos	99.088	65.121,00
Florins	314.251	1.547.466,00
Francos Bélgas	82.306.582	31.095.427,00
Francos Francêses	1.328.109.495	71.053.858,00
Francos Suiços	885.053	3.895.826,00
Libras	406.116	21.286.993,00
Pêsos Argentinos	107	145,00
Total		**Cr$ 616.000.000,00**

Total em Libras e Dólares de acôrdo com a média mensal à vista sôbre a Inglaterra e Estados Unidos, afixada êste mês por esta Bolsa.

£ ..... 11.752.136 — 52,4160
US$ ..... 32.905.982 = 18,7200

Total computado em Outubro de 1951 ..... 1.960.000.000,00
Total computado em Setembro de 1952 ..... 864.000.000,00
Total computado em Outubro de 1952 ..... 616.000.000,00

ÍNDICE

COLABORAÇÃO:

A mineração do "húmus" — J. Testa 1099
Restauração das lavouras cafeeiras — William Wilson Coelho de Souza 1102
A agricultura africana vista por um agrônomo brasileiro — O. T. Mendes Sobrinho 1104
Contabilidade agrícola e pastoril — J. Bemelmans 1125

RESUMOS E TRANSCRIÇÕES:

A África e o Brasil 1137
Entusiasmado um correspondente norte-americano com o progresso do Paraná 1139
Mercado cafeeiro holandês 1140
A colheita de café 1144
Decreto n.º 21.866, de 19 de novembro de 1952 1145
Criação de uma carteira contra o granizo na lavoura do café 1146
Safra cafeeira paranaense 1146
O café visto nos Estados Unidos (Cartas semanais do Escritório Pan-Americano do Café — Nova York) 1147
Meios de recuperação da lavoura cafeeira 1162

ESTATÍSTICA:

Suplemento Estatístico n.º 323 1164
Exportação Brasileira de Café — I — Detalhe pelos países de destino — outubro 1166
Exportação Brasileira de Café — II — Detalhe pelos portos de procedência — Janeiro a Outubro de 1952 1169
Exportação Brasileira de Café — III Detalhe do volume em sacas de 60 quilos, pelos países de destino, segundo a procedência Janeiro a Outubro de 1952 1174
Exportação Brasileira de Café — IV — Janeiro a Outubro de 1952, em comparação com igual período de 1952 — 1, Detalhe mensal 1181
Embarques de café por países pela pôrto do Rio de Janeiro, outubro 1183
Embarques de café por países, pelo pôrto do Rio — Novembro 1184
Entradas e embarques de café, no Rio — Novembro e safra 1952/53 1186
Movimento de café na praça de Santos — Novembro ..... Apenso
Movimento de café no Rio de Janeiro — Novembro ..... Apenso
Movimento de café em Santos — Safra 1952/53 1185
Entradas de café no mercado do Rio de Janeiro — novembro 1185
Cotações de cafés no disponível em Santos, Rio e Vitória — novembro .. 1186
Cotação do disponível em Nova York — cafés estrangeiros — novembro .. 1187
Cotações de Café a Têrmo em Nova York — Contrato "S" — novembro .. 1189
Câmbio no Rio de Janeiro sôbre diversas praças — I — Mercado Livre — Vendas à vista — novembro 1190
Câmbio no Rio de Janeiro sôbre diversas praças — II Mercado Livre — Compras à vista — novembro 1191
Câmbio em São Paulo, média diária — outubro 1192
Câmbio — Resumo das operações de Câmbio — outubro 1193
Balancete financeiro em 31 de outubro de 1952 do Instituto de Café do Estado de S. Paulo ..... Apenso
Câmbio em Nova York sôbre diversas praças — novembro ..... Apenso

CÂMBIO EM NOVA YOR

NOVEM

DIA	Londres £	Montreal $	R. Janeiro Cr$	B. Aires peso	Montevidéo peso
3	2,80 1/2	1,03 9/16	0,05 46	0,07 20	0,37 00
5	2,80 3/16	1,03 1/4	0,05 46	0,07 20	0,36 50
6	2,80 1/8	1,03 1/8	0,05 46	0,07 20	0,37 00
7	2,79 15/16	1,02 3/4	0,05 46	0,07 20	0,36 75
10	2,79 13/16	1,02 7/16	0,05 46	0,07 20	0,36 50
12	2,79 13/16	1,01 11/16	0,05 46	0,07 20	0,37 00
13	2,80 1/16	1,01 9/16	0,05 46	0,07 20	0,37 00
14	2,80 1/8	1,01 13/16	0,05 46	0,07 20	0,37 75
17	2,80 1/16	1,01 5/8	0,05 46	0,07 25	0,37 00
18	2,79 15/16	1,01 7/8	0,05 46	0,07 20	0,37 25
19	2,80 1/16	1,02 00	0,05 46	0,07 20	0,37 50
20	2,80 1/16	1,02 1/16	0,05 46	0,07 20	0,37 25
21	2,80 1/16	1,02 1/16	0,05 46	0,07 22	0,37 00
24	2,80 1/16	1,02 1/16	0,05 46	0,07 20	0,36 87
25	2,80 1/4	1,02 5/16	0,05 46	0,07 20	0,36 87
26	2,80 1/4	1,02 1/2	0,05 46	0,07 25	0,37 00
28	2,80 5/16	1,02 3/4	0,05 46	0,07 25	0,37 38
Média	**2,80 7/64**	**1,02 5/16**	**0,05 46**	**0,07 21**	**0,36 92**

(SÔBRE DIVERSAS PRAÇAS

RO DE 1952

Paris frc. livre	Berna frc. livre	Stockolmo corôa	Lisbôa escudo	Bélgica franco	Amsterdam guilder
0,0028 5/8	0,23 33 1/2	0,19 35	0,03 48 1/2	0,0200 00	0,26 34
0,0028 5/8	0,23 33	0,19 35	0,03 49 00	0,0200 1/8	0,26 35
0,0028 5/8	0,23 33	0,19 35	0,03 49 00	0,0200 1/8	0,26 35
0,0028 5/8	0,23 33 1/2	0,19 35	0,03 49 00	0,0200 00	0,26 35
0,0028 5/8	0,23 34	0,19 35	0,03 49 1/2	0,0200 1/8	0,26 34
0,0028 5/8	0,23 34	0,19 35	0,03 49 00	0,0200 1/8	0,26 34
0,0028 5/8	0,23 34 1/2	0,19 35	0,03 48 3/4	0,0200 00	0,26 32
0,0028 5/8	0,23 33 1/2	0,19 35	0,03 49 00	0,0200 1/8	0,26 32
0,0028 5/8	0,23 34	0,19 35	0,03 49 00	0,0200 00	0,26 34
0,0028 5/8	0,23 34 1/2	0,19 35	0,03 49 00	0,0200 1/8	0,26 30
0,0028 5/8	0,23 34 1/2	0,19 35	0,03 49 00	0,0200 00	0,26 30
0,0028 5/8	0,23 34 1/2	0,19 35	0,03 49 00	0,0200 00	0,26 30
0,0028 5/8	0,23 34	0,19 35	0,03 49 00	0,0200 1/8	0,26 30
0,0028 5/8	0,23 34 1/2	0,19 35	0,03 49 00	0,0200 1/8	0,26 30
0,0028 5/8	0,23 34 1/2	0,19 35	0,03 49 00	0,0200 00	0,26 32
0,0028 5/8	0,23 34 1/2	0,19 35	0,03 49 00	0,0200 1/8	0,26 30
0,0028 5/8	0,23 34	0,19 35	0,03 49 00	0,0200 1/8	0,26 30
0,0028 5/8	**0,23 34**	**0,19 35**	**0,03 48 63/64**	**0,0200 5/64**	**0,26 32**

PARA ANÚNCIOS NESTE BOLETIM

Dirijam-se à Rua Bôa Vista, 245 — 3º Andar
— Fones, 32-8357 e 33-1432 —
R. PASTORE — AGENTE AUTORIZADO: NEWTON FEITOZA

TABELA DE PREÇOS

Página de capa interna (2.ª e 3.ª de capa)	1	página,	Cr.$2.000,00
Página de texto	1	"	Cr.$1.500,00
" " "	½	"	Cr.$ 800,00
" " "	¼	"	Cr.$ 500,00

Os agentes autorizados são portadores de apresentação

AVISOS

Já estão reimpressas algumas de nossas separatas, cuja distribuição havia sido suspensa, e que podem agora ser novamente remetidas, em escala limitada, aos interessados.

São as seguintes:

"A Broca do Café" — Jacob Bergamin
"Expurgo de sementes de café infestadas p/ broca do café" — Jacob Bergamin
"Culturas Acessórias na Fazenda de Café — Arroz" — H. J. Miranda
"Culturas Subsidiárias na Fazenda de Café — A Mandioca" — Edgard S. Noronha
"Culturas Acessórias na Fazenda de Café — Feijão Soja" — N. A. Neme
"Técnica das adubações" — A. Menezes Sobrinho.
"O contrôle à erosão nos cafèzais" — Hélio V. de Camargo Bittencourt
"O mais edificante exemplo de restauração de cafèzal velho e decadente que já ví" — Rogério de Camargo
"Economia Cafeeira" — A. Menezes Sobrinho
"Adubação verde p/ cafèzais" — José E. Teixeira Mendes
"Da secagem mecânica do café" — Rogério de Camargo
"Despolpamento" — J. Aloisi Sobrinho
"Melhoramento do cafeeiro" — C. A. Krug
"Restauração de culturas permanentes" — William W. C. de Souza
"Conservação do solo e revestimento vegetal" — Francisco M. Aires de Alencar
"A saúde do trabalhador rural" — Adalberto de Q. Teles Júnior
Conservação do solo em cafèzal — J. Quintiliano A. Marques

* * *

Insistimos na necessidade de nos comunicarem, os interessados, seu desejo de continuar a receber êste Boletim, assim como possíveis alterações de enderêço, sem o que será sustada a remessa àqueles que nos deixem de fazer essas necessárias comunicações.

Tipografia Aurora Ltda. — São Paulo

CAFÉ
SANTOS